



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS**  
**CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

**SIMONY RODRIGUES MARINS**

**PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS: UM ESTUDO DE INSPIRAÇÃO  
ETNOGRÁFICA ENTRE UMA ORGANIZAÇÃO E SUAS VIZINHANÇAS.**

**FORTALEZA/CE**

**2015**

**SIMONY RODRIGUES MARINS**

**PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS: UM ESTUDO DE INSPIRAÇÃO  
ETNOGRÁFICA ENTRE UMA ORGANIZAÇÃO E SUAS VIZINHANÇAS.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Silvia Rocha Ipiranga.

**FORTALEZA/CE**

**2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Marins, Simony Rodrigues.

Práticas espaciais cotidianas: Um estudo de inspiração etnográfica entre uma organização e suas vizinhanças [recurso eletrônico] / Simony Rodrigues Marins. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 154 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) Área de concentração: Pequenos e Médios Negócios - PMN.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Silvia Rocha Ipiranga.

1. Práticas organizacionais espaciais. 2. Cotidiano. 3. Inspiração Etnográfica. I. Título.

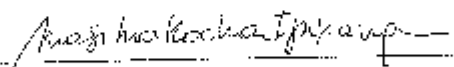
SIMONY RODRIGUES MARINS

PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS: UM ESTUDO DE INSPIRAÇÃO  
ETNOGRÁFICA ENTRE UMA ORGANIZAÇÃO E SUAS VIZINHANÇAS

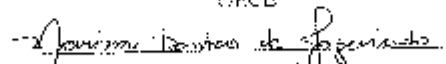
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Administração.

Aprovada em: 09/03/2015.

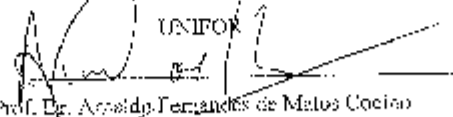
BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr.ª Ana Sílvia Rocha Ipiranga (Orientadora)

URCE

  
Prof. Dr.ª Márcia Dantas de Figueiredo

UNIFOR

  
Prof. Dr. Arnaldo Fernandes de Matos Coelho

UC

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram os eventos ocorridos durante o percurso do Mestrado e que vieram a resultar neste trabalho final. São as pessoas abaixo a quem dedico especial agradecimento nesta fase, marcante não apenas em termos acadêmicos, mas fundamentalmente pessoais.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, nesta fase foi possível compreender e estreitar muitos laços espirituais, antes mais conflituosos.

Aos meus pais e irmã, que sempre estimularam minha educação, me apoiaram, investiram em minhas escolhas com toda calma e carinho, principalmente na reta final, onde seu apoio mostrou-se definidor em muitas de minhas ações.

À orientadora, Professora Ana Silvia Rocha Ipiranga, que me inspirou com seus trabalhos e profissionalismo e por sua paciência com meu jeito ansioso. Por aceitar orientar-me à distância mesmo nesta fase final e mesmo assim, conseguindo demonstrar importante atenção e preocupações, fatores que me servem de exemplo e que me inspiram ainda mais à vida acadêmica. Colocou-se como o principal apoio acadêmico.

A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de estudos, que mostrou-se definidora na oportunização da prática etnográfica aqui desempenhada e mesmo no Mestrado como um todo.

À Organização em estudos, que desde os primeiros contatos demonstrou-se solícita e solidária com a pesquisa. Local onde pude fazer novas descobertas e desenvolver novas relações, onde pude apreciar mais sensivelmente o campo cultural e o próprio exercício da pesquisa.

Às bancas de qualificação e participações, Professores Marina Dantas (quem aceitou gentilmente continuar inclusive em minha banca de defesa), Hermano Carvalho e Carolina Dantas, todos dedicaram valiosas contribuições ao estudo. E ainda pela participação do Professor Arnaldo Coelho na banca final, algo que agradeço também à Professora Ana Silvia.

Aos amigos pessoais e do Mestrado, que compartilharam esse momento dando apoio e recebendo os desabafos pertinentes ao momento, em especial, Carla Barreto, Ana Paula Benicio, Monah Monteiro, Andreia Almeida, Renata Cruz, Alice Cardoso, João Paulo, Renata Scavuzzi, Carol Villarando, Amanda Ferreira, Thays Venturim e Maria Gabriela. Aos professores e amigos da UFF (Universidade Federal Fluminense), em especial, Prof<sup>as</sup>. Verônica F. Mayer, Sandra Mariano e Aguinaldo Fratucci, que sempre me

estimularam na caminhada acadêmica e aos demais professores da UECE que apoiaram o desenvolvimento deste estudo por suas contribuições durante o Mestrado e em artigos, em especial, Professores Márcio Mota, Ana Batista, Ana Augusta, Samuel Câmara, Daniel Pinheiro, Paulo Cesar Batista, Luzia Neide Coriolano e Karlos Markes.

Às forças que me acompanham, me levantando e insistindo a cada tropeço ou desestímulo para que permaneça insistente.

o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como “sentido”, remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um “recebido”, e o que sai dela é um “produto”. As coisas que entram na página são sinais de uma “passividade” do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos (CERTEAU, 2013, p.205).

## RESUMO

Este estudo buscou identificar e descrever as práticas de espaço da organização sob estudo em sua relação com o espaço urbano no qual se situa pelo recorte do bairro. Para alcançar este objetivo geral, buscou-se como objetivos específicos: a) Compreender o contexto histórico dos espaços, organização e bairros, sob estudo; b) identificar os agentes e descrever as práticas de espaço da organização pelo recorte do bairro no qual está inserida; c) Indicar as influências das práticas espaciais no espaço urbano. Para tanto, utilizou-se do aporte teórico das práticas espaciais cotidianas de Michel de Certeau (2011, 2012, 2013). A organização escolhida localiza-se nos limiões dos bairros Centro e Praia de Iracema (Fortaleza/CE), e vincula-se a espacialidade cultural destes bairros. A inspiração etnográfica foi utilizada na identificação das práticas. Foram identificadas as chamadas práticas de vizinhança direta, cultural e funcional e estas interpretadas quanto ao seu caráter tático ou estratégico. Observou-se que a Organização possui práticas que apropriam espaços sendo predominantes as apropriações por práticas do tipo tático. Foram observadas imbricações entre os espaços da organização e seu espaço urbano que denunciam conflitos sociais presentes em espacialidades maiores, conflitos estes que acabam por influenciar diferentes maneiras de organizar. Há além observações quanto ao caráter de alteração na apropriação de espaços públicos pelos diferentes usos organizacionais, denunciando a atuação da pequena Organização em seu espaço urbano mais amplo.

**Palavras-chave:** Práticas organizacionais espaciais. Cotidiano. Inspiração etnográfica.



## ABSTRACT

This study sought to identify and describe the organization's area of practice under study in its relationship with the urban space in which is located the cut of the neighborhood. To achieve this overall objective, we sought the following objectives: a) to understand the historical context of space, organization and neighborhoods under study; b) to identify agents and describe the organization's area of practice by clipping the neighborhood in which it operates; c) indicate the influences of spatial practices in urban space. Therefore, we used the theoretical framework of everyday spatial practices of Michel de Certeau (2011, 2012, 2013). The organization chosen located at the threshold of the Centre neighborhoods and Iracema Beach (Fortaleza / CE), and links to cultural spatiality of these neighborhoods. The ethnographic inspiration was used to identify the practices. Calls practices of direct neighborhood, cultural and functional and they interpreted as to its tactical or strategic nature were identified. It was observed that the Organization has practices that appropriated spaces being predominant appropriations for practical tactical type. Overlaps were observed between the organization and its urban spaces space denouncing social conflicts present in larger spatiality, these conflicts that end up influencing different ways to organize. There besides observations on the change of character in the appropriation of public spaces by different organizational uses, denouncing the actions of the small organization in its widest urban space.

**Keywords:** Spatial organizational practices. Everyday. Ethnographic inspiration

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Expansão do Centro de Fortaleza desde o século XVIII .....	60
Figura 2: Praia do Peixe (Praia de Iracema em 1931) .....	61
Figura 3: Praia de Iracema (2014) .....	66
Figura 4: Primeiro quarteirão .....	70
Figura 5: Esquema da rua .....	71
Figura 6: Rua .....	71
Figura 7: Quarteirão da Analógica e vínculos com outras ruas.....	74
Figura 8: Analógica - biblioteca .....	76
Figura 9: Analógica - salão.....	77
Figura 10: Analógica em comemoração .....	78
Figura 11: Percorso etnográfico – Imbricação dos espaços organizacionais –relação organização-bairros (cartografia) .....	110
Figura 12: Percorso etnográfico – Imbricação dos espaços organizacionais – relação organização-bairros (sequência de descobertas espaciais) .....	110
Figura 13: Retrato anterior da pesquisa .....	126
Figura 14: Retrato final da pesquisa .....	126

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Correntes em EBP .....	23
Quadro 2: Tradições em EBP .....	24
Quadro 3: Meta-análise - Teorias da Prática e principais correntes teóricas.....	27
Quadro 4: Entrevistas em profundidade .....	50
Quadro 5: Resumo cronológico do Percurso Etnográfico .....	51
Quadro 6: Eventos relacionados à arte e divulgados pela Analógica em redes sociais	116
Quadro 7: Síntese do organizar das práticas de espaço .....	118

## **LISTA DE SIGLAS**

**EBP** Estudos Baseados em Práticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICAS (EBP) E A ABORDAGEM DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE MICHEL DE CERTEAU</b> .....	<b>20</b>
2.2	MICHEL DE CERTEAU E AS PRÁTICAS COTIDIANAS: PRÁTICAS ESTRATÉGICAS, TÁTICAS, LUGAR E ESPAÇO .....	29
2.2.1	Contribuições histórico-sociológicas aos Estudos Organizacionais.....	36
<b>3.</b>	<b>MÉTODO DE PESQUISA</b> .....	<b>42</b>
3.1	A ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	42
3.2	COMPOSIÇÃO DO CORPUS EMPÍRICO .....	45
3.2.1	Quanto às técnicas de coleta:.....	46
3.2.2	Quanto as técnicas de interpretação dos dados.....	53
3.3	DETALHAMENTO INICIAL DA EXPERIÊNCIA DE INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA: APROXIMAÇÃO COM O CAMPO.....	54
<b>4.</b>	<b>DESCRIÇÃO, INTERPRETAÇÕES E DISCUSSÕES</b> .....	<b>58</b>
4.1	CONTEXTOS HISTÓRICOS DOS ESPAÇOS DA ORGANIZAÇÃO SOB ESTUDOS: BAIROS CENTRO E PRAIA DE IRACEMA .....	58
4.1.1	<b>O que as referências históricas nos contam</b> .....	59
4.1.2	<b>Os dias atuais</b> .....	66
4.2	IMERSÃO: ESTABELECENDO A RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR (O FOTÓGRAFO) E O CAMPO (O “OBJETO” FOTOGRAFADO). .....	68
4.3	PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS ESPACIAIS: DA ORGANIZAÇÃO AOS SEUS DEMAIS LUGARES PRATICADOS. ....	86
4.3.1	Praticantes ordinários dos espaços: os grupos.....	86
4.3.1.1	Foco .....	87
4.3.1.2	Os catadores, moradores e outros do espaço da rua .....	93
4.3.1.3	Passantes – eles e outros .....	95
4.3.1.4	Os alunos da Analógica: as Lentes .....	97

4.3.1.5	Os coletivos: grupos mais autônomos de relações menos diretas .....	99
4.3.2	O organizar das práticas espaciais cotidianas de vizinhanças .....	100
4.3.2.1	Vizinhança física: Práticas de segurança e de trabalhos sociais no espaço da rua	102
4.3.2.2	Vizinhança cultural: Práticas de aprendizagem e de exposição - dos pequenos e individuais passos ao caminhar coletivo pela cidade. ....	108
4.3.2.3	Vizinhança funcional: os fornecedores.....	117
4.4	O ESPAÇO ORGANIZACIONAL E SUA INFLUÊNCIA NO ESPAÇO URBANO .....	119
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A compreensão dos fenômenos organizacionais pelas práticas constituintes da realidade social ganha por Michel de Certeau, Michel Foucault e Pierre Bourdieu e por uma segunda geração, Theodore Schatzki e Andreas Reckwitz, perspectiva teórica dentro da área de Estudos Organizacionais, como pontua Orlikowski (2010).

Tais autores observam fenômenos sociais particulares da vida cotidiana como produtora da sociedade e são analisados na área pelos chamados Estudos Baseados em Práticas (EBP). Como reforçam Fieldman e Orlikowski (2011) os EBP têm se desenvolvido sob três perspectivas: a) as ações situadas, “as maneiras de fazer” cotidianas como produtoras da vida social, possuindo o cotidiano de trabalho das organizações, relações diretas com as práticas de sustentação da sociedade, não sendo possível desconectar às análises organizacionais destas articulações; b) rejeita-se dualismos, oposições binárias a exemplo da relação corpo/mente, estrutura/agência, cognição/ação e outros, e c) as relações são mutuamente constitutivas, não sendo nenhum fenômeno considerado de forma independente de outros fenômenos sociais.

Neste sentido, Michel de Certeau é, segundo Rache e Chia (2007), pertencente ao grupo de autores que analisam as práticas como relacionais e flexíveis, aquelas que observam as ações, com razões culturais e caráter provisório e adaptativo, que estão em constante transformação de acordo com o contexto local onde se inserem. Isto pois, como “maneiras de fazer”, Certeau (2013) pontua as práticas como operações ou procedimentos pelos quais sujeitos se reapropriam de um espaço organizado por determinadas técnicas ou grupos, havendo por ele um conceito de prática que considera o cotidiano ou o próprio espaço organizacional como sendo produzidos socialmente e constituídos processualmente (FIELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Tendo em vista Michel de Certeau e seu aporte prático, tem-se mecanismos que permitem a compreensão sobre “como as organizações acontecem” (SCHATZKI, 2006) e sobre como o espaço organizacional (DALE; BURREL, 2008) é produzido. São estudos inseridos em contexto pós-modernista nos quais as organizações expressam ações mais reativas e defensivas quanto a forças intrínsecas ao corpo social que oferecem interferências para a estabilidade da vida organizacional (COOPER; BURREL, 1988).

Correspondem a linhas defendidas internacionalmente por autores como Fieldman e Orlikowski (2011), Orlikowski (2010), Dale e Burrell (2008) e Rache e Chia (2007), e nacionalmente por autores, como Cavedon e Leite-da-Silva (2013), Figueiredo e Cavedon (2012); Ipiranga (2010) e Leite-da-Silva, (2007). Tais trabalhos relacionam diferentes tessituras organizacionais, levando às discussões sobre a importância do espaço na análise organizacional (DALE; BURRELL, 2008). Para O’Toole e Were (2008) o espaço é um elemento relevante para esta análise pois é capaz de trazer novas perspectivas sobre as relações sociais, e portanto, contribuições para o entendimento de questões como poder, identidade e status.

No que tange às práticas e ao espaço, a contribuição de Certeau (2013, p.184) está em inserir o espaço como “um lugar praticado”, aqui, o lugar praticado da organização em contiguidade com seu espaço urbano. Neste sentido, as práticas por Certeau (2013) são um elo por atuarem nos lugares e espaços e sob a forma de estratégias e táticas. Tendo como campo de análises inicialmente as manifestações artísticas da cultura, Certeau (2012) trabalha as práticas de espaço como práticas que se dão em um jogo de posições para a proposição de lugares próprios, de ordens e conjuntamente, de “outros” no estabelecimento dos tipos de práticas, pontuando quem são ou não os sujeitos de querer e poder, e sob que circunstâncias. Certeau (2013) procura saber “que práticas de espaço correspondem ao lado onde se joga (com) a disciplina”, “avesse aparelhos produtores de um espaço disciplinar” (CERTEAU, 2013, p.164). Seguindo esta lógica, quais seriam as práticas de espaço, aquelas práticas que apropriam lugares que correspondem às práticas de uma organização em contiguidade com seu espaço urbano? Indo além a proposição de Certeau (2013) acima, e por se entender que praticas táticas e estratégicas constituem-se conjuntamente como dois lados de um fenômeno onde um possui uma ordem, um próprio (estratégia) e outro, por não possuir, a altera em vista de interesses (tática), as organizações são espaços de ambos os tipos de práticas dependendo das relações estabelecidas. Neste sentido, hora podem ser agentes de práticas estratégicas, hora podem ser agentes de práticas táticas posto que, há uma coexistência, uma imbricação, não uma justaposição (CERTEAU, 2013) e isto depende de relacionamentos estabelecidos.

Tendo em vista esta relação entre a organização e o cotidiano, que instaura uma relação situada em uma espacialidade e em uma temporalidade, resolveu-se estudar uma pequena organização que esboça mais nitidamente uma relação entre ela e o espaço onde se situa. A organização é um Escola e Produtora de Fotografia que trabalha com a



promoção das artes visuais motivada pela disseminação da cultura em seu significado artístico na cidade de Fortaleza (CE). O campo das artes visuais pode ser entendido como aquele ramo das artes que possui a visão como principal meio de apreciação (ARNHEIN, 1980). A imagem é a principal prática discursiva com efeitos produzidos sobre os sujeitos (LAPONTE, 2002) em campos como a fotografia, a pintura, o desenho e gravura, além do cinema e outros. A organização, chamada aqui de Analógica, situa-se nos limiares do espaço urbano dos bairros do Centro e Praia de Iracema da capital do Ceará. Ambos os bairros concentram diversas organizações relacionadas com a cultura.

A partir do aporte de Certeau (2013), Pierre Mayol (2011) estabelece a relação entre o bairro e o espaço privado da moradia, em uma sociologia urbana do bairro que insere diversos usos e práticas de apropriação que denunciam as criatividades táticas dos praticantes. Analogamente, tem-se aqui práticas espaciais de uma organização tomadas entre seu espaço privado e seu bairro. Pensando a organização em estudos como um usuário do espaço em uma rua, recorte do bairro, entende-se a organização como um “usuário da cidade no espaço do bairro” (MAYOL, 2011, p.37). O bairro se dá como uma ampliação do habitáculo ou da organização, ele se resume a soma das trajetórias inauguradas a partir do local da organização. Ele traz marcas de sujeitos, é fluxo de interações descontínuas e de sociabilidades conflitivas (SIMMEL, 1986). Tem-se o bairro como um lugar, recorte significativo da cidade por expressar práticas sociais de forma particularizada, contribuem na compreensão de situações vivenciadas no cotidiano da própria cidade por suas articulações.

Pelas peculiaridades inerentes as organizações inseridas em núcleo cultural, ainda pouco discutidas no campo da Administração, o aporte das práticas evidencia-se assim como pertinente, posto que oferece o cotidiano com suas práticas, como unidade social genérica primária de análise (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2006). No que tange ainda às organizações que trabalham com a disseminação cultural, Florida (2012) e Landry (2000), já haviam afirmado a existência da relação entre estas e a cidade onde se inserem, mas pouco ainda se sabe sobre esta relação. Parte-se assim, da ideia de que há práticas que motivam esta relação entre a organização e o espaço urbano, especificamente expostas por organizações com viés cultural. No Brasil, são poucos os estudos aprofundados que evidenciem quais práticas organizacionais efetivamente se imbricam com seus espaços urbanos de forma a denunciar as especificidades deste tipo de relação. Além disso, muitos estudos focam suas análises em vieses economicistas de cunho

funcionalista, sendo poucos os estudos, na área da Administração, que utilizaram a abordagem de Michel de Certeau na problematização desse contexto de discussão.

As contribuições histórico-sociológicas de Michel de Certeau oferecem maneiras de articular as ações dos sujeitos em seu dia a dia e seus vínculos com o espaço onde se inserem, pela forma como aponta os interstícios das práticas nas ações cotidianas. Há a prática como resultante da ação do sujeito social, em um dado contexto histórico-social (CERTEAU, 2013). Logo, a intenção é desvendar essas práticas sociais no cotidiano como “artes do fazer”, re/produzidas por sujeitos sociais que, no caso deste estudo, tratam-se das “artes do fazer” no organizar do espaço organizacional em contiguidade com seu espaço urbano.

Assim, parte-se para a seguinte **questão de pesquisa**: Que práticas de espaço estão imbricadas entre uma organização sob estudo e seu espaço urbano? Assim, além de saber quais são as práticas, busca-se tentar compreender que tipo de práticas se estabelecem, se táticas ou estratégicas, de forma a evidenciar aspectos organizacionais que referem-se à posição de forças em contiguidade com um espaço urbano, delineando, portanto, um lugar praticado. Tem-se então, como **objeto de análise**, as práticas de espaço de uma organização, a organização Analógica, em contiguidade ao seu espaço urbano – quais sejam, os bairros do Centro e Praia de Iracema da cidade de Fortaleza.

Assim, como **objetivo geral**, tem-se:

- Identificar e descrever as práticas de espaço da organização sob estudo em sua relação com o espaço urbano no qual se situa pelo recorte do bairro.

Para isto, tem-se como **objetivos específicos**:

- a) Compreender o contexto histórico dos espaços, organização e bairros, sob estudo;
- b) Identificar os agentes e descrever as práticas de espaço da organização pelo recorte do bairro no qual está inserida;
- c) Indicar as influências das práticas espaciais no espaço urbano.

Academicamente este estudo contribui para a diversificação e abertura científica em uma área marcadamente caracterizada por estudos mais funcionalistas sobre os aspectos organizacionais. No contexto gerencial, o resgate de outro olhar sobre o contexto de pequenas organizações com peculiaridades interferentes em seu cotidiano, porém ainda pouco observadas no cotidiano administrativo e que dizem respeito aos interstícios

das relações espaciais. Contribui ainda para uma agenda de pesquisa organizacional brasileira pautada pelos EBP, especificamente no aprofundamento da visão de Michel de Certeau, segundo e além, a identificação de práticas espaciais ainda pouco estudadas e consideradas como pertinentes à cotidianidade de organizações do ramo cultural, por sua ligação com outras espacialidades, no caso sob estudo, a urbana.

Com relação à estrutura desta dissertação, será descrito no capítulo 2, o campo teórico dos EBP para em seguida, adentrar a análise das práticas cotidianas à luz de Michel de Certeau traduzidas em três de suas principais obras: *A cultura no Plural*, *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer* e *A Invenção do Cotidiano: Morar; Cozinhar*. Serão especificamente trabalhados pontos de análise como os conceitos de lugar e espaço, estratégia e tática a partir deste autor. No capítulo 3 segue a delimitação da metodologia de pesquisa, cuja postura é de inspiração etnográfica e o corpus empírico constituído pela observação participante, anotações no diário de campo, entrevistas em profundidade e levantamento documental, entre outras. Prosseguindo o capítulo 4, chega-se as descrições e interpretações. Serão explícitos o contexto histórico dos bairros Centro e Praia de Iracema, aspectos pertinentes à imersão em campo e em seguida a caracterização histórica da organização em estudo, seu espaço urbano imediato, a rua e a vizinhança, além de outros espaços detectados no estudo de campo, a identificação dos agentes para enfim, a identificação das práticas, seguida das correspondências descritivas no que tange a contiguidade da organização com o espaço urbano, seguindo os objetivos principal e específicos propostos. Já no capítulo 5, têm-se as considerações finais deste estudo, buscando sintetizar a questão de pesquisa e aos objetivos propostos, seguindo as contribuições, limitações de pesquisa e sugestões de estudos futuros.

## 2 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICAS (EBP) E A ABORDAGEM DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE MICHEL DE CERTEAU

Estudos Baseados em Práticas (EBP) ou *Practice-based Studies* – *PBS* (GERHARD, 2003) - prosperaram nas ciências sociais contemporâneas. Esta ebulição se dá em muito pela necessidade de teóricos, em diversas partes globo, de contemporizar sobre a evolução das visões dos acontecimentos e transformações ocorrentes na sociedade, visões estas que mais valorizam as ações ou maneiras de fazer de indivíduos em suas formas de interação. Estes estudos passaram a reivindicar portanto, análises mais subjetivas (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010) e em consequência, passaram a reivindicar contribuições diferenciadas que inserem desde aspectos ontológicos à aspectos metodológicos e epistemológicos (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003). Para Reckwitz (2002, p.246) os EPB permitem a superação de dicotomias pela “reconstrução de estruturas simbólicas de conhecimento que habilitam e condicionam os agentes a interpretarem o mundo de acordo com certas formas, bem como a se comportarem de modos correspondentes”.

Estes estudos colocam-se nas discussões entre as passagens do modernismo para o pós-modernismo com mudanças de pensamentos nas (e advindos das) teorias sociais que incluem, portanto, as maneiras de pensar as organizações. Neste sentido, enquanto no modernismo as organizações são vistas como ferramentas sociais e extensões da racionalidade humana, no pós-modernismo as organizações expressam menos pensamentos e ações planejadas e calculadas, sendo mais reativas e defensivas quanto a forças intrínsecas ao corpo social, que oferecem constantes interferências para a estabilidade da vida organizacional (COOPER, BURREL, 1988). Por Cooper e Burrel (1988), as organizações no pós-modernismo possuem uma lógica de ação diferente da instrumental, aquela típica do modelo modernista de organização. Estas visões advêm ainda de discussões mais profundas que procuram romper visões estruturalistas, colocando as organizações como processos, sendo portanto, mais permeáveis, discussões estas pertinentes a chamada “ontopistemologia de processos” (COOPER, 1976). São tradições pós-estruturalistas advindas principalmente de teóricos europeus e críticos da tradição positivista em sociologia e estudos organizacionais, como Hassard e Parker (1993) ou Chia, (1995) (VIEIRA, CALDAS, 2006). Representam um momento de ruptura, de descontinuidade, ou como um momento de redirecionamento nos Estudos Organizacionais (DELLAGNELO, MACHADO-DA-SILVA (2000).

Em Administração, a área de Estudos Organizacionais tem assim explorado os EBP de forma mais recente, tentando contrapor às visões racionais e funcionalistas tradicionais do campo (RECKWITZ, 2002; GHERARDI, 2006) principalmente ao estudar, dentre autores estrangeiros e nacionais, a estratégia (JARZABKOWSKI, 2004), trabalho (ORR, 1996), tecnologia (ORLIKOWSKI, 2002), aprendizado (GHERARDI, 2000), marketing (WARDE, 1994). Fieldman e Orlikowski (2011) entendem que os EBP partem de três campos de pesquisas: a prática como fenômeno empírico, como base teórica e enquanto base epistemológica. Segundo Yanow (2006), há a preocupação em diminuir a distância entre o que é apresentado pelas teorias sobre o que as pessoas fazem e o que elas realmente fazem.

Ao adentrar o universo dos EBP tem-se a noção de que os fatos do cotidiano são unidades de análise por constituírem as maneiras de fazer, e portanto traduzirem em maior ou menor grau como se dá a interação entre sujeitos e sujeitos e sujeitos e objetos, situarem-se em uma temporalidade e espacialidade com motivações e consequências histórico-culturais, e transmitir simbolismos constitutivos de identidades. No dia a dia organizacional significa observar e tentar interpretar fatores como o cotidiano do trabalho, a interação entre indivíduos em processos de criação ou apropriação, como estes fatores interferem ou relacionam-se com a vida pessoal e como se dão processos de mudança, por exemplo. Ao estudar as práticas em Administração, busca-se revelar uma articulação na qual elas se envolvem com as estruturas sociais em uma dinâmica em contínua construção (SHATZKI, 2006). Contrariamente às rotinas, atividades como práticas passam a ser encaradas como mecanismos que geram redes de ordenamentos (GERARDI, 2009), são assim, regularidades construídas histórica e culturalmente que desdobram-se temporalmente e dispersam-se espacialmente (SCHATZKI, 2002).

A oportunização destes novos olhares científicos se dá por volta da década de 1950 tendo como marco estudos de Garfinkel e suas pesquisas sobre como uma coletividade se constitui e perpetua a partir das suas práticas (GHERARDI, 2006) e refletem diversas correntes e influências cuja unidade teórica é ainda complexa. Certa convergência reside na ideia de que dados fenômenos como significados, atividades humanas, conhecimento, ciência, poder, linguagem, conhecimento, história e tecnologia e organizações são manifestações do campo da prática, só podendo ser compreendidos por este prisma (SHATZKI, 2001).

As referências iniciais deste processo podem ser vistas nas figuras de Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Michel Foucault, Dreyfus, Bruno Latour, John Law,

Lyotard, Lave, Wenger (SCHATZKI; KNORR-CETINA; VON SAVIGNY, 2001), além de Garfinkel (GHERARDI, 2006), citados como constituintes da Teoria da Prática Social. Autores mais recentes em estudos organizacionais podem ser vistos nas figuras de Brown e Duguid (1991), Gherardi (2000), Reckwitz (2002), Orlikowski (2000), Nicolini, Gherardi e Yanow (2003); Strati (2007) e outros. Vale pontuar que na miscelânea dos EBP, tais autores representam diferentes maneiras de pensar, influências ou tradicionais, como pincelado a seguir.

Segundo Gherardi (2006), foram marcos publicações em eventos, principalmente europeus, que observaram a relevância nos estudos das práticas. Neste sentido, foi pioneiro o Simpósio da *Academy of Management* em 1998, onde tentou-se estabelecer uma unidade que conseguisse aglutinar as diversas correntes de estudos de práticas na área de gestão, variando os estudos das práticas na tentativa de compreensão de áreas como aprendizagem, comunidades de práticas, teoria ator-rede e abordagens culturais. Como consequências tem-se publicações em eventos que culminaram no lançamento da revista *Knowing in Organizations: A Practice-Based Approach*, de Nicolini, Gherardi e Yanow em 2003, um dos grandes marcos teóricos dos EPB. A partir de então, eventos como o Encontro do *European Group for Organizational Studies – EGOS* passaram a explorar a temática com grupos de trabalho e conceitos como *learning*, *knowing*, *organizing*, estética, textura organizacional, conhecimento sensível, *taste-making*, comunidades de práticas, passaram a ser mais conhecidos como pertinentes ao campo de discussões.

Na tentativa de estabelecer pilares teóricos em vista da diversidade de linhas estudadas, muitos autores empenham-se em construir a evolução do campo. Engstrom e Blacker (2005) esclarecem que os estudos ancorados nas “teorias da prática” estabelecem fronteiras com duas tradições; os estudos culturais e antropológicos, que demonstraram uma completa indissociabilidade entre o social e o material e os estudos feministas e estudos sociais da ciência e tecnologia, que trabalham tanto com a ideia do caráter híbrido entre coisas e pessoas, quanto da simetria entre humanos e não-humanos (TURETA; ALCADIPANI, 2009).

Outros autores aprofundam a noção de prática em sua essência filosófica, como estudadas por Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), que definem os estudos de práticas como advindos de quatro áreas do saber: a corrente marxista, a fenomenologia, o interacionismo simbólico e os trabalhos de Wittgenstein. Uma síntese destas tradições, explicita-se no quadro 1, a seguir:

### Quadro 1: Correntes em EBP

**Corrente Marxista** - contribuição central - epistemológica e metodológica: Apenas fatos são conhecidos e estes, são objetos da prática humana. O pensamento e o mundo estão a ela vinculadas. Só se conhece o que é objeto de prática. Ela se torna o produto de condições históricas tais, resultantes de outras práticas prévias e que se transformam na prática presente. A prática é um sistema de atividades estando o saber não separado do fazer (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

**Corrente Fenomenológica:** Sujeito e objeto só tem sentido enquanto construção de significado, não havendo isolamento entre eles. Isto posto que, elementos pertencentes ao cotidiano organizacional como trabalho, inovação, conflitos, aprendizagem, comunicação e história estão presentes na prática, fazendo parte da existência humana (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

**Interacionismo simbólico:** De acordo com Blumer (1986) há três premissas: 1ª - os seres humanos agem com relação aos fatos baseando-se no significado que eles têm para os grupos a que pertencem, incluindo tudo que se pode notar como objeto, outros indivíduos e categorias de indivíduos, instituições, ideais e situações do cotidiano; 2ª - o significado dos fatos surge da interação social; 3ª o significado dos fatos é apropriado e modificado por um processo interpretativo usado para lidar com os eventos com os quais o indivíduo se defronta. Em síntese, o interacionismo simbólico influencia por colocar os fatos como interpretados pelos significados construídos pelos indivíduos em sua vivência interativa, com a construção coletiva de significados aos fatos como posição central. Destaca as interações entre indivíduos e indivíduos e objetos mediada por elementos como linguagem e símbolo como condições de acesso aos significados do cotidiano (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

**Wittgenstein e os jogos da linguagem:** A linguagem é promotora da prática social, possibilitando a construção de significado e sentido. Fazer parte do jogo linguístico e dele se apropriando é uma prática, sendo a linguagem além, a ação que constrói o sentido. Tem-se que o entendimento prático é sempre tácito, um jogo silencioso (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003).

**Fonte:** Elaboração própria a partir de vários autores citados.

Ressaltam-se pensamentos contemporâneos principalmente de Bourdieu, Giddens (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003) e Garfinkel (GHERARDI, 2006). Em Bourdieu é reforçada a relação agente-estrutura na ação e nas formas de reprodução social. O autor considera ainda que o capital simbólico é um conhecimento prático. Para ele a prática está na relação entre as práticas dos atores e as estruturas objetivas sociais, mediadas pelo conceito de *habitus* e ocorrem de forma tácita (GHERARDI, 2006). Em Giddens tem-se contribuições ontológicas sendo as práticas procedimentos, métodos ou técnicas executadas de forma hábil pelos agentes sociais. A prática social produz e reproduz a vida cotidiana. O ponto principal está no fazer humano e não nas formas de conhecer esse fazer. Para Gherardi (2006) o conceito de reflexividade é fundamental, neste entendimento, posto que as práticas são para Giddens o resultado de um processo de recursividade espaço-temporal, na qual se cria uma dependência entre a prática e a

ação de praticar. É a teoria da estruturação, a relação estrutura-agência tácita que refere-se à reprodução das relações sociais através do tempo e do espaço (GIDDENS, 1984). Já em Garfinkel tem-se a Etnometodologia. As práticas cotidianas de atores criam, no fazer coletivo, identidades de grupos. Elas são contingências, onde o ambiente é auto organizador quanto ao reconhecimento e ordem social. As ações e interações em grande parte, não são baseadas em acordos compartilhados, mas em pressupostos tácitos e portanto, não completamente explicáveis. A ação social está assim ligada a uma condição moral, reconhecida como legítima e adequada para um contexto (GHERARDI, 2006).

Apesar das divergências entre os autores, é possível se observar direcionamento para a melhor compreensão dos EBP, atentando-se conforme Gherardi (2006), para o cuidado com o possível reducionismo trazido pela tentativa de definições. Fatos como unidades de análise, advindos de condições históricas, portanto compreendidas e analisadas a partir de condições temporais e espaciais específicas, sendo observados na interação entre sujeito e objeto e sujeitos, que constituem grupos com significados compartilhados por meio de elementos como a linguagem, que criam e compartilham identidade. Isto de maneira muitas vezes tácita e na construção de habilidades sociais e processos de socialização. São pontos que dizem respeito a constituição das práticas, maneiras de fazer ou ainda formas de organizar.

Estes pontos refletem e desaguam no que tem sido chamado de tradições, espécie de guarda-chuvas de visões que aglutinam alguns elementos identificadores de certas correntes teóricas. Tem-se segundo Nicolini, Gherardi e Yanow (2003) e Gherardi (2006) cinco tradições, sintetizadas no quadro 2, a seguir:

### Quadro 2: Tradições em EBP

• **A tradição cultural interpretativista:** Foco na cultura organizacional - fenômeno socialmente construído e situado a partir dos significados que os artefatos ganham em cada grupo ou contexto. Nesta visão, as práticas são construção, manutenção e mudança cultural. Enfatiza as coletividades e seus atos, como as interações com os objetos, foco desses atos, além da linguagem utilizada. Os espaços específicos de significados dos vários artefatos para os atores nas situações. Enquadra-se nesta tradição Strati (2003) e o caráter estético das práticas por dar relevância a condição do indivíduo enquanto membro de um grupo (para que sejam possíveis julgamentos estéticos) e a importância de objetos ou artefatos, ambos para a construção de significados.

• **Comunidades de práticas:** Maneiras de compreender como ocorre a transmissão de conhecimento nas organizações. Podem ser entendidas como um sistema relacional de pessoas que, compartilhando sua compreensão de mundo por meio de atividades, desenvolvem a aprendizagem de forma situada. São as práticas que sustentam as comunidades. Neste processo Gherardi, Nicolini e Odella (1998) colocam a importância do conceito de participação periférica legitimada, conceito este que busca compreender



como é o processo de socialização de um novo indivíduo. Tem-se um caminho que deve ser chancelado pela comunidade, a ser percorrido até que o novo indivíduo torne-se efetivo e capaz de disseminar o conhecimento ali adquirido de forma a reproduzir as práticas (LAVE; WENGER, 1991). Este conhecimento é o currículo situado, onde é identificado quais elementos devem ser aprendidos. Ele é construído coletivamente pelo grupo e inclui não apenas conhecimentos técnicos mas também habilidades de relacionamento e comportamentais (GHERARDI, NICOLINI, ODELLA, 1998).

- **A atividade cultural e histórica:** As práticas são interpretadas como atividades situadas e interativas. Atividades estas vistas como padrões complexos da prática que duram por longos períodos de forma sugestiva. O trabalho é aqui referência para a compreensão das práticas. São três as proposições que auxiliam a compreensão: “fazer”, “apropriar” e “modelar”. O “fazer” relaciona-se às diferentes contribuições de diversas comunidades da organização. O “apropriar” refere-se às relações e envolvem a gestão de autoridade e influência em questões como prioridade e identidade. O “modelar” refere-se às realizações e possibilidades na gestão das criações.

- **A Teoria Ator-Rede (TAR):** também conhecida como Sociologia da translação ou mediação. Nesta, atores sociais são a combinação de humanos e não humanos (objetos). Em termos de práticas, a translação se dá quando um conhecimento abstrato é conectado a um conhecimento prático, reciprocamente de uma condição genérica para uma situada ou seja, no tempo e no espaço como forma de compreender a circulação do conhecimento representada por uma rede com intermediários (pessoas, objetos, grupos, registros, dinheiro e outros). A TAR contribui para as práticas por seu teor relacional e observância da interatividade entre diferentes elementos.

- **Workplace studies:** Um local de trabalho é entendido como algo socialmente construído por meio das interações entre os atores (e.g. pessoas, artefatos e tecnologias). O trabalho é um conjunto de atividades desenvolvidas por cada sujeito e objeto e que apenas possui sentido por ações que emergem das interações. São atividades assimiladas de forma tácita. A tecnologia é assunto principal como elemento constitutivo da prática.

**Fonte:** Elaboração própria a partir de Nicolini, Gherardi e Yanow (2003) e Gherardi (2006).

As tradições descritas tornam-se mais uma maneira de explicitar as similaridades e discrepâncias entre as visões. Em síntese, porém, elas refletem o que para Gherardi (2006) pode ser entendido como prática: “um modo relativamente estável no tempo e socialmente reconhecido de ordenar elementos heterogêneos em um conjunto coerente” (GHERARDI, 2006, p. 34) e portanto, o conjunto de estudos compreendido como EBP. Neste sentido a autora pontua quatro características como fundamentais: o significado e reconhecimento de um grupo de atividades enquanto unidade (conjunto); o tempo enquanto ações situadas; o reconhecimento social e a prática como um modo de organização de mundo, conforme sugerido anteriormente.

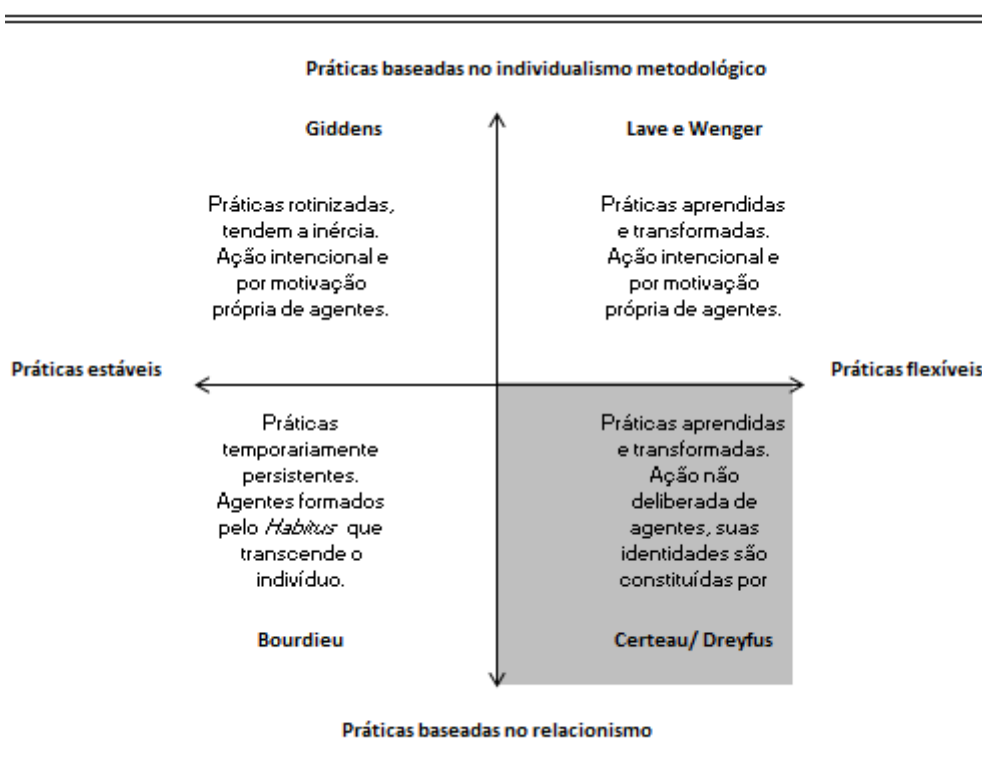
Para Schatzki (2001) a teoria da Prática Social trabalhada nos EBP considera que tanto as ações quanto os indivíduos constroem-se por meio de práticas, sendo o social um “campo de práticas incorporadas e materiais organizados centralmente em torno de um conhecimento prático compartilhado” (SCHATZKI, 2001, p.3). Referencia-se como

opção para a compreensão de contextos sociais, de forma a privilegiar a análise da (re)construção das relações entre pessoas e entre pessoas e objetos (TURETA; ALCADIPANI, 2009). Tem-se que os estudos das práticas permitem: (1) problematizar teoricamente além dos dualismos (agência-estrutura, humanos e não humanos); (2) compreender a constituição da subjetividade humana para além da faculdade mental; (3) questionar as ações individuais e seu status como construções sociais (SHATZKI, 2006).

Como um dos principais estudiosos das práticas em organizações, Shatzki (2005, 2006) aponta esta virada prática nos estudos organizacionais. Para ele a prática é algo estruturado, espacial e temporal, composto por ações aparentemente comuns de sujeitos sociais como tomar decisões, supervisionar, executar uma tarefa, dentre tantas outras, na vida em sociedade. Uma prática desenvolvida pelo sujeito social pressupõe sua capacidade de entender as ações que compõem a referida prática, bem como as regras que o orientam no agir, combinadas a aspectos teleológicos e afetivos e a uma compreensão geral sobre a natureza do seu próprio fazer. Para ele as práticas são qualquer atividade organizada, com um início e fim marcados no tempo e no espaço, como as práticas políticas, as práticas culinárias, as práticas educacionais, as práticas gerenciais ou as práticas operacionais.

Neste limiar de aprofundamentos, pontos em conflito entre os autores giram em torno da consciência ou inconsciência de indivíduos na constituição das práticas, sua estabilidade ou instabilidade no tempo e espaço e o teor mais ou menos interacional ou individual de suas manifestações. Acerca deste ponto, Rache e Chia (2007) esboçam interessante meta-análise, conforme quadro 3, a seguir.

### Quadro 3: Meta-análise - Teorias da Prática e principais correntes teóricas



Fonte: Rasche e Chia (2007)

Tendo como eixos o individualismo metodológico e o relacionismo e, práticas flexíveis versus práticas estáveis, são expostos alguns dos principais autores e suas correntes, sintetizando o que foi discutido anteriormente, salvo a adição de dois autores, Dreyfus e Certeau, pontuados a seguir. Quanto aos eixos, o individualismo trata-se da concepção do ser humano como essencialmente consciente, intencional e motivado para nortear suas ações. Já o relacionismo contrapõe esta ideia. Nele, as ações possuem razões culturais, explicando-se pela lógica das práticas culturais. Já as práticas estáveis, relacionam-se com a institucionalização das práticas na vida social, situadas no tempo e no espaço e com poucas alterações. As práticas flexíveis possuem caráter provisório e adaptativo e estão em constante transformação de acordo com o contexto local onde inserem-se (RACHE; CHIA, 2007).

Como dito, o enquadramento dos autores insere visões ainda pouco analisadas em estudos organizacionais pela ênfase de teorias de autores como Dreyfus e Certeau. As contribuições inserem-se como filosóficas (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013) e histórico-sociológicas (CERTEAU, 2013). Para compreender as motivações destes autores como relacionais e flexíveis, torna-se importante pontuar suas visões.

No que tange à Hubert Dreyfus, Chia (2004) reestabelece sua fala ao pontuar que as práticas não partem de convicções, nem regras ou princípios, sendo habilidades sociais. A aprendizagem de significados (o que é uma pessoa, um objeto, uma instituição ou como agir adequadamente), se dá por meio de um processo de socialização, não necessariamente consciente, “dentro” de certas práticas, vivendo essas práticas (DREYFUS, 2002). Dreyfus identificou Heidegger como uma importante referência para uma filosofia da prática (RASCHE, CHIA, 2007). Em influência de Dreyfus, Chia (2004) esclarece que as práticas “são habilidades sociais que todo o mundo introduziu numa cultura particular convidadas a compartilhar - sua experiência e discriminações, suas prioridades e preferências - como consequência das interações cotidianas” (CHIA, 2004, p.18).

Já Michel de Certeau contribui com sua dimensão política das práticas no cotidiano, que referem-se às ações, que, em meio as normas sociais vigentes, podem, mesmo sob a aparência de reprodução, transgredir ou estabelecer outros processos de organização social inseridos nas condições vigentes (CERTEAU, 2013). Certeau (2013) analisa as práticas dos chamados sujeitos comuns motivadas por fortes interstícios com a sua visão de espaço, explicada a seguir, de forma a constituir e representar identidades. A maneira como sujeitos se relacionam e em vista de oportunidades ou ocasiões, produzem práticas de diferentes naturezas, o insere como teórico de práticas flexíveis e relacionais.

Segundo Orlikowski (2010), Michel de Certeau, especificamente, insere-se dentre os autores dos EBP que observam as práticas como perspectiva, ou seja, com uma abordagem analítica de fenômenos sociais particulares, estando a vida cotidiana como produtora da sociedade. Inserem-se ainda Michel Foucault, e Pierre Bourdieu em uma primeira geração e em uma segunda geração Theodore Schatzki, Andreas Reckwitz e Sherry Ortner. A principal contribuição é discutir como as práticas constituem a realidade social, com caminhos para a compreensão dos fenômenos organizacionais.

Em síntese, as influências teóricas descritas, bem como as tradições atualmente observadas no limiar das práticas, traduzem campo de estudos em ebulição, com pontos de similaridades e discrepâncias, rico. Tal campo solicita análises mais aprofundadas dos fenômenos organizacionais, posto que este viés oferece como dito, maneira diferenciada no que tange à aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. O aporte empírico evidencia-se como necessário para consolidar um corpo teórico e coeso para o campo. Adotar as práticas por meio destes vieses significa tentar compreender a constituição das

organizações e de seus fenômenos e assim trazer diferentes *insights* para teorias organizacionais.

Para esta análise e em vista dos objetivos propostos, Michel de Certeau foi assim escolhido como aporte teórico de análises. O autor tem apresentado contribuições recentes para a área de estudos organizacionais. Influenciado por autores como Foucault, Certeau apresenta visão pós-estruturalista dos fenômenos, vindo a contribuir e a corroborar com as análises que se seguem. A escolha justifica-se por suas maneiras de observar os indivíduos em suas interações reprodutivas ou transgressoras de forma situada, sendo o tempo e o espaço elementos importantes na constituição de suas maneiras de fazer, estando a prática em seu viés mais interacional. Aqui a construção social de um espaço por meio das práticas e como estas refletem também interações com outros espaços, propicia o estudo da natureza das organizações e do trabalho e as transformações dos fenômenos envolvidos.

## **2.2 Michel de Certeau e as práticas cotidianas: Práticas estratégicas, táticas, lugar e espaço**

Em vista do movimento que Certeau (2013) imprime na explicitação de seu pensamento, ziguezagueante, torna-se interessante sintetizar alguns conceitos para a melhor compreensão de suas categorias analíticas como: prática, tática, estratégia, espaço e lugar, além de seu entendimento sobre o bairro.

Sendo as práticas constituídas pelas “maneiras de fazer”, como descrito anteriormente, são, segundo Certeau (2013), esquemas de operações e manipulações técnicas, contidas em um conjunto chamado por ele de procedimentos e cuja delimitação torna-se complexa. O autor esboça as práticas táticas e em contraposição, as práticas estratégicas e sustenta a tese de que há uma “natureza estética, ética e prática no saber-fazer cotidiano” (CERTEAU, 2013, p.138).

Conceituado os pontos, as práticas táticas são aquelas que confrontam, que reapropriam espaços, estes organizados pelas técnicas de produção sociocultural (dispostas nas práticas estratégicas descritas a seguir). São as formas sub-reptícias assumidas pela criatividade do homem (uma criatividade dispersa, tática e bricoladora), são modos de proceder, astúcias, arte de dar golpes ou pequenos sucessos. São performances operacionais de sujeitos no dia a dia. As práticas táticas (ou maneiras específicas de fazer resistência) operacionalizadas pelos sujeitos comuns confrontam a

ordem cultural dominante. Com estes tipos de modos de fazer, para Certeau (2013), modos astutos, consegue-se alterar por e mesmo em operações de bricolagem, lógicas racionalizantes. Nessas operações as táticas apenas são capazes de utilizar, manipular ou alterar. Assim que elas, de forma criativa, confrontam a cultura (ou a ordem dominante). Aí, entram táticas (como lógica de ação em contraponto às estratégias), como engenhosidades. Há nas práticas táticas uma relação com o tempo. São cálculos fragmentados que, por não possuir lugar, dependem do movimento do tempo para transformar acontecimentos em ocasiões (momentos oportunos). São relativas as possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, práticas táticas desviacionistas que não obedecem à lei do lugar (CERTEAU, 2013).

As práticas táticas associam-se assim com os micromovimentos de resistência diários e partem de cidadãos comuns em suas relações, como forma de estabelecer ali um espaço, uma marca, uma vivência. Como movimentos astutos que dependem da ocasião, não possuem o que se pode chamar de próprio, ou de lugar, dependem exclusivamente do tempo, da oportunidade. São confrontos, astúcias do homem comum que, sem poder capitalizar, acumular vantagens conquistadas e assegurar independência, em face às circunstâncias, utiliza momentos oportunos do cotidiano para combinar elementos heterogêneos e aproveitar a ocasião para agir. As táticas são práticas do homem sem o próprio, sem a domesticação do tempo por lugar autônomo no espaço (como constituem as estratégias). São práticas dentro do espaço do inimigo. Assim, o homem que faz uso de táticas é incapaz de antecipar-se ao tempo pela leitura do espaço. Isso lhe projeta certa mobilidade, como arte dos fracos, posto que a tática determine-se fundamentalmente pela ausência de poder (CERTEAU, 2013).

A tática, tal como a compreendo aqui: trata-se – dizia Corax – de “fortificar ao máximo a posição do mais fraco”. Em sua densidade paradoxal, esta palavra destaca a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhada nos terrenos da ordem dominante, estranha as regras próprias da racionalidade e que esta impõe com base no direito adquirido de um próprio. (...) As táticas são procedimentos que valem, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc (CERTEAU, 2013, p.96-97).

Já as práticas estratégicas partem de outros tipos de agentes, são aqueles sujeitos de querer e poder (empresa, instituição científica, governo municipal) que para Certeau (2013), manipulam as relações de forças e elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos

totalizantes), capazes de articular o conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. As práticas estratégicas possuem relação com o lugar, pois necessitam de lugares próprios, base de onde se regem as relações, quando ameaças (clientes ou concorrentes, inimigos, campo em torno da cidade) lhe são externas. A posse de poder é preliminar da prática estratégica, e permite, comanda ações. As práticas estratégicas são capazes de criar ou impor (CERTEAU, 2013). São práticas que possuem um saber que determinam e sustentam o poder de conquistar para si um lugar próprio.

São as práticas da chamada ordem dominante que se impõem pelo poder de seus agentes, havendo constituição assim de um lugar, um próprio, um discurso totalizador que impõe, administra, manipula em vista de interesses. Estas práticas “colocam em debate uma organização e poderes” ou seja, há uma “análise política” (CERTEAU, 2013, p.193).

O enfrentamento entre estratégias e táticas leva assim a politização de práticas cotidianas, pois revelam até que ponto a inteligência é inseparável do combate à cultura dominante e aos pequenos prazeres do homem ordinário, enquanto outra lógica, do sujeito de posses (estratégia), é guiada pela posição. Há nas estratégias um tipo específico de saber, que “sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio” (...) um poder é a preliminar deste, e não apenas o seu efeito ou seu atributo. Permite e comanda as suas características. Ele se produz aí” (CERTEAU, 2013, p.93).

As estratégias são portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-lo uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais. Ao menos procuram elas reduzir a esse tipo as relações temporais pela atribuição analítica de um lugar próprio a cada elemento particular e pela organização combinatória dos movimentos específicos a unidades ou conjuntos de unidades (CERTEAU, 2013, p.96-97).

O que distingue as práticas táticas das estratégicas são os tipos de operações em espaços. As estratégias produzem, mapeiam e impõem-se, já as táticas só podem utilizar espaços, manipular e alterar. Em suma, existe antítese entre prática estratégica e tática, diferenciada pela presença ou ausência de poder nas relações (CERTEAU, 2013, p.95). A primeira trabalha com espaço, a segunda com tempo (depende da ocasião) e, assim, geram relações de poder que identificam o sujeito consigo mesmo.

Sob este aspecto, a diferença entre umas e outras remete a duas opções históricas em matéria de ação e segurança (opções que respondem aliás mais as coerções que a possibilidades): as estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir (CERTEAU, 2013, p.96-97).

As ações estratégicas e táticas desde que exteriores à organização atuam como bricolagens aos processos cotidianos organizacionais (CERTEAU, 2013). Para Certeau (2013), nas organizações difundem-se técnicas culturais de controle que dissimulam a reprodução econômica. Nestes espaços, por meio das práticas e a partir das intervenções dos sujeitos, ocorrem modificações nestas relações de forças. Esta reação dos sujeitos a dado controle, às esferas de normatividade social, se dá por meio das práticas de confronto, mesmo sob a aparência de reprodução. São os golpes que os sujeitos aplicam no sistema (CERTEAU, 2013). Certeau (2013) acrescenta ainda que as políticas são capazes de perturbar o estabelecimento de uma ordem, mas também de mobilizar socialmente o espaço articulando às tecnologias de poder.

Igualmente importantes são suas definições sobre lugar e espaço, que divergem de definições de autores importantes como Marc Augé (2012) e Lefebvre (1991) respectivamente. Tais visões não serão trabalhadas aqui, mesmo para evitar confusões, comuns neste campo de definições, atentando-se este estudo às visões de Certeau (2013). As definições de lugar e espaço de Certeau (2013) fazem-se pertinentes não apenas para análise das relações organizacionais que se pretende nesta análise, mas inclusive para a melhor compreensão de conceitos como tática e estratégia.

Para Certeau (2013, p.184-185) o lugar constitui-se numa “configuração instantânea de posições”. É uma “ordem”, onde estão dispostos elementos de forma “própria e distinta” que define este lugar. Por isto num lugar “imperava a lei do próprio”. É um “estar-aí”, e indica “estabilidade”. “Uma rua geograficamente definida por um urbanismo”, por exemplo, é um lugar para Certeau (2013). Cada elemento está situado, um ao lado do outro, ou seja, em uma posição nesta ordem, neste lugar, nesta configuração. É um conceito análogo ao espaço geométrico (ou geográfico<sup>1</sup>) de Merleau-Ponty (CERTEAU, 2013) que pontua que o espaço é “o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTHY, 1994: 328). O lugar de Certeau (2013)

---

<sup>1</sup> CERTEAU (2013, p.159).



quando análogo ao espaço [geométrico] de Merleau-Ponthy pode ser então visto como um *meio estabelecedor de posições*, (uma configuração instantânea de posições).

Neste sentido, tem-se as cidades que podem ser vistas como lugares de passagem pelo outro, ou seja, do reconhecimento de formas diferentes de estar no mundo, que se tornam estáveis quando referenciadas em relação às práticas que lhes são características (MAYOL, 2011).

O lugar é palimpepsexto, ou seja, um algo vazio, um *estar-ai* que se torna *ser-ai* por práticas de espaço, “*maneiras de passar ao outro*”, um “não tudo” do sujeito (CERTEAU, 2013, p.176). O lugar é o “ver (é um conhecimento da ordem dos lugares)”, um quadro (existe), é o descritor do tipo mapa. O espaço é o ir (ações espacializantes), movimentos (você entra, você sai), é o descritor do tipo percurso (CERTEAU, 2013, p.186).

Praticar o espaço é repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É, no lugar, ser *outro e passar ao outro*. (...) Essa relação de uma pessoa consigo mesmo comanda as alterações internas do lugar (os jogos entre suas camadas) os desdobramentos caminheiros das histórias empilhadas num lugar (CERTEAU, 2013, p.176-177).

Já o espaço para Certeau (2013, p.184-185) está ligado a um direcionamento, a uma velocidade, a um tempo, depende do movimento, é um “cruzamento de moveis”, pois toma forma pelo conjunto de movimentos que nele se desenvolvem. É assim resultante de operações. Em suma, pode-se entender o espaço como a prática do lugar por sujeitos em suas vivências cotidianas, apropriações, ocupações ou usos. Neste sentido, “caminhar é ter falta de lugar” (CERTEAU, 2013, p.170), pois caminhar é espacializar.

Tem-se a relação entre alguns elementos. Ter falta de lugar, ou seja, espacializar é o mesmo que não-lugar, ou um “lugar sonhado” em Certeau (2013) pois gera um espaço. O espaço é assim “o processo indefinido de estar ausente a procura de um próprio”.

Os termos distinguem-se, porém complementam-se. A relação entre os conceitos é feita pelo autor ao afirmar que o espaço está para o lugar “como a palavra quando falada”, ou seja, a palavra quando praticada, quando dependente de um tempo e passível de modificação. O espaço, contrariamente ao lugar, “não tem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”, é portanto instável, móvel. Utilizando-se das definições de Certeau e Merleau-Phonty, pode-se inferir que o espaço geográfico de Merleau-Phonty ou lugar de Certeau são meios ou configurações de posições onde, ao se desenvolverem operações, são portanto transformados em espaços. Sendo, em suma, o espaço, “um lugar

praticado” (CERTEAU, 2013, p.184) ou o espaço, como a prática do lugar. Lugares são identificados, espaços são efetuados (CERTEAU, 2013, p.186). Como exemplo, Certeau (2013, p.160) alinha os dois termos ao substantivar a cidade, “*sujeito universal e anônimo*”, como algo capaz de “conceber e construir o espaço, a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações especulativas e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação”.

São os lugares definidos como estratos imbricados, com elementos inúmeros em uma mesma superfície observável (CERTEAU, 2013, p.278-280). Quanto às suas maneiras de apropriação, Certeau (2013) discorre sobre duas possibilidades que permitem esta ação e que são análogas: as práticas de espaço como “manipulações sobre os elementos de base de uma ordem construída” e “desvios relativos a uma espécie de “sentido literal” definido pelo sistema urbanístico”, como o espaço geométrico de urbanistas ou arquitetos, aqueles com “sentido próprio”, cujo próprio não é localizável, mas resulta em um uso particular (CERTEAU, 2013, p.167).

Assim, lugares não praticados são apenas estratos imbricados, meios ou configurações de posições, não são espaços. O elemento definidor para o termo espaço a partir de Certeau (2013) são as operações, (operações estas desenvolvidas por sujeitos) que, quando desenvolvidas em lugares os transformam em espaços, quando deixam de ser desenvolvidas, transformam espaços em meros lugares. Isto implica dizer além que é redundante a utilização do termo “espaço praticado” em se tratando de Certeau (2013), que diferencia-se por vez do termo “práticas de espaço” (CERTEAU, 2013, p.49) ou “práticas espacializantes” (CERTEAU, 2013, p.183), “práticas organizadoras do espaço” (CERTEAU, 2013, p.184) usado pelo próprio autor. Tem-se como exemplo da dinamicidade entre lugar e espaço os relatos, que efetuam “um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 2013, p.185).

Já quanto ao espaço, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. A perspectiva é determinada por uma “fenomenologia” do existir no mundo (CERTEAU, 2013, p.185), não existindo espacialidade que não organize a determinação de fronteiras (CERTEAU, 2013, p.191). O espaço citadino, segundo Certeau (2013, p.161), serve “de baliza ou marco totalizador quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas”. São onde a vida urbana se constrói sem controle e em torno de movimentos contraditórios combinados, locais impossíveis de gerir. Local cujo

consumo urbano vai além das classificações hegemônicas, um espaço dotado de variabilidade de práticas sociais ou usanças, expressivas da dimensão criativa e relacional. Local cujo uso não se separa de processos, conflitos e intervenções públicas e os sujeitos emergem nas mais diferentes interações. Espaço múltiplo que se impõe formando uma identidade própria e imaginária, sua marca distintiva. O espaço urbano é um lugar “íntimo, possibilitado pela conveniência do cotidiano” (MAYOL, 2011, p.45).

#### Quadro 4: Síntese de definições sobre os principais termos de Michel de Certeau

Constructo	Definição
Práticas	As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos <i>procedimentos</i> . São esquemas de operações e manipulações técnicas. (CERTEAU, 2013, p.103). “maneiras ou artes de fazer” (CERTEAU, 2013, p.41), como “ler, falar, caminhar, habitar, cozinhar” (CERTEAU, 2013, p.44).
Estratégia	“Cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.” (2013, p.45). É o contrário de Tática.
Tática	“Cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível”. Tem por lugar o do outro (2013, p.45). “Não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos. É portanto, um não-lugar, posto que depende do tempo (2013, p.46). É o contrário de Estratégia.
Lugar	“é um ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns <i>ao lado</i> dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.” (p.184).
Espaço	“Cruzamento de móveis.” O constituído pelos movimentos que nele se desenvolvem. “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.” “Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. “É um lugar praticado” (CERTEAU, 2013, p.184).
<b>Categorias auxiliares de análise</b>	
Próprio	“Vitória do lugar sobre o tempo. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. E um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”. É também um domínio do lugar pela vista, ou seja, permite práticas panópticas (p.94).
Outro	Contrário de próprio.
<b>Relação:</b>	<b>Lugar – Próprio – Estratégia</b> <b>Espaço – Outro - Tática</b>

Fonte: Elaboração própria de Certeau (2011, 2013).

Enquanto isso, o bairro é para Mayol (2011, p.40-42), “quase que por definição, um domínio do ambiente social”. Para o autor, (aluno de Certeau), o bairro aparece como lugar onde se manifesta o “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) ligados pelo fato concreto, mas essencial, da

proximidade e da repetição. Uma “porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua, pouco a pouco, espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço”. É uma “noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação”. Onde se acham reunidas as condições para favorecer o exercício de privatização do espaço público, o conhecimento de lugares. A prática do bairro, para o autor, depende de uma tática que tem por lugar apenas “o lugar do outro”, já que o que o usuário ganha quando sabe “possuir” seu bairro não é contabilizável, “nem se pode jogar numa troca necessitante de relações de força”: o adquirido trazido pelo costume não é senão a maneira de fazer, quando o usuário pode verificar a “intensidade da sua inserção no ambiente social” (MAYOL, 2011, p.45).

O bairro é, quase que por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo e que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças a coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos “práticos” se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana (MAYOL, 2011, p.40).

Estas categorias se acoplam formando o conjunto de relações espaciais e as atividades que ali se instauram pelas práticas relacionais e flexíveis de Certeau (2013), conforme síntese no quadro 4.

### 2.2.1 Contribuições histórico-sociológicas aos Estudos Organizacionais.

Certeau (2011, 2012, 2013) procura desvelar outras formas de se observar as interações e comportamentos, pois mergulha no agir do homem desconstruindo o que se observa como suportes estruturais fixos de análises, como os padrões espaciais, pois reconhece a subversão no cotidiano, constituído não apenas por sujeitos, mas por tempos e lugares não necessariamente uníssonos. Com isto, ele contribui para a redução de visões imóveis, frias, funcionalistas ou tradicionais no campo da Administração. Por “não propor soluções, nem apresentar um diagnóstico definitivo” que encerre “o futuro, mas, sobretudo, compreender” o que acontece (GIARD, 2013, p.11) ele situa peculiarmente seu método.

Como as maneiras de fazer, ou seja, maneiras de andar, de cozinhar, de comprar, originalmente estudadas pelo autor, sujeitos investem impressões individuais e coletivas em seu cotidiano, imprimindo a sua resistência à formas de controle. A resistência de sujeitos comuns às imposições ou forças disciplinares da sociedade é trabalhada ao dispor sobre as determinações culturais, principalmente no contexto do consumo de bens. Neste contexto, as práticas “metaforizam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro. (...) Modificavam-no sem deixá-lo. Procedimentos de consumo conservam a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante” (CERTEAU, 2013, p.89).

Para Certeau, há sempre apropriações e ressignificações modificadoras de pretensões previstas no planejamento ou na idealização dos acontecimentos (GIARD, 2013). Nestas manifestações cotidianas estão a manipulação e a fuga de mecanismos disciplinares ou controladores. São práticas de reapropriação ou reorganização do espaço, um espaço controlado por uma ordem existente.

Para este entendimento, ele conta com influências teóricas como Hegel, Freud, Lacan, Wittgenstein, Bourdieu, Spinoza, Foucault, Deleuze, Derrida e outros (GIARD, 2013) seja para concordar ou não dos postulados teóricos. Com base nestes autores, Certeau (2013) aponta os chamados modos de operação ou esquemas de ação do sujeito (não o sujeito em si, mas um autor ou veículo de práticas) e visa a “uma lógica operatória (...) ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente.

Esta lógica operatória é explícita na obra, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer” (cuja primeira edição francesa saiu em fevereiro de 1980). Nesta, Certeau apresenta o que chama de antidisiplina, visão que, segundo Giard (2013, p.12) desloca “a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos”. Ao declarar seu posicionamento quanto aos modos de fazer dos consumidores, Certeau (2013) explicita seu campo de análises, a produção cultural, e a sua maneira de observar e interpretar os fatos, em suma, sua teoria, pelas práticas táticas dos consumidores. Segundo o autor, trata-se de uma obra sobre a “operacionalidade e a virtuosidade das práticas correntes, dinâmica infinita da cotidianidade” (CERTEAU, 2012, p.18).

Nesta obra é em “Práticas do espaço”, terceira parte do livro, que Certeau (2013) demonstra suas inquietações sobre as práticas do espaço urbano. As práticas de espaço são determinadas por um estilo (maneira de ser: denotando um singular) e um uso (a manifestação, remetendo a uma norma), que se cruzam no estilo do uso ou na maneira de ser e de fazer, nas maneiras de se apropriar de lugares. Neste sentido as práticas de espaço

são “manipulações sobre elementos de base”, “uma ordem construída”, “desvios relativos” do sentido literal criado pelo sistema urbanístico (CERTEAU, 2013, p.167). De especial interesse para este estudo, as práticas de espaço “remetem a uma forma específica de operações a uma outra espacialidade (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e uma mobilidade *opaca e cega* do espaço habitado. Para esta explicitação ele trabalha analogias entre a prática do caminhar e a prática do relato e insere categorias analíticas de espaço e lugar e, para explicá-las, determinantes como percurso e mapa, demarcação e delinquência (como se dá a tática neste modelo).

maneiras de frequentar um lugar, aos processos complexos da arte culinária e aos mil modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas, isto é, de abrir ali uma possibilidade de vivê-las reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprazer-se (GIARD, 2013, p.49).

O Tomo II, “A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar” (cuja primeira edição francesa saiu em fevereiro de 1986), foi também suporte fundamental de estudos por explicitar a prática de muitos de seus conceitos por meio de seu aluno Mayol. Nesta, há os resultados de sua pesquisa, aplicando a teoria do autor na análise do bairro, pertinente a esta análise, especificamente um bairro de Paris, em códigos sociais como o da Conveniência, análises em estabelecimentos comerciais de rua, hábitos e rituais relacionados ao pão e ao vinho, o fim de semana e as compras, retorna explicações sobre a cidade em seus espaços públicos e privados e por fim as práticas de “cozinhar e reflexões finais acerca da ciência e dos métodos de pesquisa.

Outra obra de Certeau de relevante importância para esta análise foi “A cultura no plural” (primeira edição francesa em 1974), que trata-se da reunião de uma “série de artigos publicados entre 1968 e 1973”, e que diz “respeito à vida social e a inserção da cultura nessa vida” (GIARD, 2012, p.9). Nesta, a intenção dos textos era “atacar com vigor a celebração estabelecida da “*cultura no singular*”, que ele criticava por ser sempre traduzida como “*o singular de um meio*” (...). Daí sua vontade de substituir essa cultura no singular, que “impõe sempre a lei de um poder” (GIARD, 2012, p.11). Em, “A cultura no plural” Certeau (2012) explicita a importância da autoria e da significação das práticas sociais por indivíduos na formação de uma cultura verdadeira. Tem-se o caráter não individual ou interacional das práticas.

De forma a diminuir o incomodo trazido pelo termo “cultura”, polissêmico, Certeau (2012) apresenta uma síntese, conforme quadro 5 a seguir, com 6 entendimentos

diferenciados sobre o termo, pontua o que compreende como subcultura, contracultura e o que representa a adjetivação “cultural”. Tais explicitações serão úteis na compreensão dos bairros em estudos (seção 4.1), em alguns de seus diferentes estágios no decorrer de seus processos históricos.

**Quadro 5: A cultura e seus diferentes usos e significados por Certeau**

<b>Cultura</b>	<p>a. Os traços do homem “culto”, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades estratificadas por uma categoria que introduziu suas normas onde ele impôs seu poder.</p> <p>b. Um patrimônio das “obras” que devem ser preservadas, difundidas ou com relação ao qual se situar (por exemplo, a cultura clássica, humanista, italiana ou inglesa etc.). À ideia de “obras” que devem ser difundidas acrescenta-se a de “criações” e de “criadores” que devem ser promovidos, em vista de uma renovação do patrimônio.</p> <p>c. A imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo etc.) ou uma época (medieval, contemporânea etc): a <i>Weltanschauung</i> de Max Weber, a <i>Unit</i> ideia de A.O. Loveljoy etc. Essa concepção que atribui a “ideias” tácitas o papel de organizar a experiência aproxima-se talvez da estética social de Malraux, substituta das visões de mundo religiosas ou filosóficas.</p> <p>d. Comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadros de referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras. Desde E.B. Tylor (<i>Primitive culture</i>, 1871), este se tornou um conceito-chave em antropologia cultural (cf. os <i>patterns of culture</i>). Há todo um leque de posições segundo se privilegiem as práticas e os comportamentos ou as ideologias e os mitos.</p> <p>e. A aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui a criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que opõe e a associa à natureza.</p> <p>f. Um sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se sobretudo pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se sobretudo as regras que organizam entre si os significados, ou, em uma problemática próxima, a mídia (cf. A. Moles).</p>
<b>Subcultura</b>	A cultura de um subgrupo, de uma minoria etc.
<b>Contracultura</b>	Julgamento que a maioria faz das subculturas e cujas implicações sociais os subgrupos ratificam, muitas vezes, quando a ele recorrem para caracterizar a si próprios.
<b>Cultural</b>	Ação cultural: expressão paralela à “ação sindical” ou à “ação política”, designa uma intervenção que liga os agentes a objetivos (ou “alvos”) determinados. É também um segmento operacional em que os meios de realização dizem respeito aos objetivos a serem definidos.

	Atividade cultural: situa a atividade em uma cultura aceita e patenteadada (cf. sentidos a e b de cultura), isto é, na “cultura erudita” (Edgar Morin).
	Agentes culturais: aqueles que exercem uma das funções ou uma das posições definidas pelo campo cultural: criador, animador, crítico, promotor, consumidor etc.
	Política cultural: um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações que visam ou à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos.
	Discurso cultural: toda a linguagem que trata dos problemas culturais, na medida em que haja uma relação entre sua forma e seu conteúdo.
	Desenvolvimento cultural: submete à lei de um crescimento homogêneo as reformas necessárias a uma extensão da produção ou do consumo. Uma ideologia da continuidade e, em particular, da invariabilidade do sistema socioeconômico sustenta o conceito de desenvolvimento e o opõe àqueles da “revolução cultural” ou de transformações “estruturais”.

**Fonte:** Certeau (2012, p.193-195).

Especificamente em “A invenção do cotidiano”, nas práticas cotidianas, ou ainda, nos “modos de fazer” de sujeitos comuns (chamados ordinários) é explícita a lógica de resistência à chamada produção sociocultural, sendo o cotidiano o *locus* onde a ocorre a análise dos fenômenos, pois é nele que as práticas se entrecruzam utilizando as relações em um emaranhado complexo de interpretações. Estes modos de fazer são estudados por operações (de usuários) “supostamente entregues à passividade e à disciplina” de um sistema (CERTEAU, 2013, p.37), mas que, como se observa em suas análises, são expressas de modo transgressor ou resistente. Ao esboçar seu entendimento político no agir do homem, Certeau (2013) não se preocupa com a criação de um modelo teórico para esboçar categorias analíticas, mas faz uma série de análises sobre o cotidiano de modo a opor ideias como tática e estratégia, lugar e não lugar, outro e próprio.

Conforme Junquilha (et al., 2012), como direcionamento epistemológico, as práticas por Michel de Certeau, embasam-se, segundo o conceito de agência, em outras palavras, como pessoas podem ou não influenciar seu ambiente. A ação, ou agência humana, como investida nas maneiras pelas quais “corpos se movem, objetos são manuseados, sujeitos são tratados, coisas são descritas e o mundo é entendido” (RECKWITZ, 2002, p. 250) fundamenta a noção de prática e imbrica-se com a estrutura social (JUNQUILHO et al., 2012).



O exame das práticas para Certeau (2013, p.37-38), porém, não implica em um regresso ao indivíduo, como pode parecer a princípio. Está na relação “sempre social” o determinante do indivíduo, para ele, o “lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.

Embora o campo de análises do autor seja o social, tais categorias denunciam-se como úteis para a compreensão da realidade organizacional (JUNQUILHO et al., 2012; OLIVEIRA; CAVEDON, 2013) pois, pensar as práticas organizacionais à luz de Certeau (2011, 2012, 2013), ou seja, das categorias citadas e maneiras de pensar e pesquisar do autor, torna-se útil na observação sobre como as práticas de indivíduos em organizações contribuem, além da constituição dos próprios sujeitos em suas lógicas de ação, para às determinações externas ao ambiente organizacional. Isto, pois, em vista das imbricações com o contexto histórico-social a que organizações pertencem, tais categorias fornecem análises diferenciais e pormenorizadas do cotidiano da gestão pelas lentes que imbricam a vivência interna à externa. Há interstícios na e das práticas nas diferentes lógicas de ação em determinadas conjunturas, estabelecendo solo comum de atuação dos sujeitos sociais (OLIVEIRA, CAVEDON, 2013).

A partir do exposto, parte-se para as delimitações deste estudo para em seguida, as descrições devidas.

### 3. MÉTODO DE PESQUISA

Objetivando identificar e descrever as práticas de espaço de uma organização em contiguidade com o espaço urbano onde se situa foi feita uma investigação exploratória-descritiva, marcada por estudo qualitativo e delineada pelo estudo de campo, marcadamente pela inspiração etnografia como postura metodológica. A inspiração etnográfica trata-se, segundo Levy (1995), de um esforço de pesquisadores que não foram treinados na Antropologia, mas que desenvolvem estudos inspirados no método etnográfico. Esta abordagem evidencia-se também como apropriada em vista do tempo de permanência em campo, relativamente pequeno para um estudo etnográfico tradicional (inferior a 6 meses) e também da delimitação de formas específicas de análise (práticas cotidianas), o que vai de encontro à concepção de Geertz (2008, p.10) como ‘um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente’ ou à amplitude defendida por Malinowski (1975) ao pontuar a construção de um todo coerente de aspectos.

A etnografia evidencia-se como método mais apropriado para o estudo do cotidiano, que solicita a imersão como percurso ontológico e epistemológico, e em vista além, da influência de Michel de Certeau na exploração de conceitos de análise como práticas ou “modos de fazer”.

A organização escolhida foi uma escola e produtora de fotografia, a Analógica, situada nos limiares dos bairros Centro e Praia de Iracema (Fortaleza - CE). A escolha da organização será explicitada a seguir.

#### 3.1 A abordagem metodológica

Nas práticas a partir de Certeau (2013) pela necessidade de captar o cotidiano vivido dos agentes em suas interações, faz-se necessária a imersão na realidade estudada de forma participativa, compreendendo-a, o que vem a propiciar a utilização de estudos etnográficos.

Ainda no que tange a este estudo, pelas peculiaridades do problema, há a necessidade de trabalhar “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, em suma, “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 1999, p. 21-22), obtidos por meio de estudos qualitativos caracteristicamente marcados pela maior proximidade com o campo, cujos dados precisam necessariamente, ser obtidos por observação direta. Tais especificidades

justificam a escolha do estudo de campo como delineamento em vista da maior necessidade de aprofundamento em um único grupo, aprofundamento este feito por um conjunto de técnicas como a observação participante, entrevistas, conjugada com análise de documentos, imagens e outros (GIL, 2002).

Manning (2001) coloca que, como uma prática da descrição cultural, a etnografia, é o meio através do qual o “contexto” é estabelecido, e de forma inversa, o meio mais poderoso para revelar as problemáticas-chave em campos como estes. Para Linstead (1997) a etnografia é o método que mais se apropriou das ideias do pós-modernismo sobre representação da verdade e do conhecimento.

Em vista das informações descritas acima, compõem-se assim alguns dos pressupostos para a utilização da etnografia neste estudo. Um estudo de natureza microscópica (GEERTZ, 2008), que objetiva “compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo” (MALINOWSKI, 1978, p.36), em outras palavras, objetiva por meios sistemáticos, exercer a alteridade cientificamente.

De forma a delimitar epistemologicamente esta investigação, e tendo em vista as diferentes maneiras de compreensão da etnografia, a presente pesquisa será orientada pelo chamado esforço intelectual (GEERTZ, 2008), postura (ROCHA *et al.*, 2005) etnográfica ou ainda inspiração etnográfica.

A proposição do estudo é defendida por uma série de estudiosos que já se empenharam na tradução (embora ainda não acabada) da epistemologia que embasa à etnografia, para a Administração, tida como pragmática e utilitarista (CAVEDON, 2003), bem como seu método, processos e técnicas, para as ciências sociais aplicadas. Em Estudos Organizacionais isto pode ser visto em autores como Cavedon e Ferraz (2005), Flores-Pereira e Cavedon (2009), Alcadipani (2010), Ipiranga (2011), Tureta e Alcadipani (2011), Figueiredo e Cavedon (2012), Oliveira e Cavedon (2013), dentre outros.

Além destas ponderações, acrescenta-se uma última delimitação à respeito deste estudo. O termo “método” será intercambiado, com “estudo”, “investigação”, “exercício”, “esforço”, postura, para orientar o conjunto de etapas, processos e também técnicas específicas empregadas na operacionalização (ou imersão) no campo e construção do relato ou narrativa etnográfica.

Consistindo em um estudo descritivo “extraordinariamente denso” (GEERTZ, 2008, p. 7) em uma determinada comunidade, sociedade ou organização em sua vida

cotidiana (LINSTEAD, 1997) onde o campo, especificamente a observação participante, constitui o processo e, o relato de cunho monográfico, o produto (BATZAN, 1995), a etnografia apresenta diferentes formas de entendimento.

Para Geertz (2008, p.4), o que define a etnografia é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. O autor já contestava a visão conferida à etnografia pelo viés de suas técnicas, visão comum pela grande necessidade de sistematização, em vista do grau de subjetividade e complexidade do campo. Um risco, portanto, assumido pelo pesquisador que, como corroboram Rocha (*et al.*, 2005) é orientado por uma postura mais ampla de pesquisar.

Definições quanto à etnografia sobre a sua prática, com técnicas, etapas ou processos e orientações epistemológicas ou ainda à sua narrativa são frequentes, o que levou Bate (1997) a compilar as visões sobre a etnografia sob três perspectivas: 1) um tipo particular de método ou atividade de campo - um “fazer etnográfico” (MALINOWSKI, 1978), 2) um esforço intelectual ou paradigma - o “pensar etnograficamente” (GEERTZ, 2008) e, 3) um estilo narrativo (a “escrita etnográfica”). Para Sanday (1983), há ainda um “paradigma etnográfico”, como um processo que se inicia quando um observador entra em campo preparado para uma longa permanência, com suas ferramentas e instrumentos de pesquisa, finalizando seu trabalho na checagem, interpretação, organização e publicação das grandes quantidades de dados coletados.

Para este exercício que envolve descrições e interpretações sistemáticas, em suma, uma prática complexa, utilizou-se de alguns autores que se empenham na delimitação de etapas necessárias ao observador. Batzan (1995) descreve três diferentes momentos: 1) delimitação do campo (objeto, campo e tempo no campo); 2) investigação de fontes documentais referentes ao objeto; 3) inserção no campo com a sistematização de registros, sendo a observação participante e direta relatada pela técnica do diário e notas de campo. Há neste uma linearidade confrontada por Silva (2000, p. 27) ao afirmar que as etapas “são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral”, o que vem a flexibilizar a condição dos momentos de Batzan (1995). Em situação cotidiana, o pesquisador, muitas vezes, conhece seu campo antes de iniciar sua proposta de pesquisa. Há assim uma dinâmica interacional diferenciada dependendo do campo de estudos.

Outro ponto, é a necessidade de lidar, como pesquisadora com os aspectos da alteridade, tentando transformar o estranho, em familiar. Torna-se necessário adquirir habilidades ainda para detectar as nuances linguísticas, gírias e jargões do campo em imersão (LINSTEAD, 1995). Para Flores-Pereira e Cavedon (2009) é o momento onde

as comparações devem ser registradas para tornar evidentes as perspectivas dos pesquisados (êmicas) e do pesquisador etnógrafo (ética). Há aqui a explicitação de dois momentos, o “apreender” e o “apresentar”, para Flores-Pereira e Cavedon (2009), um movimento de aproximação com o grupo estudado, proveniente desta imersão, e um afastamento, para permitir posteriormente a análise que terminará na apresentação ou relato etnográfico.

Viver entre os nativos refere-se à completa imersão em campo compreendendo como eles compreendem. Em estudos organizacionais, ou mais abrangentemente, em Administração (ou no *management*), significa, segundo Linstead (1997), mais que transformar o estranho em familiar, mas em transformar o familiar, (o campo organizacional) em estranho, ou ainda segundo Maso (2001) tornar o desconhecido conhecido e fazer o conhecido, desconhecido. Objetiva-se assim identificar as práticas, símbolos ou significados ainda despercebidos ou pouco explorados na análise organizacional.

Não se trata de tornar-se um nativo, mas de compreender como este compreende o observador, por meio da interpretação de sua maneira de pensar e agir, exercendo autenticamente um exercício de alteridade. Trata-se, segundo Geertz (2008, p.12-13) de interpretar a partir das descrições, mesmo com a consciência de que tais interpretações são já de segunda ou terceira mão (visto que a primeira é feita pelo nativo), sendo, portanto algo modelado ou construído, mas não falso, não-factual ou exercícios do pensamento, mas sim, o grau em que o autor é capaz de esclarecer o que ocorre nos lugares estudados para reduzir sua perplexidade.

Além do desenvolvimento pelo pesquisador de uma maneira ou modo profundamente imerso de pesquisar, estudos etnográficos exigem a utilização disciplinar destes recursos (MALINOWSKI, 1978; LINSTEAD, 1997). Deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna” deve providenciar boas condições para o seu trabalho” e “recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas (MALINOWSKI, 1978, p.21).

Neste estudo, o esforço etnográfico foi constituído conforme exposto a seguir.

### **3.2 Composição do Corpus Empírico**

Tendo como base, portanto, as etapas de Batzan (1995), nesta investigação delimita-se como campo o subjetivo, ou “uma experiência pessoal” (GEERTZ, 1983, p.10) sendo o texto escrito na primeira pessoa do singular. Estabelece-se como objetivo geral: Identificar e descrever as práticas de espaço da organização sob estudo em sua relação com o espaço urbano no qual se situa pelo recorte do bairro. Para isto, tem-se como objetivos específicos: a) Compreender o contexto histórico dos espaços, organização e bairros, sob estudo; b) Identificar os agentes e descrever as práticas de espaço da organização pelo recorte do bairro no qual está inserida e; c) Indicar as influências das práticas espaciais no espaço urbano.

Seguindo Bauer e Aarts (2008) na composição do corpus empírico deste estudo, foram empregadas técnicas de coleta no sentido de construir a dinâmica de descrições e interpretações de forma a garantir a representatividade da pesquisa. Muitas destas técnicas partiram de necessidades observadas no percurso metodológico do campo. Desta forma, esta investigação finalizou-se com o uso das seguintes técnicas de coletas de dados para a composição do exercício etnográfico final: levantamentos histórico-documentais (CAVEDON, 2003) em fontes bibliográficas (reportagens, fotografias, publicações em livros e artigos, materiais concedidos pela organização – apostila do curso, referências sobre a fotografia transmitidas em aula ou em conversas e contidas na biblioteca do curso) e virtuais (sites e redes sociais); a observação participante e sistemática e as anotações dos diários de campo (GEERTZ, 2008); entrevistas em profundidade e relacionais (SPINK, 2004) e a etnografia de rua como técnica (ECKERT; ROCHA, 2003).

Embora não sejam determinantes do empreendimento etnográfico (GEERTZ, 2008) as técnicas e ferramentas constituem-se de fundamental importância para sua devida operacionalização. Gravadores ou câmeras, e ao mesmo tempo, flexibilização para garantir outras formas de análise, são necessárias (LINSTEAD, 1997). Os equipamentos, neste estudo, resumem-se às notas e diário de campo e ao celular da pesquisadora, com aplicativos de gravação (neste caso, exclusivamente áudio) e câmera fotográfica. No período da observação como aluna do curso de iniciação à fotografia, uma câmera semiprofissional foi utilizada.

### 3.2.1 Quanto às técnicas de coleta:

- **Levantamentos histórico-documentais** (CAVEDON, 2003): A pesquisa histórica serviu de base sobretudo para levantar o contexto histórico-espacial dos bairros

em estudos aproximando-se do que Mayol (2011, p.37) chama de “sociologia urbana do bairro”, para possibilitar a investigação e construção histórica de processos sociais que ali se desenvolvem. Mesmo a organização em estudos ter menos de 10 anos de existência (aproximadamente 5 anos), ela está situada em casarão e uma rua que fazem parte e sofrem influências de seu passado e cultura. Registros fotográficos históricos e outros feitos por mim também foram utilizados de forma a facilitar o diálogo entre o espaço e tempo passado e presente. No mais, artigos, livros tanto sobre a história dos espaços quanto da fotografia foram utilizados, além de uma apostila cedida pelo próprio curso (esta, especificamente sobre a história da fotografia e técnicas fotográficas). Já o que se verá abaixo aproximam o que Mayol (2011, p.37) chama de “análise socioetnográfica da vida cotidiana”, aqui aplicada a vida organizacional de acordo com os objetivos em estudos.

Levantamentos documentais como para a análise do site da organização ou em redes sociais como o Facebook e Instagram foram também feitos, em especial esta última rede, pelo teor das informações nela contidas e capacidade de análise da pesquisadora. O Instagram evidenciou-se como ferramenta mais objetiva e direta na captação das relações espaciais que extrapolam o limiar interno da organização, as interações eram mais curtas e em menor quantidade, enquanto que o Facebook, mostrou-se como algo mais interacional e com objetivos mais dispersos. As postagens eram analisadas simultaneamente e posteriormente, em todos os casos eram feitas fotografias (*prints*) da tela no celular e guardadas para análise posterior (o que se evidenciou como importante para salvaguardar a análise da totalidade das conversações que surgiam das postagens).

- **A observação participante e sistemática:** a imersão do pesquisador no cotidiano do grupo em estudos de forma a compreender suas vivências (GEERTZ, 2008). Exige adaptação social do pesquisador. A anotação de todos os detalhes dos acontecimentos da vida organizacional deve proceder a observação participante por um registro de todos os eventos do cotidiano grupo e impressões e sentimentos do pesquisador no diário de campo, relevante além para manter o estranhamento necessário ao campo na postura de pesquisador (MALINOWSKI, 1976). Seguindo Goode e Hatt (1960), a participação no grupo pode variar entre membro total e membro parcial, devendo o pesquisador encontrar um papel que não perturbe os padrões comuns de comportamento.

Minha participação variou portanto entre uma participação mais passiva e uma participação mais ativa, por vezes com participação total, por vezes com participação

parcial, variando de apenas pesquisadora, para pesquisadora-aluna (momento de maiores conflitos internos e sensações), pesquisadora-ex-aluna (neste momento, como pesquisadora e ex-aluna formalmente, passei por momentos e sensações ainda mais dúbias, pois mesmo como formalmente ex-aluna, por ainda ser pesquisadora pude participar de atividades que apenas alunos poderiam participar, mas não ex-alunos ou aspirantes, o que me garantiu, segundo Goode e Hatt (1960) informações que não seriam disponibilizadas facilmente em observação desinteressada. Neste caso acabava me sentindo como aluna, sem nunca esquecer da condição de pesquisadora. Quanto a este ponto, interessante ressaltar que os membros da organização, principalmente na figura do líder principal, me tratavam como aluna, mas valorizavam o status de pesquisadora, o que era observado em sua postura ainda mais solícita ao pedir informações mais específicas, não típicas de um aluno ou quando era apresentada à terceiros, como uma forma de orgulho ou satisfação por estarem sendo pesquisados.

Pontua-se ainda segundo Goode e Hatt (1960), que muitas informações advieram após algum tempo de pesquisa, de forma a influenciar minimamente o comportamento do grupo e de forma a garantir percurso natural no fornecimento das informações, a partir de maior ganho de confiança. Este ponto foi preocupação crucial da pesquisadora na experiência etnográfica. Sobre o quadro de informantes, fazem parte membros fixos da organização àqueles que possuem relações (ex-alunos ainda frequentadores, amigos, profissionais relacionados, ocupantes dos espaços de pesquisa), conforme quadro 5, a seguir.

Especificamente no que tange à observação dos espaços, por estes, segundo Mayol (2011, p.42) serem propostos “a medida dos investimentos dos sujeitos, para analisá-los tornou-se importante observar categorias como os “comportamentos” e o que Mayol (2011) chama de “benefícios simbólicos que se espera obter pelas maneiras de se portar no espaço”, conceitos estes articulados pela ideia de conveniência (MAYOL, 2011, p.38-39). Os comportamentos tornam-se visíveis no espaço social, que é praticado e “se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita dos códigos de cortesia (saudações, palavras amistosas, pedido de notícias), o ritmo do andar, o modo como se evita ou ao contrários se valoriza este ou aquele espaço público.” Já os benefícios simbólicos são percebidos “de maneira parcial, fragmentada” no modo como o usuário “caminha” ou como “consome o espaço”, “além do discurso de sentido”, relatado pelo usuário. A conveniência é, assim, o compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí



benefícios simbólicos necessariamente protelados” (MAYOL, 2011, p.39). O conceito de conveniência organiza a partir de dentro a vida política da rua.

O sistema de comunicação no bairro é fortemente controlado pelas conveniências. O usuário, ser imediatamente social apanhado em uma rede relacional pública, que ele não controla totalmente, é intimado por sinais que lhe intimam a ordem secreta de comportar-se conforme as exigências da conveniência. Esta ocupa o lugar da lei, lei enunciada diretamente pelo coletivo social que é o bairro, do qual nenhum dos usuários é o depositário absoluto, mas ao qual todos os usuários são convidados a submeter-se para possibilitar, simplesmente a vida cotidiana (MAYOL, 2011, p.56).

- **No que tange ao diário de campo**, o que deve ser observado e registrado inclui, segundo Malinowski (1975, p.36): 1) A organização do grupo estudado e a anatomia da sua cultura; 2) o *imponderabilia da vida real* (rotina, pormenores, maneiras de fazer, ambiência das conversas e da vida social mesmo em momentos de descontração, a existência de laços de amizade ou hostilidades, o modo sutil, mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais tem reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reações emocionais), e o tipo de *comportamento*; 3) a narrativa de características, ocorrências típicas, sob a forma de *corpus inscriptionum*, como documentos da mentalidade local.

Estes três pontos levam para o autor, ao compreender o ponto de vista do grupo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo. Para Cavedon (1999) o diário de campo tem papel relevante sobretudo na composição da narrativa etnográfica. Em minha experiência, as anotações iniciais já foram elaboradas sob a forma de diário, com o tempo, precisei fazer notas para posteriormente transcrevê-las para o diário. Este procedimento seguiu também o percurso das informações, pois à medida que o tempo transcorria e as informações e interações aumentavam, tornava-se cada vez mais difícil fazer anotações detalhadas e de forma simultânea aos acontecimentos (em alguns momentos era inviável pela quantidade de informações e presença de pesquisados, no fim o procedimento em campo se resumiu a anotações rápidas em tópicos, muitos registros fotográficos e as consequentes descrições e análises ao chegar em casa). De qualquer forma, retomadas à descrição dos fatos e análises posteriores ao fim dos dias eram sempre necessárias e reforçavam o uso do diário. Em vista de ter que recorrer à lembranças muitas vezes, alguns detalhes mais significativos eram lembrados, mas por vezes alguns foram esquecidos. Quanto às análises, muitos *insights* surgiram apenas após alguns dias das descrições e fatos, na forma de catarses e após algum afastamento dos fatos em si.

- **Entrevistas em profundidade e relacionais:** Mesmo não sendo uma conversa informal, possui caráter relacional (SPINK, 2004). Segundo Goode e Hatt (1960), as entrevistas possuem diferentes graus de estruturação e portanto, de profundidade. Assim, para a obtenção de padrões é necessário que se sacrifique, muitas vezes, a profundidade da entrevista (GOODE E HATT, 1960). O roteiro da entrevista surge assim como uma ferramenta para a adequação a determinados momentos e entrevistados. Para os autores essa é uma técnica de interação social, em que são de extrema importância aspectos como a intuição do pesquisador. Assim, no decorrer da pesquisa, foram feitas entrevistas com variados graus de formalidade. Predominaram entrevistas com menor grau de formalidade em vista do perfil do grupo em estudos, como descrito a seguir, no entanto, vale ressaltar que estas entrevistas seguiram roteiro previamente estabelecido (APENDICE A).

As entrevistas em profundidade foram realizadas com os dois sócio-proprietários da organização, o gerente-coordenador, a secretária, o estagiário, um professor e um aluno. Demais entrevistas menos estruturadas foram realizadas com professores, um vigia, alunos e ex-alunos, amigos e outros que frequentam a organização por relações profissionais de produção, interessados em fazer o curso (participar das relações da organização diretamente) e passantes do entorno da organização (catadores). Todos estes fazem além, parte do quadro de informantes da pesquisa. De forma a preservar a identidade dos informantes foram estabelecidos nomes, aqui equivalentes a elementos de equipamentos fotográficos, assim como a Organização também teve sua identidade preservada.

**Quadro 4: Entrevistas em profundidade**

<b>Entrevistado</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Mês da Entrevista</b>	<b>Local</b>	<b>Duração (aproximada)</b>
Foco	Sócio-Proprietário	Dezembro	No carro da Análogica – percurso Estúdio – Centro da	1h

			Cidade -	
			Analógica	
Iso	Sócia-Proprietária	Outubro	Analógica	30 min.
Obturador	Gerente e Coordenador	Agosto	Analógica	40 min.
Diafragma	Secretária	Outubro	Analógica	20 min.
Disparador	Estagiário	Dezembro	Analógica	10 min.
Flash	Professor	Agosto	– Mercado dos Pinhões	40 min.
Lente	Ex- aluno/Professor	Dezembro	Casa do entrevistado	52min.

**Fonte:** Elaboração própria.

Nota 1: Algumas entrevistas foram interrompidas e retomadas posteriormente. A especificação acima trata-se do tempo total.

Nota 2: Além das entrevistas em profundidade, vale frisar que, de acordo com as especificidades dos informantes (ocupações), entrevistas de caráter menos estrutural, em forma de conversas foram também utilizadas, todas porém, identificadas com relação ao uso para a pesquisa. Estas entrevistas foram incontáveis no decorrer do estudo e em diferentes situações (aulas, intervalos, eventos, e em diferentes locais - organização ou outros locais de encontro).

Nota 3: Nenhum destes entrevistados reside nos bairros pertencentes à pesquisa.

- **Etnografia de Rua:** A etnografia de rua como uma técnica (ECKERT; ROCHA, 2003) tornou-se necessária em vista das imbricações dos espaços organizacionais e fundamenta-se na antropologia urbana (VELHO, 1999) e objetiva compreender peculiaridades da vida urbana, fenômenos socioculturais produzidos e reproduzidos na vida cotidiana. Nela, o pesquisador percorre lugares, observa o espaço e interage com os sujeitos que dele participam, realizando um mapeamento e analisando os fluxos de pessoas em suas formas de apropriações dos lugares (ECKERT; ROCHA, 2003).

Neste estudo a etnografia de rua seguiu percursos metodológicos que partiram da organização em suas relações, sendo realizado um mapeamento final das localidades relacionais durante o decorrer da pesquisa. Neste processo, pode-se dizer conforme Certeau (2013, p.164) que me inseri-me em “um processo de apropriação do sistema topográfico” da rua como pedestre, em uma “realização espacial” de lugares em operações de análise.

Quanto às visitas em campo, segue no quadro 5 uma síntese final.

**Quadro 5: Resumo cronológico do Percorso Etnográfico**

Visita	Data	Dia	Experiência	Horário de Chegada	Horário de Saída	Duração
1	12/07/2014	Sábado	Virtual	Período da Tarde		

2	14/07/2014	Segunda	Telefone/Analógica	Manhã/15h	16:30h	1:30
			Analógica + (ER) <sup>1</sup> (aula -			4:30
3	22/07/2014	Terça	turma noite)	18h	22h	
4	26/07/2014	Sábado	Analógica – OP <sup>2</sup> (1º aula)	10h	15:30h	5:30
			Palestra online (Congresso			2
	27/07/2014	Domingo	Livre de Fotografia)	20h	22h	
5	02/08/2014	Sábado	Analógica – OP (2º aula)	10h	15:25h	5:25
6	05/08/2014	Terça	Analógica	13:15h	17h	3:45
			Passeio Público – OP (3ª aula)			5:15
7	09/08/2014	Sábado	+ (ER)	9:30h	15:15h	
8	14/08/2014	Quinta	Analógica	14h	18h	4
9	16/08/2014	Sábado	Analógica – OP (4ª aula)	10h	15:30h	5:30
10	23/08/2014	Sábado	Analógica – OP (5ª aula)	9:45h	15:10h	5:25
11	25/08/2014	Segunda	Analógica	18h	22:30h	4:30
12	26/08/2014	Terça	Analógica	18:15h	22h	3:45
13	27/08/2014	Quarta	Analógica	18h	22:10h	4:10
14	28/08/2014	Quinta	Analógica	18h	22h	4
15	30/08/2014	Sábado	Analógica – OP (6ª aula)	10h	15:15h	5:15
16	04/09/2014	Quinta	Analógica	13:43	17h	3:17
			Mercado São Sebastião – OP			3
17	06/09/2014	Sábado	(7ª aula) + (ER)	9h	12h	
18	10/09/2014	Quarta	Praia de Iracema (ER)	9h	13:30h	4:30
Enanpad 2014 RJ (Semana 14/09 à 20/09)						
			Analógica – OP (8º aula -			4:30
19	26/09/2014	Sexta	Ensaio Final)	19h	22:30h	
20	1/10/2014	Quarta	Analógica	14h	18h	4
21	9/10/2014	Quinta	Analógica	13:30h	17:45h	4:15
			Porto Iracema das Artes,			3
22	10/10/2014	Sexta	Dragão do Mar + (ER)	9h	12h	
23	11/10/2014	Sábado	Mercado dos Pinhões + (ER)	15h	18h	3
24	14/10/2014	Terça	Entorno Analógica (ER)	9h	13h	4
25	23/10/2014	Quinta	Entorno Analógica (ER)	14h	17h	3
26	30/10/2014	Quinta	Entorno Analógica (ER)	14:15h	17:30h	3:15
27	04/11/2014	Terça	Fábrica de Negócios <sup>3</sup> + (ER)	13h	16:30	3:30
28	05/11/2014	Quarta	Fábrica de Negócios	20h	22h	2
29	14/11/2014	Sexta	Entorno Analógica (ER)	14h	18h	4
30	21/11/2014	Sexta	Analógica	13h	14h	1
31	28/11/2014	Sexta	Porto Iracema das Artes	18h	21:30h	3:30
32	2/12/2014	Terça	Dragão do Mar	19h	21h	2

33	05/12/2014	Sexta	Analógica	18h	22h	4
Museu da Industria (em frente						2
33	11/12/2014	Quinta	ao Passeio Público)	19h	21h	
34	17/12/2014	Sexta	Sobrado Dr. José Lourenço	19h	21h	2
35	13/12/2014	Sábado	Centro de Fortaleza (ER) <sup>4</sup>	9h	15h	6
36	18/12/2014	Quinta	Estúdio – Orbita Bar	19h	2h	7
Total:				Horas: em torno de 130h/campo <sup>5</sup>		
36 encontros em 5 meses						

**Fonte:** Elaborado pela autora (2014).

1 - ER: Etnografia de Rua

2 – OP: Observação Participante – Experiência como aluna

3 - Fábrica de Negócios: Praia de Iracema, Av. Monsenhor Tabosa, n°.:740

4 - Centro de Fortaleza: Mercado dos Pinhões – Porto de Iracema das Artes – Dragão do Mar – Rua Adolfo Caminha, Mucuripe Club - Passeio Público – Sobrado Dr. José Lourenço - Mercado Central – Praça do Ferreira, Rua Monsenhor Tabosa.

5 - Excetuando-se as horas de observação de comunicação em redes sociais virtuais (Facebook, Instagram e Site), além da análise de e-mails.

O período de realização da pesquisa se deu, assim a partir de meados de julho de 2014 à dezembro do mesmo ano, frequentando a pesquisadora um ou mais dias em cada semana, um dia atuando como aluna e outros apenas na experiência observacional e entrevistas. A duração do contato constitui-se em torno de 4 a 5 horas por dia e os horários variaram em vista da necessidade de acompanhamento de atividades de produção externas ou cursos esporádicos em variados dias oferecidos pela instituição e acompanhados pela pesquisadora. Visitas por pontos do bairro também foram necessárias de forma a captar as imbricações, entrelaçamentos e externalidades das práticas, conforme as necessidades observadas em campo. Assim, os bairros estudados, tiveram como ponto de partida a organização. Dela partiram caminhadas para outros pontos do bairro, como pertinente a dinâmica de interações, conforme explícito a seguir.

### 3.2.2 Quanto as técnicas de interpretação dos dados

A interpretação caracteriza-se pela reflexividade, ou seja, uma interpretação cuidadosa, caracterizada pelo vai e vem reflexivo do processo de análise à luz da teoria (ALVESSON SKOLDBERG, 2000). A reflexividade consiste em compreender o contexto de interesse e considerar as peculiaridades do próprio pesquisador, além das tradições intelectuais e culturais a qual a pesquisa floresce. Para Sharf e Soriano-Sierra (2008, p.90), consiste em “pensar nas condições sob as quais algo é construído, implicando investigar os modos pelos quais o contexto teórico, cultural ou político afeta a interação com o que esteja sendo pesquisado”. Para a interpretação reflexiva, os dados

do campo e as entrevistas gravadas, após transcritas, foram transformados em categorias, identificadas de maneira a se obter as reflexões resultantes, explicitadas a seguir.

Quanto à linearidade das análises, assim, o modelo espiral ou circular faz-se mais presente, pois recorreu-se, a cada descoberta e reflexividade, a novas buscas documentais nos referenciais deste trabalho e mesmo a novos aprofundamentos em campo. Batzan (1995) pontua a possibilidade de retorno ao campo para deixar mais claros pontos considerados obscuros pelo diário e notas de campo. Quanto a este ponto, Geertz (2008, p.7) já relatava a dificuldade advinda deste tipo de descrição [densa], com uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, por vezes sobrepostas ou entrelaçadas, “estranhas, irregulares e implícitas” que o etnógrafo tem que, “de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”. Desta forma seguiu-se a identificação das práticas objetivadas neste estudo para posterior interpretação e considerações.

### **3.3 Detalhamento inicial da experiência de inspiração etnográfica: aproximação com o campo**

Para a experiência etnográfica descrita neste estudo, um exercício anterior foi realizado. Tendo como aporte teórico já o campo das práticas de sujeitos e seu espaço, um estudo anterior operacionalizado na cidade de Guaramiranga, objetivava a observação de códigos locais à luz de Certeau (2013) e Mayol (2011). Nesta ocasião houve aproximação não apenas com a postura e técnicas de pesquisa pertinentes à etnografia, mas com organizações do setor cultural (como artesanato, música, gastronomia) e turismo. Deste estudo fortaleceram-se interesses pela investigação em organizações do campo da cultura e que tangenciam o assunto da criatividade.

Em adição possuía interesses particulares pelo campo das artes visuais, sendo a fotografia campo de interesses mais característico. Uma busca preliminar em publicações nacionais na área de estudos organizacionais evidenciou a quase inexistência de investigação em organizações deste tipo, e a inexistência de estudos com enfoque em organizações relacionadas a fotografia (cursos, produtoras) com foco relevante em artes.

Organizações do setor cultural relacionadas às artes diversas tem sido apontadas como fortes influenciadoras da criatividade na sociedade de então, uma sociedade dita pós-industrial e cujo insumo produtivo gira em torno da criatividade (FLORIDA, 2012). Segundo autores como Florida (2012) e Landry (2000) há forte relação entre organizações do setor cultural e criativo com a cidade onde se inserem.

Organizações com este viés são ainda em sua maioria, de micro, pequeno ou médio porte, tanto em contexto nacional quanto internacional (REIS, 2013), o que insere este campo como pertinente às linhas de pesquisa de meu Programa de Mestrado. São também organizações cujo porte tornou-se alvo de investigações mais profundas recentemente, em vista de sua ebulição e importância econômica, principalmente em contexto nacional.

O vínculo entre organizações e cidades, neste caso, independente do ramo de atuação, tem sido também cada vez mais estudado por autores que sugerem ser as organizações cada vez mais abertas, principalmente autores com viés epistemológico pós-estruturalista. Estes autores identificam a organização para além da visão tradicional, sendo cada vez mais permeáveis e produzidas socialmente por práticas (DALE; BURRELL, 2008). Como produtoras e produzidas por práticas sociais, oferecem ramificações, redes ou malhas que as tornam mais amplas.

Em vista destes pressupostos e dos objetivos propostos para a análise, o desafio foi encontrar pequenas organizações do setor cultural que apresentassem contiguidades e vínculos claros com seu contexto espacial e que favoreciam as condições de um estudo etnográfico tanto em termos metodológicos quanto por limitações cotidianas. Assim, procedi a reflexão e investigação para assim chegar ao campo.

Desta forma, fiz levantamentos de organizações na cidade de Fortaleza por meio virtual e conversas com amigos de forma a obter indicações. Após novas reflexões, confirmei o ramo da Fotografia pois ele mostrou-se mais acessível em vista de fatores como: conhecimentos iniciais prévios de técnicas fotográficas que possuía, busca e encontro de organização pertinente ao perfil desejado (pequena organização inserida e relacionada ao contexto espacial caracteristicamente conhecido como cultural na cidade do estudo, discursos prévios teoricamente situados após observação prévia de página na internet), próxima à minha residência (e portanto com diminuição de restrições de pesquisa).

Quanto à busca pela organização, pesquisei páginas virtuais de cursos e produtoras de fotografia em Fortaleza. A organização que escolhi acabou sendo aquela cuja página foi a primeira encontrada e assim se fez por três fatores: o endereço da página, parece ter sido estrategicamente criado de forma a corresponder aos primeiros endereços no sistema de busca do Google em vista das palavras usadas (informação corroborada no primeiro dia de campo em conversa com ocupantes); as informações contidas no site contemplavam interesses teóricos e pessoais de pesquisa e indicações de amigos da cidade

que já haviam feito cursos de fotografia, sendo esta organização a mais indicada principalmente após explicação do interesse de pesquisa ultrapassando o interesse no curso propriamente dito. Nesse último caso, há identificação direta de condições favoráveis de campo pelas indicações do público que vivenciou a experiência da fotografia com a organização. Vale pontuar que outras organizações foram também pesquisadas por meio virtual e consulta à amigos.

Segui a avaliação do site como primeiro contato com o campo. Há neste momento duas subjetividades assumidas por mim, como pesquisadora: a pesquisadora como tal e, portanto, com perfil observacional e, a cliente em potencial de um serviço. Como potencial cliente, a organização, dentre as demais opções pesquisadas, possuía página virtual com informações que garantiram maior segurança e credibilidade à respeito do serviço e profissionais. Houve ainda atração por meio do discurso, considerado intimista, acolhedor e relacional comparativamente aos demais. Como pesquisadora, as informações inseriram-se no universo teórico do estudo por suas características. Concomitantemente a análise do site, acessei as páginas da organização em redes sociais, a saber: Facebook, Twitter e Instagram. As três redes foram também analisadas, optando por “seguí-las”. Isto se fez como estratégia de obtenção de novas informações sobre a organização como ‘cliente’, e como estratégia de abordagem como pesquisadora, a intenção era estreitar laços, à medida que, ao seguir estas redes, estava fornecendo informações pessoais que poderiam facilitar a abordagem futura com a organização, de forma a aumentar a confiança da organização no trabalho de pesquisa.

Definindo-se como produtora e escola de fotografia, a Analógica atua há aproximadamente cinco anos em Fortaleza. Em sua página oficial na internet, as expressões “Sinônimo de Inovação e Criatividade” apresentam a seção “Quem somos”, imediatamente com o objetivo da pequena organização: “refletir, produzir e explorar as tendências de produção fotográfica e audiovisual contemporânea” (ANALÓGICA, 2014).

Nesta mesma seção observei o cuidado com a prestação dos serviços com qualidade, haja vista a imediata explicitação da experiência dos professores e da experiência que desejam proporcionar aos alunos,

mais do que o aprendizado da fotografia. A *experiência, vivência, o pensar fotográfico* é o que a *família* Analógica quer levar aos seus alunos. *Todos* estão convidados a participar dessas *experiências* com a *família* da Analógica da Imagem! *Explore, sinta e veja* as diversas tendências e linguagens da imagem e da arte. Venha *desfrutar* do espaço onde a fotografia e o audiovisual se



fundem em uma *imagem contemporânea transformadora*. (ANALÓGICA, 2014) [grifo próprio].

Quanto aos serviços prestados são oferecidas três modalidades de cursos contínuos: o Curso de Iniciação, o Curso intermediário e o Curso Avançado. Há ainda os serviços de produção fotográfica para outras organizações. Quanto ao público, a palavra “todos”, antecipa o perfil desejado, corroborado pela prática observacional do campo.

O primeiro contato pessoal foi feito por email, por meio do espaço “Contato” no site da organização. Estava receosa, com medo de não conseguir a autorização, pois a medida que conseguia mais informações, mais me interessava pela organização e trabalho de pesquisa. Neste email demonstrei o interesse em realizar a pesquisa, sendo feita a identificação como mestranda no curso de administração da UECE, a temática de estudos, pontuado o interesse em fotografia e perguntando sobre a possibilidade de agendamento de uma reunião para esclarecimentos. Fiz este contato em um sábado (dia 11/07/2014). Imaginei que teria respostas a partir da segunda-feira daquela semana que se iniciava. Na segunda-feira (dia 13/07/2014), pela manhã, vi em meu Instagram a divulgação de um curso chamado: “Iniciação em Criatividade em Fotografia” pela organização, curso ideal para os objetivos tanto como cliente tanto como pesquisadora, de forma a facilitar a entrada no universo de estudos e na organização. Como nesta mídia havia a informação de que as vagas eram limitadas e haviam turmas específicas (2ª e 4ª, 3ª e 5ª – noite e Sábados – manhã e tarde), sendo a turma de sábado a escolhida, optei por iniciar o contato por telefone como cliente potencial, solicitando informações, pré-requisitos para realização do curso e informações de matrícula, preços, formas de pagamento etc. Neste momento estava ainda mais ansiosa. No contato, a atendente, informou sobre a limitação de vagas para a turma de sábado, que era preciso realizar logo a matrícula e sobre o único pré-requisito – levar uma máquina com função “manual”. Corroborando com o site, não havia restrição por parte da organização quanto ao público em suas estratégias de captação. A exigência inicial para um curso de iniciação (primeiro curso indicado) era apenas uma, como dito anteriormente: uma câmera com possibilidade de uso no modo manual. Em vista disso optei por comparecer na parte da tarde daquele mesmo dia na organização e fazer a inscrição, desta forma procedeu-se o 1º dia em campo. Esta experiência será descrita após a explanação seguinte do contexto de estudos.

#### **4. DESCRIÇÃO, INTERPRETAÇÕES E DISCUSSÕES**

A partir deste momento, explicitarei a descrição, interpretação e discussão dos dados de campo. De acordo com os objetivos propostos, que são: a) Compreender o contexto histórico dos espaços, organização e bairros, sob estudo; b) Identificar os agentes e descrever as práticas de espaço da organização pelo recorte do bairro no qual está inserida; c) Observar a influência dos espaços praticados pela organização sob estudo em relação aos espaços urbanos delimitados, o texto será trabalhado obedecendo a critérios temáticos advindos do percurso de construção subjetiva das minhas impressões e reflexões.

A descrição e interpretações não serão lineares, ou seja, obedecendo à cronologia do campo. Friso que as práticas descritas não abrangem as totalidades constitutivas do cotidiano organizacional em estudos, mas aquelas identificadas como pertinentes aos objetivos propostos.

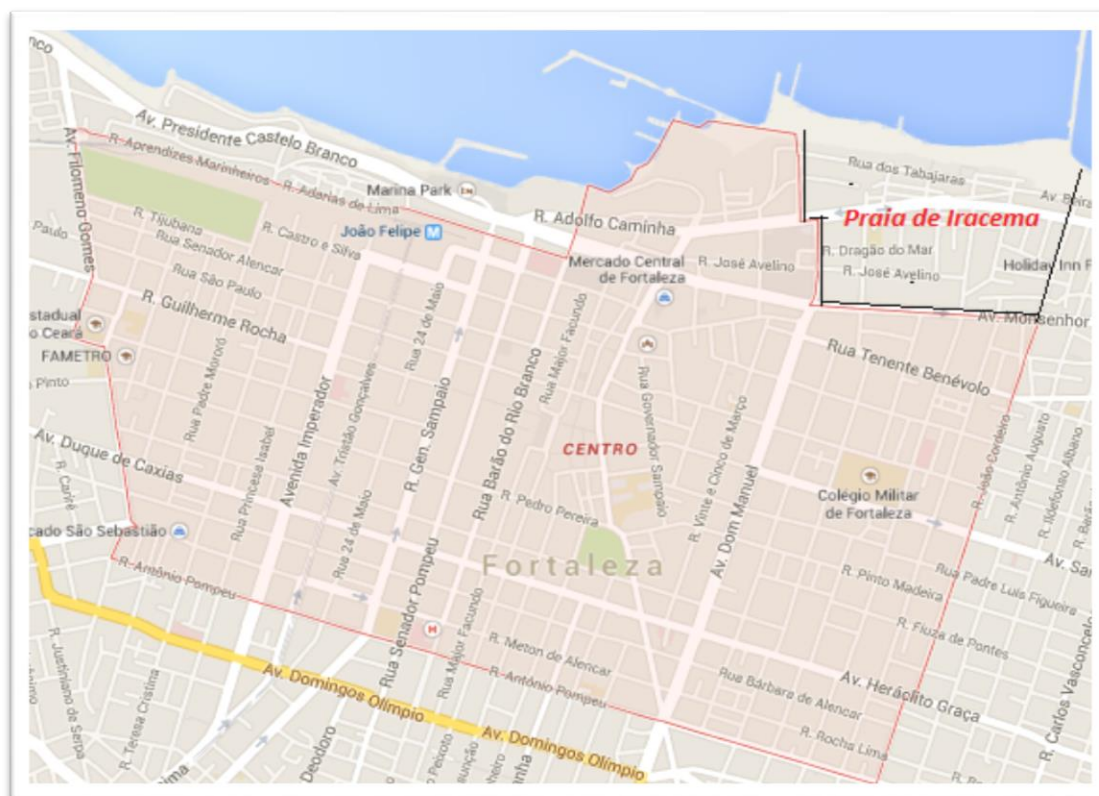
Início pela compreensão dos espaços onde a organização em estudos estabelece suas relações. Mais que pano de fundo estes espaços apresentam elementos fundamentais para a compreensão das práticas em estudos. Na seção seguinte busco compreender o contexto histórico dos espaços, conforme objetivo **a**, de forma a explicitar como estes refletem a temporalidade atual.

Como forma de descrição e interpretação, tem-se a narratividade dos fatos. Com base na observação sistemática realizada na Organização, nos momentos de interação com os agentes (proprietários, coordenador, professores, alunos e demais informantes) tem-se as informações, a seguir.

##### **4.1 Contextos históricos dos espaços da organização sob estudos: Bairros Centro e Praia de Iracema**

O bairro Praia de Iracema compõe o quadrante que liga o Centro ao litoral leste da cidade de Fortaleza. Isto reflete, em termos históricos, espacialidades imbricadas entre as localidades que, a partir de determinados fatos, especificaram peculiaridades, como descrito a seguir. Em primeiro momento, faço uma contextualização histórica aos dias atuais destas localidades, em seguida exponho minhas impressões quanto a experiência de inspiração etnográfica nestes espaços.

**Figura 2: Bairros Centro e Praia de Iracema nos dias atuais**

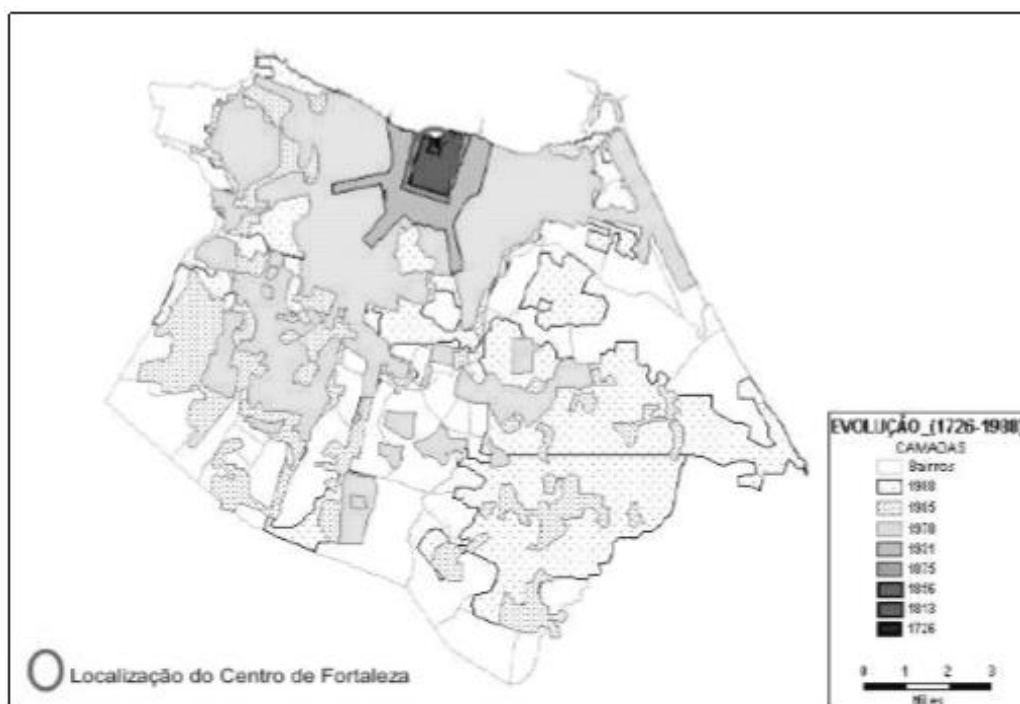


Fonte: Elaboração própria a partir de Google Maps

#### 4.1.1 O que as referências históricas nos contam

A cidade de Fortaleza, segundo Cavalcante (2002), se resumiu ao Centro por mais de cem anos, conforme demonstra figura 2. De povoado, vila, cidade à metrópole, o Centro presenciou manifestações e transformações sociais, políticas, culturais e históricas importantes para a cidade, mesmo perdendo visibilidade em vista das transformações econômicas que alteraram o cenário local (SILVA, 1999).

**Figura 1: Expansão do Centro de Fortaleza desde o século XVIII**



**Fonte:** Cavalcanti (2002).

**Nota:** Conforme legenda, até o final do século XIX, início do XX, a Praia do Peixe (atual Praia de Iracema) pertencia a região compreendida como Centro de Fortaleza.

Remontando à modernidade, recorte histórico de interesse primordial neste estudo, até os anos de 1930, segundo Araujo e Carleial (2003), a distribuição de Fortaleza pela população era a seguinte: concentração no Centro da cidade pela população e comércio; a oeste, no bairro industrial de Jacarecanga e no sítio das famílias dos empresários; a sudoeste, no bairro do Benfica e no logradouro de grandes proprietários de terra. Com o passar dos anos, as famílias de média e alta renda deslocaram-se para a região leste da capital, pois houve migração econômica para áreas como Aldeota e demais. A região leste passou a ser área de expansão urbana e com isto, novas transformações espaciais, havendo assim a formação de bairros atualmente considerados nobres; em detrimento de outras áreas, como o centro da cidade. Historicamente, além de fatores econômicos e políticos, alguns são os marcos do início de transformações mais profundas na dinâmica do Centro e do litoral leste que o servia (Praia de Iracema).

Durante os séculos XIX e XX políticas reforçavam o desenvolvimento econômico e o amparo a refugiados das secas, reforçando o aumento populacional nesta região. No entanto, como a região não oferecia condições naturais propícias ao estabelecimento de estruturas necessárias as exportações, como portos, grandes investimentos precisavam ser feitos para construção de atracadouros artificiais. Neste sentido, um porto foi construído

na área central no início do século XX na então Praia do Peixe, o que contribuiu para a construção de edificações para abrigar os **armazéns e escritórios comerciais**. Por volta de meados do século XX foi construído o Porto do Mucuripe, ocasionando esvaziamento da região. Os imóveis passaram a ser ocupados como **depósitos (os galpões)** e como local de trabalho e moradia de segmentos de baixa renda (BOTELHO, 2005). A construção do Porto do Mucuripe não trouxe alterações apenas para a região central, mas também no próprio bairro Praia de Iracema.

**Figura 2: Praia do Peixe (Praia de Iracema em 1931)**



Fonte: Fortaleza Nobre (2014)

O bairro Praia de Iracema, (antes Praia do Peixe), era por volta da década de 1920, local de moradia e lazer de classes média e alta em Fortaleza (BARREIRA, 2007). Lá eram comuns as práticas do banho de mar como medida terapêutica, contemplação e lazer, o que provocou o deslocamento de pescadores que ali desempenhavam suas atividades. Na localidade, em vista de seus novos usos, foram inaugurados os balneários, instalações comerciais que aglutinavam-se como bares e locais para aluguel ou guarda de roupas para banho. Clubes e (um cassino e restaurante no período da II Guerra Mundial, o Estoril) também foram ali instaurados (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Assim, enquanto o centro abrigava atividades comerciais, a parte litorânea era reduto de pesca e de exportação de algodão, café, couro e cera de carnaúba e possuía características típicas de uma região portuária: **galpões, armazéns e comércio atacadista de suporte a atividade portuária**. Discutia-se neste período o deslocamento do porto por sua proximidade ali, com o próprio centro da cidade, o que trazia alguns problemas

urbanos (BARREIRA, 2007). Por causa das atividades portuárias, trabalhadores vinculados somados à pescadores que já habitavam o local formaram o povoado do Poço da Draga (ainda existente), o que coloca o porto como um importante vinculador daquela região ao restante da cidade, até então isolado. O nome Poço da Draga se dá devido ao fato da necessidade de dragagem de areia na região para as atividades portuárias, que resultava na formação de poças na elevação da maré. Neste sentido a construção da Ponte Metálica, (concluída em 1906), facilitou as atividades portuárias, precárias até então, já que os navios tinham que ancorar a grande distância da praia, e as mercadorias precisavam ser transportadas dentro de embarcações (DIÁRIO DO NORDESTE, 2015).

A transferência do porto para a enseada do Mucuripe se deu após certa movimentação social e provocou desarticulação ambiental e alteração na dinâmica do mar e mais, nas sociabilidades até então ali desenvolvidas (BARREIRA, 2007). Alguns moradores ou veranistas retiraram-se do local em vista também de condições de insalubridade (FONTENELE, 2013), além da própria diminuição da faixa da praia e destruição de alguns patrimônios.

Tem-se assim transformações significativas na dinâmica do Centro e Praia de Iracema em vista das construções e deslocamentos de portos em vista das atividades econômicas de então, seguida de ressignificações nas paisagens destas localidades, com a construção anterior de uma estrutura que servia ao comércio e atividades portuárias, e sua degradação com deslocamentos de pessoas e atividades, acompanhada de alterações ambientais na região, contribuindo para novos deslocamentos e novas transformações socioespaciais.

Já neste momento há associação do local ao uso feito pela elite, principalmente em sua desocupação pelos acontecimentos descritos. É criado o imaginário da decadência do bairro, mesmo assim, até a década de 1950, uma elite ainda residia na parte costeira e algumas alterações também ocorriam no Centro (FORTALEZA NOBRE, 2014). Enquanto os armazéns e casas comerciais relacionados ao contexto de exportação foram abandonados, algumas residências ocupadas por membros de classes mais baixas da população, alguns edifícios transformados em prostíbulos e o entorno do ramal ferroviário da Praia de Iracema, ocupado por populares de baixa renda, reformulando o contexto do do Poço da Draga (SCHRAMM, 2001). A presença de artistas e intelectuais que compartilhavam códigos locais se mantinha no Estoril, o que contribuiu para a formatação do imaginário de boemia do bairro (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Os lugares são histórias fragmentarias e isoláveis em si, dos passados roubados a legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. ‘Gosto muito de estar aqui!’ É uma prática do espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão (CERTEAU, 2013, p.174-175).

Isto se dá por volta de 1950-70, quando o bairro de orla começa a receber tais frequentadores, fato este que contribuiu para a construção da identidade vinculada às práticas culturais alternativas, cuja atração se fazia entre diferentes classes sociais, mas que possuíam interesse naqueles tipos de vivências. Bares existentes passaram a ser reduto da boemia (SCHRAMM, 2001; BARREIRA, 2007, FONTENELE, 2013). No período do regime militar o local foi apropriado por grupos esquerdistas e de ideias marginais ao defendido na época, contribuindo para o ar de resistência dos grupos intelectuais e artísticos de então. Suas posturas e comportamentos eram também assimilados pelos moradores do local. Em torno da década de 1980, alguns bares temáticos, (La Trattoria, Cais Bar e Pirata Bar), inaugurados em 1981, 1985 e 1986, respectivamente, atraíram diversos frequentadores para o bairro, mas os usos ainda se restringiam aos intelectuais, políticos, profissionais liberais, artistas e universitários (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Entre as décadas 1960 e 1980, o local passou a receber a imagem de bairro decadente, sendo habitado por famílias de classe média e baixa e com ocupação irregular na margem da praia, por meio da construção de casas de madeira ou papelão. O banho de mar perdera sua atração, pois a pequena faixa de areia que restara recebia somente alguns poucos frequentadores. O público que se dirigia ao bar e restaurante Estoril e Ponte dos Ingleses, mesmo fazendo parte de uma elite da cidade, era marginalizado por questões ideológicas (FORTALEZA NOBRE, 2014). Aproximadamente neste período, donos de armazéns começaram a destruí-los para novas construções em vista da desvalorização imobiliária da área (DIÁRIO DO NORDESTE, 2015)<sup>2</sup>.

A partir da década de 1970, a cidade sofreu uma forte expansão em direção oeste, avançando ainda mais da Praia de Iracema em diante. Os novos bairros que passaram a abrigar a classe média mais abastada afastam-se do centro. Neste período, o governo estadual cria o Centro Administrativo do Cambeba, situado em área distante do centro,

---

<sup>2</sup> <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/aniversariodefortaleza/noticia/praiadeiracema-um-bairro-com-vocacao-cultural/> acessado em 22/01/2015.

transferindo a maior parte dos serviços públicos para lá. Isto reforçou o esvaziamento da zona central, “provocando o que se poderia classificar como uma perda de centralidade” (BOTELHO, 2005, p.63).

Enquanto isto, as atividades advindas do turismo contribuíam para a alteração do retrato da Praia de Iracema. A imagem de bairro boêmio se firmou, sendo, por pressão popular, a Praia de Iracema reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural, estabelecido por lei que coloca a área como Zona de Renovação Urbanística, uma forma de “compatibilizar o uso residencial e de lazer na área” e tentar “deter o processo de verticalização” (FONTENELE, 2013, p.4). Foi criada ainda em 1984 a Associação de Moradores da Praia de Iracema (AMPI) com adesão de artistas e intelectuais (FORTALEZA NOBRE, 2014). Por volta da década de 1990, a área consagrou-se como espaço de entretenimento noturno e, juntando-se as mudanças na legislação urbanística do local, há a diminuição do uso habitacional próximo a faixa de praia. A localidade se transforma em polo de lazer e contribui para o imaginário turístico que se pretendia promover em Fortaleza (GONDIM, 2000; FONTENELE, 2013).

A intenção e promoção da verticalização destes tempos, que supervalorizaram o local, provocou reações nos locais que chamavam o momento de “destraditionalização”. Estes, ao mesmo que mudavam-se, chamavam também a atenção do poder público para as questões de especulação imobiliária (FORTALEZA NOBRE, 2014). Grupos tidos como sem tradição eram atraídos e rivalidades começaram a surgir em torno de movimentos identitários, deslocando os pedidos dos moradores que antes eram pela patrimonialização, para o ordenamento do bairro, contra a poluição sonora, desorganização do trânsito, abertura irregular de estabelecimentos e especulação imobiliária (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Na década de 1990 começa assim novo movimento por “requalificação” com a urbanização da orla. Foi construído o largo Luiz Assunção, o calçadão, a reforma na Ponte dos Ingleses e a reconstrução do Estoril (desmoronado em 1994). Além dos investimentos públicos tem-se novas inserções do capital em bares e restaurantes, era a conformação aos planos de transformação da imagem do local em polo turístico (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Tem-se o movimento de gentrificação por um lado, com princípios de modernização, apropriação das tradições e renovação da imagem para o consumo turístico e as práticas dos habitantes, movidas pela lembrança dos sentimentos de outrora, motivados pelo bucolismo artístico e intelectual. Alguns creditam a esta supervalorização



turística e nova apropriação do capital, a degradação do local (FORTALEZA NOBRE, 2014). Há inserção de culturas não típicas como os “hippies”, “garotas de programa” e turistas que não compartilhavam (principalmente no caso dos estrangeiros) dos códigos locais. Com isto, novas reivindicações dos moradores. Aos poucos o local fora sendo alvo de problemas sociais como a violência (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Com a inserção do Centro Cultural Dragão do Mar, cuja inauguração fora em 1999, novas dinâmicas e discussões se instauraram. O local, não fora a princípio ocupado por moradores, mas pelos novos frequentadores da região costeira (FONTENELE 2013; FORTALEZA NOBRE, 2014). Segundo Botelho (2005, p.63-64), o Dragão do Mar foi pensado como uma forma de criar um circuito que ligasse a área comercial da Avenida Monsenhor Tabosa e a área central da cidade com intenção de recuperar a região ao usufruto dos cidadãos que teriam dela se afastado com o crescimento urbano. “Por traz das intenções do arquiteto, sobressai a necessidade de recuperar dimensões perdidas do convívio na cidade contemporânea” (BOTELHO, 2005, p.64). Nas palavras do autor, o Dragão do Mar “é um nódulo incrustado na ponta do eixo de frequência dos turistas e da classe média local”, cumprindo parcialmente o papel de configurar-se como uma ponta que estimularia o processo de renovação do seu entorno, já que a “revitalização foi bastante concentrada, atingindo um conjunto restrito de quarteirões que formavam a moldura do grande equipamento cultural ali instalado” (BOTELHO, 2005, p.64).

Este conjunto que envolve o Centro e Praia de Iracema, por volta do ano 2000, possuía vários pontos de degradação, com bares típicos fechados como o La Trattoria e o Cais Bar, a Ponte dos Ingleses sem iluminação e novas boates e casas de show abertas na região. No fim desta década, ocorrem novas obras de “requalificação” no calçadão, Ponte dos Ingleses, Estátua de Iracema e outros (FORTALEZA NOBRE, 2014).

Coloca-se como fator de degradação o abandono de órgãos públicos e também da população ao local, controlado por uma exploração turística de má fé de novos proprietários (muitos estrangeiros), portanto, sem controle, vindo a oportunizar a exploração sexual e a venda e consumo de drogas. Passa a ocorrer a necessidade de “controle social”, permitida inclusive pelos processos de gentrificação (BARREIRA, 2007). Segundo Botelho (2005), no cenário atual, antigos (e raros) habitantes foram deslocados e os usos foram totalmente redefinidos.

Dois referentes passaram então a instituir o discurso alusivo ao bairro: a necessidade de **controle e a chamada requalificação**. Enquanto a ideia de controle se referia a denúncias de prostituição, drogas, «abandono dos poderes

públicos» e autorização para funcionamento dos bares sem alvará, o princípio da requalificação incluía a preservação de hotéis, equipamentos, galerias de arte e criação de centros de evento e cultura. Estes evitariam a deterioração de natureza física e também moral de espaços considerados decadentes. (...). **Moradores e comerciantes mudaram-se da Praia de Iracema, fazendo algumas vezes de seu ato uma forma de protesto.** Atualmente ressurgiu mais fortemente a demanda aos poderes públicos acompanhada de mobilizações pela defesa do bairro. A ideia da necessária instituição de novos rumos para a cidade é também partilhada por intelectuais que advogam a importância da preservação do patrimônio histórico (BARREIRA, 2007, p.172).

#### 4.1.2 Os dias atuais

Percebe-se assim uma série de transformações motivadas por interesses econômicos e políticos, nutridos historicamente, que provocaram sucessivos deslocamentos populacionais e alterações das dinâmicas e usos destes bairros, gerando a situação atual. No que tange a Praia de Iracema, em suma, Barbosa (2007, p.169) aponta momentos para a sua história: 1) anterior às reformas urbanas, “sendo o bairro percebido como espaço alternativo de lazer e moradia”; 2) “recuperação de edificações, construções de novos bares e instituição de patrimônios. O bairro passa a sediar restaurantes, galerias de arte e lojas de artesanato com presença acentuada de classe média e turistas, configurando-se como zona típica da cidade”; 3) “deterioração, destaca-se pela diminuição da presença da classe média concomitante ao fechamento de bares, restaurantes e galerias de arte”.

**Figura 3: Praia de Iracema (2014)**



**Fonte:** arquivo pessoal

Com relação ao Centro, seu uso atual remete quase que exclusivamente à ocupação comercial, especificamente durante o dia. Há problemas relacionados a proteção e tombamento de patrimônios históricos e um decréscimo populacional constatado nos últimos censos demográficos da cidade, o que é sentido pelos moradores que ainda residem na região (DIARIO DO NORDESTE, 2015b)<sup>3</sup>.

Em fotografia, e ao que parece, e em tudo que envolve a arte ou a criação, as referências são para o artista ou criador, fontes de inspiração. Já dizia Certeau (2012, p.114), “a criatividade é o ato de reempregar e associar materiais heterogêneos”, na qual “o sentido prende-se à significação que esse reemprego lhes confere”, criando algo novo e em processo no qual é crucial “o ato cultural próprio à “colagem”, a invenção de formas e de combinações e os procedimentos que tornam capazes de multiplicar as composições”. Seria assim a criatividade, resultante da “copia” por processos mentais, de elementos que transformados e combinados geram algo novo, a arte ou a criação<sup>4</sup>.

Neste sentido, fazendo uma analogia com a criação dos cenários dos bairros da Praia de Iracema e Centro de hoje, as referências ou influências que contribuíram para a atual configuração sócio espacial, constam no contexto histórico descrito. O passado se torna a medida do tempo presente (MAYOL, 2011) na Praia de Iracema e em seus espaços adjacentes numa “expressão híbrida de mistura de temporalidades, vivências e formas de investimento” (BARREIRA, 2007, p.179), numa associação heterogênea de elementos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais que colados, combinados e transformados pelos sujeitos em práticas espaciais durante o tempo, resultaram no espaço, em sentido mais amplo, escolhido pela Analógica para sua cotidianidade. Em uma transformação sucessiva de lugares em espaços e espaços em lugares por diversos processos simbólicos de apropriação e desapropriação, uso e desuso, ocupação e desocupação de diferentes grupos, por diferentes interesses e ocasiões.

A tradição recuperada é inventada na tensão entre a cidade a ser apresentada e aquela a ser vivida: os múltiplos usos, os conflitos e os sentidos atribuídos ao patrimônio e a sociabilidade. Processos urbanos recentes designados de requalificação e deterioração expressam a redefinição das políticas de

---

<sup>3</sup> <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/centro-de-fortaleza-tem-uma-historia-mas-nao-e-historico-1.468847> acessado em 22/01/2015.

<sup>4</sup> Em uma série de quatro vídeos o produtor nova yorkino, Kirby Ferguson, expõe, em sua opinião, o processo de criação, que consiste em: Copiar, Transformar e Combinar, corroborando com a fala de Certeau (2012).

preservação do patrimônio em confronto ou consonância com as práticas de múltiplos atores sociais: moradores, comerciantes, políticos e frequentadores. Se o movimento de recuperação e atribuição de dignidade a locais considerados históricos preside a lógica das intervenções, a perspectiva denominada deterioração passa a significar o outro lado da mesma moeda. Deterioração e requalificação constituem, portanto, partes de um cenário que anuncia a disputa simbólica entre definições e usos do espaço na cidade (BARREIRA, 2007, p.179).

Pela história e vivências praticadas nos bairros em questão, pode-se neste momento estabelecer um paralelo com os conceitos de cultura identificados por Certeau (2012) e descritos no quadro 4. Tem-se os bairros do Centro e Praia de Iracema, em suas imbricações, como bairros tidos como inseridos em espaço cultural a partir da proposta da letra d, ou seja, quando comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadros de referência local colocam-se no conjunto, coerente ou não, de um lugar diferente de outros da mesma cidade, havendo nestes espaços todo um leque de posições nas quais se privilegiem as práticas e os comportamentos ou as ideologias.

Pelo mesmo quadro, observa-se ainda que os espaços do Centro e Praia de Iracema já representaram espaços de subcultura e contracultura, sendo hoje vistos como espaços de ações e atividades culturais, com agentes culturais, políticas e discursos culturais e certo nível de desenvolvimento cultural, comparativamente aos demais espaços urbanos da cidade de Fortaleza.

Estas iniciativas culturais colocam-se como tentativas, como dito, de transformar novamente estes bairros, hoje, retratados rotineiramente com galpões antigos, depósitos ou casarões abandonados, como vestígios de um passado antes, vigoroso. São ausências sentidas principalmente por uma classe artística e boemia, como relatado, saudosa quanto à maior pujança cultural de outrora e motivados por movimentos globais de renovação, como evidente na fala de alguns sujeitos a seguir.

#### **4.2 Imersão: Estabelecendo a relação entre o pesquisador (o Fotógrafo) e o campo (o “objeto” fotografado).**

Um dos mais importantes tipos de fotografia são os retratos (*portraits*), fotografias de pessoas que buscam demonstrar sua essência. Em meio a tamanha subjetividade, capturar por meio de um click a essência de alguém não constitui-se necessariamente como uma tarefa fácil. Em minhas experiências com a fotografia tive dificuldades para iniciar esta prática, mesmo por demorar um pouco para ter intimidades com o próprio equipamento. No entanto, no decorrer do campo esta experiência demonstrou-se

reveladora. Estas questões evidenciam os retratos como tipos de fotografia nas quais a necessidade do fotógrafo de estabelecer relações mais fortes com o objeto fotografado (ou melhor, com o sujeito ou a pessoa em foco) é mais evidente e portanto, desafiadora. Por sua complexidade, os retratos compõem-se como um dos tipos mais valorizados no que tange ao conjunto artístico das práticas fotográficas.

Os *landscapes* (ou paisagens) são outras categorias de fotos também muito valorizadas, principalmente na contemporaneidade em vista do maior apelo pelo consumo de lugares, motivado não apenas pelo turismo mas por uma revalorização dada aos locais ou cidades como importantes componentes para o bem-estar social de sujeitos em suas práticas de moradia (REIS, 2011). Este tipo de fotografia já fazia mais parte do meu universo particular de clicks, no entanto, os espaços em estudos exerceram algumas dificuldades até que conseguisse maior intimidades com o campo.

Analogamente às práticas fotográficas de retratos e paisagens, em minha imersão como pesquisadora na Analógica e no que viria a ser seu espaço de práticas, precisei estabelecer as relações com pessoas, os sujeitos da pesquisa presentes na organização privada e com a paisagem de entorno da organização, o espaço urbano.

Tratei nesta seção de aspectos relacionados a minha imersão em campo e que servem às primeiras análises do espaço organizacional em estudos. Como as práticas estudadas estão nos limiares entre a organização e seu espaço urbano, evidenciei como relevante traçar a descrição da rua onde se insere e a descrição da organização em si, incluindo algumas de suas práticas internas.

Falar da organização, porém, sem antes pontuar a rua onde está situada é negligenciar importante informação na vivência organizacional e mais, na formatação da própria organização, é negligenciar sua natureza. Esta informação introduz uma das práticas mais importantes para este estudo no que tange à cotidianidade da Analógica e seu espaço, referindo-se à aspectos de apropriação, as práticas de vizinhança direta. Antes porém torna-se necessário descrever as primeiras experiências vividas.

#### 4.2.1 *As primeiras impressões são as que ficam: A Rua e a Organização*

**Figura 4: Primeiro quarteirão**

**Fonte:** Arquivo pessoal.

Em síntese, ao chegar no endereço onde fica a Organização tive sentimentos dúbios. A imagem da “casa” onde funciona a Analógica foi bem recebida, no entanto, a rua me pareceu estranha, senti medo, o que me fez refletir sobre aspectos de segurança no cotidiano de frequência do curso e da pesquisa. No decorrer do campo, este fator persistiu presente, muito pelas práticas dos sujeitos ocupantes do espaço da Analógica, muito pelos ocupantes ou passantes da rua e entorno, muito pelo que, como pesquisadora, soube de informações sobre o local. Estas impressões serão descritas a seguir.

Uma rua de aproximadamente 1km situada na contiguidade de uma das principais avenidas de Fortaleza, a Av. P, a rua A é uma das ruas que intermediam os limites do bairro da Praia de Iracema ao Centro da capital. Ela começa com postos de órgãos públicos, bem conservados, pintados e que recebem iluminação noturna e decoração específica durante o Natal, e termina com o um espaço de eventos tradicional da cidade.

Tendo como sentido para a descrição o sentido Praia de Iracema-Centro, a rua é cortada em torno de sua metade por outra rua, a rua M. Esta rua chega pelo sentido esquerdo a casa e ateliê de um artista (pintor) relacionado com a Analógica, (a Analógica é ligada a casa deste artista, fechando estes dois imóveis, o quarteirão) e a frente deste ateliê, já na esquina com a rua paralela, a trav. I, outro posto de órgão público. Em termos de arredores da rua, à direita, na rua M que termina em galpões antigos, sendo cortada pela rua G, de calçamento diferenciado (pedras). “Esse cruzamento é uma espécie de fronteira” (MAYOL, 2011, p.115), pois a partir dele, principalmente em direção ao

espaço de eventos e à direita, é ainda menor a ocupação, (quase inexistente), sendo marcada mais por passantes ou alguns caminhões estacionados para atividades de depósitos nos galpões. Os nomes das ruas, como visto, omitidos para evitar identificações, se evidenciam como nomes próprios. Eles “criam um não-lugar nos lugares: mudam-nos em passagens” (CERTEAU, 2013, p.171), transformam-nos em espaços pelo ato do caminhar, pelo ato da passagem.

A rua A foi à primeira vista, estranha, não por nunca ter passado por ela, mas pelo que vi e senti.

**Figura 5: Esquema da rua**



**Fonte:** Elaboração própria

**Figura 6: Rua**



**Fonte:** Arquivo pessoal

Uma rua estreita, cujos primeiros olhares observaram em um enquadramento visual fotográfico, caminhões velhos parados e carroças, carregados com grandes sacolas e caixas de papelão, aparentemente de lixo ou material reciclável, uma rua com restos de materiais e lixo nas calçadas. Paredes pichadas e desgastadas, seja pelo tempo, seja pelas formas de apropriação. Poucas pessoas. Alguns sujeitos, em sua maioria homens, pareciam trabalhar transportando materiais dos caminhões e carroças para o que seriam depósitos, locais aparentemente abandonados, espécies de galpões antigos. São lugares vividos onde há a presença da ausência, com um visível que designa o que não é mais, “invisíveis identidades” que constituem a própria definição do lugar, uma série de deslocamentos e efeitos entre os estratos partilhados (CERTEAU, 2013, p.175). São lugares que marcam lembranças de um passado vivido pela cidade, uma sensação de que ali algo ocorreu, uma presença não vista (Notas de Campo, 2014). Um lugar “frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não (CERTEAU, 2013, p. 175).

Os homens ali, de aparência sofrida que poderiam estar também descansando pela rua, ou outros que apenas passavam e alguns passantes possuíam aparência alterada. Uma rua para mim, semioticamente cinza e bege e com pouca presença do elemento humano<sup>5</sup>. Parecia mesmo uma rua abandonada, que servia apenas de passagem para indivíduos em seus carros e em suas relações com o centro da cidade, ocupada por poucos indivíduos em trabalhos de coleta de materiais, os catadores, que despejavam em galpões os resultados de seu trabalho. No mais, passantes que, neste momento, ainda não haviam sido mais intimamente observados. Pode-se dizer à luz de Mayol (2011) que apenas o primeiro quarteirão não é simbolicamente inerte, existindo pessoas que param para desempenhar atividades, já no segundo, apenas passantes. São lugares opacos e teimosos, como descrito na contextualização histórica, advindos das revoluções históricas, das mutações econômicas, dos caldeamentos demográficos que ali se estratificam e ali permanecem, ocultos nos costumes, nos ritos e práticas espaciais (CERTEAU, 2013). Como “uma colagem”, um “empilhamento de camadas heterogêneas” que remetem a um “modo diferente de unidade territorial, de repartição socioeconômica, de conflitos políticos e de simbolização identificadora” (CERTEAU, 2013, p.279) Um “conjunto feito de peças não contemporâneas e ainda ligadas a totalidade em ruínas, é gerido por equilíbrios sutis e compensatórios que garantem silenciosamente complementariedades”,

---

<sup>5</sup> Linguajar fotográfico - o enquadramento de paisagem com a captura de pessoas.



todos estes de “propriedades mal definidas em perpétua interação”. Há assim uma ilusão, no bairro e na cidade do “imóvel” (CERTEAU, 2013, p.279-180). Um jogo entre a tentativa de produção de algo durante os tempos, ou mesmo certa produção e uma resistência insistente (Notas de Campo, 2014).

Vale aqui uma primeira ressalva quanto ao meu exercício etnográfico já para a descrição e posterior interpretação da rua. Esta descrição pertence a um dos primeiros momentos que, como pesquisadora, precisei tomar especial cuidado na atenção à determinados elementos observacionais. Senti já a responsabilidade na descrição de dados muito sugestivos na análise social, dados estes que podem estar carregados de preconceitos ou estereótipos pessoais ou coletivos e que incorreriam em prejuízos ou injustiças nas análises do campo. Iniciei assim mais enfaticamente os conflitos típicos do exercício etnográfico. Neste sentido, entrei em contato com exercícios profundos de observação de possíveis pré-julgamentos, preconceitos ou pré-ideias tentando refletir, tendo em mãos as descrições - densas -, o que aquelas informações me traduziam como mais próximas do real. Poderia estar errada em minhas conclusões, pois como pesquisadora, apesar de receber preparo teórico e prático para inserir-me no exercício etnográfico, tem-se a consciência de não ser uma tábula rasa e precisar lidar com sensações e com informações prévias recebidas para estar naquele campo, além das conclusões precipitadas que poderiam recair no que se via de imediato. Uma destas informações prévias era de que aquela localidade era de fato, perigosa. Já possuía questionamentos prévios sobre como era o cotidiano de organizações no entorno do Centro e Praia de Iracema por receber informações (amigos, conhecidos, moradores, noticiários diários locais, fontes documentais) de que estes bairros eram perigosos, locais de venda e consumo de drogas de certa forma, explícitos, com assaltos e furtos, além de homicídios. O que levaria uma organização nova a escolher estes locais apesar do apelo histórico e cultural ou mesmo questões comerciais frente a necessidade de proteção no dia a dia por seus frequentadores? Precisava corroborar ou não as informações claramente em campo até para decidir como proceder no próprio campo e, em caso de confirmação das informações prévias, compreender os “porquês” de se estar ali, além do “como” estar ali, este último, de especial relevância para este estudo. Neste sentido foram feitos questionamentos de forma a compreender os critérios e a captar como se dava o dia a dia neste espaço.

No decorrer do estudo, mesmo com o aumento da frequência e, pelo que se espera, maior intimidade com o local, o estranhamento não cessou por completo no que

tange à rua, não pela necessidade de balancear o estranhamento característico da postura etnográfica, mas por informações cedidas pela vivência, foram confirmações sobre aspectos de insegurança. Em alguns momentos, quando eu achava estar com uma postura mais relaxada, era constantemente avisada pelos frequentadores da Organização para tomar cuidado, como será descrito a seguir.

Com o tempo, foi percebida a movimentação de outros grupos, como jovens de aparência simples com cadernos nas mãos, uniformes escolares, jeans e chinelos, (ou sozinhos olhando para o chão, em duplas ou trios), e outros passantes que falavam sozinhos, faziam movimentos tensos, transtornados, vestiam-se com restos de roupas sujas ou rasgadas, por vezes com partes íntimas do corpo expostas, pessoas com olhares desconfiados. Os frequentadores da organização geralmente chegavam em carros, entravam e saíam da Organização sem permanecer na rua em situações de interação, por exemplo. Foi havendo maior nitidez do quadro observado à primeiro momento. As cores, tons, formas, movimentos e pessoas confirmaram, com o tempo, impressões iniciais.

**Figura 7: Quarteirão da Analógica e vínculos com outras ruas**



**Fonte:** Arquivo pessoal.

**Nota:** Direção do olhar: Esquerda inferior (Organização – esquina de rua), esquerda superior (quarteirão seguinte), direita superior (rua transversal), direita inferior (em frente à Organização).

Quanto aos carros, por vezes passavam alguns, outros encontravam-se estacionados, principalmente na rua transversal que leva a um dos postos do órgão público, conforme figura 7 – (esquerda inferior). No decorrer da pesquisa, no entanto,

revelou-se neste aspecto uma paisagem mutante, diária e semanalmente sazonal. Durante a semana, principalmente em horários considerados de *rush* (das 16h às 18h aproximadamente) há amplo movimento de carros, ônibus, taxis, motociclistas, na direção Praia de Iracema-Centro (sentido da rua de mão única), entretanto, aos Sábados, a rua é lugar de catadores e de carros dos alunos estacionados.

No horizonte da rua percebeu-se à esquerda, no quarteirão a frente, um local de parede laranja, (fig. 7, esquerda superior) com cor mais viva, onde se situa o espaço de eventos. A rua que separa os quarteirões (rua transversal), esta última quadra e a primeira, parecia servir de estacionamento para os frequentadores, o que foi corroborado no decorrer do campo.

“Onde está a organização?” Foi a segunda pergunta (a primeira pergunta foi: “Será nesta rua mesmo, o local?”) feita por mim por não encontrar o lugar, ao menos não o que estava esperando encontrar. As primeiras impressões não foram boas, como dito, sentimentos de estranhamento, curiosidade, mas principalmente medo, compuseram a atmosfera do primeiro olhar.

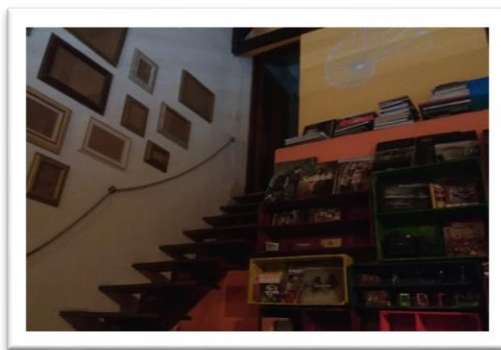
Ao procurar a numeração do endereço avistei uma casa no fim da primeira quadra, (estava parada em frente a ela, mas a preocupação não havia me deixado notar), de paredes cinza e lateral branca em alto relevo, com “pichações” na forma de desenhos, uma porta de madeira em tacos que pareciam abrir, um interfone e duas janelas de mesmo material e acabamento em cada um dos lados da porta. Um vaso grande e branco de flores com algumas flores rosas no lado direito da entrada. Acima da porta um caramanchão com as mesmas flores, poucas. Bem acima e à esquerda um vidro retangular preso à parede com uma logo na cor preta com o nome da Organização. Era o estabelecimento mais bem cuidado da rua.

Ao apertar o interfone, percebi que a porta estava aberta, entrei logo pois a sensação de medo persistia. Ao abrir a porta ouvi um: “Pode entrar!”. Olhei para frente, à primeira vista a visão era escura, procurei local iluminado e vi o que poderia ser um escritório mais atrás, após um salão e na parte superior, com tonalidade amarela. A visão começou a melhorar, havia um contraste de luz entre o fora (claro, mas cinza) e o dentro (escuro, mas acolhedor). Logo apareceu alguém com um sorriso e olhar direto, apertou minha mão ou colocou-se em posição do cumprimento, com beijos no rosto. Neste momento senti alívio, estava no local certo.

Foram muitas as informações visuais para uma primeira percepção detalhada. Desta, ficou a sensação: escuro, acolhedor e intimista nesta parte de dentro. Observou-se

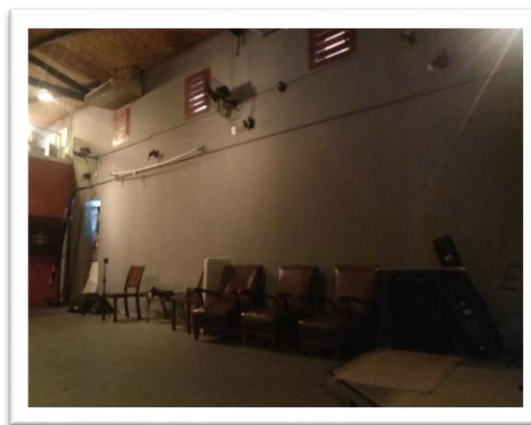
apenas a existência, à esquerda, de um pequeno móvel, uma tora de madeira que suporta um tampão de vidro, por sua vez, suportando um objeto decorativo: uma filmadora antiga e alguns livros repetidos que aparentaram poder ser levados por alunos, em seguida um sofá de estampa colorida, em tons pastéis com almofadas e uma estante com livros e objetos decorativos relacionados à fotografia. Tocava uma música leve ao fundo.

**Figura 8: Analógica - biblioteca**



**Fonte:** Arquivo pessoal.

A frente, um salão com fotos expostas de diferentes maneiras, com diferentes molduras ou composições, de diferentes cores e formatos. À direita o que aparentava ser um pequeno palco, com uma caixa de som e um chocalho deixado acima. À frente e a esquerda atrás da parede da estante de livros, uma parede contínua interrompida por duas portas, sofás individuais entre as portas, três ao todo.

**Figura 9: Analógica - salão**

**Fonte:** Arquivo pessoal.

Mais à frente, o que pareceu ser o espaço de um café, com um banquinho rústico de palha escura amarronzada com capacidade para duas pessoas, que, ao sentar, ficam de frente para este espaço do café. Atrás do banco uma parede que dividia o espaço do café e a escada que levava ao escritório à direita e outro espaço à esquerda. Abaixo, ao lado da escada, o que aparentava ser um banheiro com cortina em tiras, o que parece ser uma grande fotografia recortada. Na parede à direita que segue, fotografias. No fim da escada, o no espaço que separa à esquerda, o que aparentava ser uma sala e o escritório, havia máquinas e lentes dispostas em suportes presos à parede. No escritório, à direita, um pequeno espaço retangular com uma bancada e um vidro na altura da cabeça de quem estiver ali sentado, que permite que seja vista, a entrada da organização e de quem entra, quem está ali sentado trabalhando. São estas as primeiras imagens do primeiro dia. No decorrer dos dias as imagens e impressões foram ficando mais claras e detalhadas, passaram a ser preenchidas, desfazendo a falta de nitidez e escuridão do rápido e primeiro olhar. Revelou-se que algumas imagens são mutáveis, principalmente a parede cinza do salão à direita, que poderia ter ou não fotos expostas.

**Figura 10: Analógica em comemoração**



**Fonte:** Arquivo pessoal

**Nota:** Foto de confraternização de Natal com salão cheio (no primeiro contato, como dito, ele estava vazio, pois como estava entrando em campo, ainda não me sentia à vontade para fazer registros internos, o que se deu com o tempo.)

Como se vê na figura 9, há uma parede branca que limita o espaço à esquerda, após o sofá, parede esta composta de quadros, molduras sem fotos, com fundo marrom, porta-retratos vazios. Esta parede suporta uma escada de madeira que leva a outro espaço. A parede da estante de livros dita anteriormente desnuda-se amarela na parte superior e contém o mesmo logo da organização, desta vez, em alto relevo e branco. A primeira porta à esquerda apresenta-se como uma pequena sala de aula, na cor cinza claro, com cadeiras “de braço”, alguns quadros na parede expondo “<sup>6</sup>Fine Art”, um projetor no teto, um quadro branco, uma mesa com um notebook á esquerda, à direita, uma cadeira com livros empilhados.

O café (parede branca inferir ao fundo na figura 10) desvenda-se como um pequeno e quadrado espaço, com pia, acima um suporte de panelas, à esquerda fogão e geladeira, à frente um balcão. Abaixo da pia uma cortina que esconde utensílios de cozinha. Entre a geladeira e o balcão uma cortina em croché branca com detalhes em madeira, cortina semiaberta que não chegar a esconder o ambiente. No balcão uma garrafa de café, xicaras brancas com design moderno (lembra o movimento do logo da organização), açucareiro, adoçantes, uma pequena xicara com água e duas pequenas colheres. Um suporte para tortas com alguma torta dentro, um recipiente com sanduiches

---

<sup>6</sup> Fotografias com motivações artísticas e estéticas, podem ser marcadas por grande produção prévia e manipulação posterior.

caseiros embalados em plástico. Na parede à esquerda, na linearidade do balcão, um quadro negro pequeno com a tabela de preços e produtos escritos em giz. No limite direito, uma composição de fotos 3x4 que enquadram o desenho de uma lente fotográfica no estilo Instagram.

No banheiro, de cor fria (azul) uma pia a esquerda com duas torneiras, à direita, três cabines com uma lixeira em metal entre duas delas. Dentro das cabines, as paredes são brancas e possuem gizes pendurados para que a parede possa ser rabiscada (e estão). Não há azulejos, a pintura é feita no cimento.

A parede de fora, abaixo do escritório, é laranja, como as quatro paredes do salão. Acima da porta de entrada, uma prancha de surf que aparente ter sido branca um dia e um logo vermelho, prancha está agora de cor amarronzada, de uso, marcada pelo tempo.

Na parte superior, à direita, o escritório com muita informação visual. Um banco para duas pessoas à esquerda, à frente um balcão contínuo de onde trabalham os funcionários, três ou quatro lugares, à frente e a esquerda, uma estante com livros e mais objetos decorativos. O balcão é confuso, em vidro, mas com adesivos colados que disputam o espaço com objetos típicos de escritório, notebook, papéis, mais objetos decorativos, telefones e celulares.

Há duas salas superiores, uma logo à esquerda, pequena, equipada apenas com mesas de braço para alunos, projetor e computador. Há um vidro que deixa o espaço do salão abaixo. Ao lado do escritório há outra sala, está mais equipada com recursos eletrônicos, alguns computadores Mac e mesas contínuas de vidro onde são dispostas de duas a três cadeiras para alunos, lugar onde estes podem usar seus computadores. Enquanto a primeira sala trata-se de uma estrutura para aulas expositivas comuns, a segunda serve para o uso de equipamentos eletrônicos, cursos de Photoshop etc.

Há ainda um pequeno laboratório para revelação de filmes, que fica na parte inferior entre a estante de livros do sofá (a biblioteca) que recepciona a chegada e a sala de aula do salão. Neste laboratório, ao entrar há na esquerda uma bancada, onde estão alguns *tapwares* (3) com água, à frente duas pias com a parte inferior expostas com alguns objetos tampados com pano preto.

No primeiro dia, ao chegar, após recepção da equipe e apresentações recíprocas com esclarecimentos da organização e identificação de que eu havia feito contato com a organização também por email e tinha interesse, além do curso, em pesquisa, procedeu-se a etapa de inscrição na turma desejada. Fui informada pelos funcionários, (neste momento estavam presentes três dos principais sujeitos da pesquisa – Obturador,



Diafragma -, incluindo o dono da Organização – o Foco), que meu email tinha acabado de ser respondido (ao chegar em casa no fim deste primeiro contato pessoal e olhar os e-mails, observei que a organização havia marcado uma reunião para a quinta-feira daquela semana pela parte da tarde). No momento da visita, porém, em vista das identificações feitas e da presença do proprietário do negócio, conversas e demais esclarecimentos já foram feitos.

Com relação à recepção no primeiro dia, foi positiva, muitas informações já foram ali fornecidas, muito em vista do perfil relacional da organização e, a única consideração feita foi a solicitação de maior detalhamento da proposta de estudos, mas que isto seria conversado no decorrer das minhas aulas, já dando o proprietário (Foco), a permissão para as atividades observacionais. Foram prestadas inclusive, muitas informações prévias sobre a Organização e mostrado o interesse de Foco pelo contexto de estudos. Este contato foi considerado como uma das etapas de entrada e 1º dia de campo, já que possibilitou muitas informações e análises iniciais, momento inclusive de registro das primeiras impressões.

Após estas explicações torna-se interessante retomar o questionamento quanto à escolha da espacialidade daquela rua e entorno, pela Organização. Segundo conversas com Foco, a organização, de aproximadamente cinco anos de existência, foi inserida na localidade onde está por motivos relacionados ao negócio e à história do seu principal proprietário. O primeiro motivo citado, ainda no início do campo, está relacionado às características do espaço de entorno, segundo Foco, “*underground*”:

Olha... artistas geralmente gostam e procuram espaços undergrounds e o *underground* de Fortaleza está muito fortemente nessa área, Centro, Praia de Iracema, aqui tem muita história e cultura. Aqui é também um espaço de resistência cultural (Foco, 2014) [Notas de campo, outubro de 2014].

O termo *underground* (ou subsolo em sua tradução), é geralmente utilizado para denominar, “um movimento artístico de vanguarda independente dos circuitos tradicionais” (MICHAELLIS, 2015)<sup>7</sup>, ou seja, um movimento cuja ambiência cultural foge aos padrões comerciais ou modismos, sendo um termo estreitamente relacionado a produção cultural marginalizada pelos padrões comerciais de dado local ou momento. Assim, há assinaturas do sujeito Foco que atestam sua origem e sua utilização pelo

---

<sup>7</sup> Acessado em: [http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/definicao/frances-portugues/underground\\_28953.html](http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/definicao/frances-portugues/underground_28953.html) em 26/11/2014.



“bairro, que se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana” (MAYOL, 2011, p.44).

No decorrer do campo, porém, em conversas com alunos e com o próprio proprietário, foi explícito que a casa onde encontra-se a Organização pertence à membros da família, não apenas a casa, mas outros galpões daquela mesma rua, utilizados em regime de locação. Esta informação foi explicada inclusive, na ocasião em que visitava pela segunda vez outro negócio de Foco, em fase de construção física, um Estúdio com foco em cursos e produção de Cinema, diversificando o produto da Analógica (fotografia).

Nesta ocasião Foco explicou que para que ambos os lugares pudessem ser alugados, houve grande negociação familiar, que chegou a durar anos, já que seu familiar, dono de ambos, não facilitava o uso. Estas negociações se iniciaram no retorno de Foco de sua Pós-graduação em fotografia na Espanha, há aproximadamente cinco anos. O local onde funciona a Analógica estava sem uso e o local onde está sendo construído o Estúdio estava sendo usado indevidamente por terceiro, já que o familiar, proprietário de ambos, além de não fazer uso dos mesmos, não supervisionava adequadamente os locais (abandono). Foco conta que foram necessárias muitas negociações e reformas tanto para a Analógica quanto para o Estúdio, reformas estas, que demoraram também devido a problemas com capital (Foco coloca que trabalha mais por prazer à disseminação da arte que por retorno financeiro, isto inviabiliza a rapidez em algumas de suas vontades organizacionais), além das muitas negociações com o ocupante do espaço do Estúdio, até então galpão.

Houve neste caso um processo de disputa por um lugar, um lugar familiar cedido para uso à terceiros, porém sem controle e cujo uso extrapolou acordos previamente estabelecidos, dando direitos para um novo sujeito, Foco, que possuía interesses no lugar, em tentar praticá-lo para seus interesses após negociações e por meio de relações comerciais e familiares.

No que tange às reformas e capital, Foco contou com a parceria de um amigo, um artista do ramo de artes visuais que também estava interessado em outro galpão, atrás da Analógica para servir de casa e ateliê. Excetuando-se o Estúdio, ainda em fase de finalização, a Analógica e o ateliê-casa foram sendo finalizados quase que concomitantemente. Para chegar ao estágio atual, a Analógica sofreu três reformas. A

preocupação de Foco era manter a rusticidade do local, transformando-o em algo íntimo e descolado.

Um terceiro fator, surgido em entrevistas com professores e com o próprio Foco, e que relaciona-se ao primeiro fator descrito, surgiu na fala de Foco anterior: resistência. Tem-se a instalação de negócios de arte e cultura nesta centralidade com motivações de “revitalização” ou “requalificação”, fala esta surgida em conversas com professores, alunos e artistas do convívio, mais engajados com as questões políticas locais. Segundo falas, tenta-se ocupar aqueles locais com atividades culturais de forma a resgatar aquele entorno, transformando-o em corredor cultural, muito em vista do abandono do setor público e dos problemas trazidos por esta questão, como a criminalidade. Conforme Certeau (2012, p.81) “é sempre a violência que funda um saber. No caso da violência do descaso de grupos sociais ao abandono do local, outros grupos interessados no resgate cultural de um passado, e uma cultura, aproximam-se com seu saber gerando novas temporalidades e espacialidades.

Em entrevista, o Flash (professor) afirmou que a organização ainda não é maior pelo local onde está instaurada, que se estivesse mais próxima à parte turística (mais segura) já teria crescido muito. Que muitos não procuram o espaço justamente por sua localização. Apesar disto, estão crescendo.

Nós estaríamos muito maiores na cidade se estivéssemos em outro local, Meireles, Aldeota... Mas a gente procura estar aqui por resistência, fazendo arte e cultura. E a cultura está aqui, a ideia é melhorar o lugar (FLASH, Entrevista, Outubro de 2014).

Esta fala explicita motivações para práticas da Organização, práticas estas que interferem no espaço urbano e são ainda transformadas pelo espaço urbano onde se situa. Há motivações relacionadas à melhoria da espacialidade local.

A Analógica prepara-se para ampliar seus serviços oferecendo atividades relacionadas ao cinema. Está em construção um espaço mais amplo, (aproximadamente 300m<sup>2</sup>) onde, segundo informações de Foco, haverá um bistrô com espaço social (a ser arrendado para terceiros), salas de aula que ocupam dois andares e um estúdio, local preparado para locação de produção de audiovisual (fotografia e vídeo). O local fica um imóvel ao lado da Analógica e é também, como dito, um lugar alugado.

Outra informação relevante diz respeito ao cenário concorrencial da Analógica na cidade de Fortaleza. Há apenas mais um curso de Fotografia na categoria particular de maior nome na cidade, chamado aqui de Ops. Mesmo assim, este possui outras atividades

relacionadas a publicidade, design e criação visual e instaura-se como um curso de caráter mais técnico. Dentre os demais cursos de Fotografia na cidade são muito procurados os cursos da Chamada Casa Amarela e da Vila das Artes, ambos pertinentes à Instituições Públicas. É comum alunos já terem feito cursos nestes locais e procuram a Analógica para aprimoramento. Recentemente foi inaugurado o Porto de Iracema das Artes, como um espaço pertencente ao Complexo Dragão do Mar e que também oferece cursos de fotografia relacionados às artes visuais. Neste caso, estes cursos são direcionados para alunos de condições sócias desfavorecidas economicamente, cedendo o curso equipamentos para a prática dos alunos. Há além os chamados CUCAS, Projetos Sociais Comunitários advindos da Prefeitura de Fortaleza mas que estão presentes em outros bairros da cidade. Nestes são oferecidos cursos como de fotografia e outros. O intercâmbio com a Analógica neste sentido se dá devido à circulação de professores, alguns comuns às duas realidades. Como se vê em termos de organização privada que oferece cursos de fotografia com forte apelo às artes visuais, a Analógica possui destaque no cenário citadino em questão. A organização foi inclusive premiada por uma importante revista nacional de Fotografia por sua arte fotográfica.

Segundo Figueiredo e Cavedon (2012), sendo públicas ou privadas, as organizações especificam funções para os lugares, conferindo-lhes valor de uso e possibilitando o acesso dos cidadãos a bens e serviços (FIGUEIREDO, CAVEDON, 2012). A Analógica especifica uma função para o lugar da casa e da rua que ocupa, as espacializa por meio de usos específicos, práticas relacionadas aos serviços da organização que geram serviços para grupos interessados, a oferta de cursos de fotografia e produção fotográfica para alunos e outras organizações. Vale pontuar que o lugar ocupado ou usado pela Analógica é alugado.

Conforme Certeau (2013, p.93), na “Administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar de poder e de querer dos próprios”. Um “gesto cartesiano” já que busca “circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar” (CERTEAU, 2013, p.93). A Analógica busca estabelecer um lugar próprio para seus usos formais e racionais, tratando-se ela, de uma organização privada. A primeira barreira porém, advém de seu regime formal, a locação: A casa ou o lugar não é formalmente próprio, é cedido, mediante pagamento e contrato de uso temporário. Há uma espacialidade em questão, mediante práticas organizacionais, mas em lugar formal de outro, apropriado

simbolicamente e fisicamente, com fins de uso pela Organização e seus praticantes. O aluguel é uma mutação que torna o lugar praticável, “transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes (...), quando os “locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobíliam com seus gestos e recordações (...). A ordem reinante serve de suporte para produções inúmeras, (...) uma regulamentação para facilitar a improvisações” (CERTEAU, 2013, p.49).

Quanto ao Estúdio, que estava em construção, sendo parcialmente usado até fins da pesquisa, o regime de apropriação formal é o mesmo da Analógica. Há assim, a expansão de apropriações físicas por parte da Organização (compreendendo-a aqui especificamente como os dois espaços) em outros lugares da mesma rua, por meio de práticas. Práticas estas proporcionadas pelas mesmas práticas que geraram a Analógica, mas mais facilitadas pelo espaço da rua já possuir uma apropriação física e simbólica anterior responsável por facilitar, pelo estabelecimento de estruturas relacionais, o cotidiano de circulação, o cotidiano espacial, melhor descrito a seguir.

Cabe aqui a análise no que tange à natureza desta relação entre proprietário e locatário. O uso do espaço por locação caracteriza-se como uma autorização de uso dentro de uma ordem, faz parte de uma estratégia. Neste sentido, Foco, como representante de ambas as organizações (Analógica e Estúdio) faz parte da estratégia do proprietário em suas atividades comerciais. O proprietário é o sujeito de querer e poder, sendo Foco, um ocupante temporário que precisa seguir dadas regras estabelecidas em contrato de locação. Foco tem assim, liberdades limitadas e precisa jogar com esta ordem para conseguir maior espaço de uso dentro deste sistema de relações.

As negociações contadas por Foco dizem respeito à preços de locação e reformas. Segundo Foco, o proprietário tentava dificultar, por razões alheias à pesquisa, o uso dos locais e como formas de restrição tentava aumentar os preços de locação. Neste sentido, os esforços de Foco, suas astúcias e criatividade partem do contraponto das reformas. Foco, em reformar os locais para seu uso estaria estabelecendo benfeitorias que ficariam para uso do proprietário em caso de mudança, estaria valorizando os locais para terceiros. São formas de convencer o proprietário, em pontos que o tocam, segundo suas características, para evitar aumentos abruptos de valor no contrato. Neste regime, as práticas negociais de Foco para manter-se dentro desta ordem estabelecem para ele um lugar de práticas táticas. As regulamentações impostas estimulam improvisações. Poder-se-ia discutir que dadas negociações fazem parte do horizonte de práticas estratégicas, há no entanto, imposições de uma ordem sendo subvertidas para facilitar

um uso, uma nova apropriação por parte de outro sujeito, neste caso, por parte de Foco. Com isto Foco vai instaurando uma apropriação particular, vai estabelecendo um próprio simbólico no lugar do outro. Esta dinâmica é repetida nas práticas espaciais, como descritas a seguir.

Estes foram os fatores relacionados à conquista dos locais para a instalação das Organizações, principalmente da Analógica, mesmo os locais pertencendo à família de Foco. Há no entanto, outros fatores relacionados ao uso destes locais, naquela rua, que, conforme descrito, possuem características espaciais que, à princípio, depõem contra seu uso em segurança, isto será porém, explorado a seguir.

Todas estas questões me levaram a refletir sobre motivações para a prática fotográfica, que, como o campo, extrapolam os limites do que se considera como escolhas aparentemente racionais. Possivelmente muitos são os motivos para a escolha de um curso de Fotografia, mas geralmente se ouve: “Hobby (lazer) ou/e profissão” (Notas de campo, 2014). Ambas desaguariam em uma forma de reconhecimento social. Mas quais seriam os motivos que levam pessoas a procurar a Analógica diante das demais opções na cidade? Dos motivos vividos por mim (incluindo a pesquisa) aos motivos ouvidos dos colegas de curso, a procura pela Analógica não se resumia apenas à procura da técnica fotográfica em si. Muitos alunos, mesmo em uma postura mais modesta, tinham intenções artísticas no ato fotográfico, seja a arte feita por puro hobby, seja a arte feita com intenções profissionais. Procuravam a Analógica também pela maneira como ela se posiciona: “Somos uma família”, “muito mais que a técnica”, “muito mais que o conteúdo” (Notas de campo, redes sociais, 2014). Seu tom intimista foi citado por alunos como um atrativo. Parecem buscar os alunos, enfim, algo mais. Vivências diferenciadas. O que foi ouvido de colegas como motivos para fazer os cursos.

Prática comum de alunos é seu retorno àquela espacialidade mesmo após ter finalizado os seus cursos. Voltam para encontrar pessoas da Organização, colegas, para conversar sobre fotografia, para participar de atividades esporádicas como minicursos, palestras e exposições, para participar dos eventos produzidos. São datas festivas, exposição final (ou ensaio fotográfico) de fechamento de turmas, comemorações de feriados como o Natal ou semana de fotografia, palestras de assuntos que tangenciam ou fazem parte direta da arte fotográfica, ocasião em que são convidadas personalidades importantes no meio, profissionais renomados nacional e internacionalmente. Voltam para fazer outros cursos. Segundo Foco, 80% dos alunos que fazem cursos na Analógica,

voltam para fazer outros cursos oferecidos por ela, incluindo alunos que já fizeram aulas em outras instituições.

Estes alunos tornam-se conhecidos entre eles, tornam-se conhecidos da Analógica. Há o estabelecimento de relações, nutridas pelo ato do estar-ai e do ser-ai social. Nutridas no lugar e espaço da Analógica pessoalmente e nutridas por relações estabelecidas em redes sociais. Relações estas evidentes dentro do espaço da organização, mas que extrapolam-se em vista de suas práticas e independentemente dos fatores espaciais da localidade onde se insere. O público que escolhe fazer um curso na Analógica, por suas motivações, como o Líder da Organização, joga com as pressões de seu cotidiano em um espaço, transformando-o.

#### **4.3 Práticas organizacionais espaciais: Da organização aos seus demais lugares praticados.**

Pelas práticas constituírem-se em ações de sujeitos, antes de identificá-las torna-se relevante expressar os grupos que envolvem-se na relação entre a organização e seu bairro, os sujeitos que praticam a Organização, que a inserem em processos de espacialização, objetivando o item b deste estudo, a saber: Identificar os agentes e descrever as práticas de espaço da organização. Isto tornará mais clara a identificação das práticas constituídas na relação entre espaço e lugar. Friso que esta seção tem por função explicitar as informações correspondentes ao objetivo geral deste estudo, a saber: Identificar e descrever as práticas de espaço da organização sob estudo em sua relação com o espaço urbano no qual se situa pelo recorte do bairro.

##### **4.3.1 Praticantes ordinários dos espaços: os grupos**

Nem todos são fotógrafos, “a maioria dispara, clica. Hoje todos dispparam fotos o tempo todo. Estamos bombardeados de imagens” (Notas de campo, 22 de julho de 2014), já dizia Foco. Dos sujeitos ordinários praticantes dos espaços usados pela Analógica, nem todos são praticantes da Analógica, e dos praticantes da Analógica, nem todos transformam lugares em espaços.

Os espaços ou lugares descritos a seguir, o são em vista de seus usos ou desusos por sujeitos. Certeau (2013, p.177) já dizia que a “relação de uma pessoa consigo mesma comanda as alterações internas do lugar (os jogos entre suas camadas) ou os

desdobramentos caminheiros das histórias empilhadas num lugar (das circulações e viagens)”. Torna-se relevante assim explicitar quem são os sujeitos e quais são suas formas de apropriação, as alterações que desempenham no espaço organizacional. São os diferentes estilos de ação (ligados as singularidades de cada um), aliados ao uso (que está relacionado as normas locais), gerando estilos de uso (CERTEAU, 2013).

Importante ressaltar que nesta parte, em conformidade com Mayol (2011, p.40), se excluiu na pesquisa, o estudo das personalidades e da profundidade das relações que os sujeitos mantem entre si em vista das delimitações e objetivos aqui propostos, tendo-se menos os sujeitos e mais suas trajetórias e maneiras como são confiadas a estes ou aqueles, conforme necessidades, conservando alguns sujeitos essenciais para a pesquisa e que estão circunscritos nos lugares praticados surgidos, descritos e interpretados. Aqui tem-se o conceito de conveniência, por meio dos comportamentos e benefícios simbólicos, em vista de contratos sociais realizados.

Os sujeitos são aglutinados em grupos apenas para fins de análise, posto que, segundo Certeau (2012, p.154-155) uma unidade social somente existe quando assume o risco de existir (...)” assim como só “há unidade política apenas a partir do momento em que um grupo se dá por objetivo e por tarefa existir como tal”. O fato destes não constituírem-se formalmente como grupos em forma mais explícita, favorece os diferentes usos mesmo organizacionais o que impacta em práticas espaciais e em suas naturezas, táticas ou estratégicas.

#### 4.3.1.1 Foco

Tem-se Foco, como dito, o líder da Analógica. Foram as iniciativas de Foco que estabeleceram parcerias importantes na espacialidade da rua, na chamada vizinhança direta, além da vizinhança cultural e a funcional, como faladas a seguir. Caracterizaram e formataram o que se verifica hoje, como espaços de convivência, exercendo cada sujeito um papel e de forma a manter um clima amistoso entre os diferentes perfis e ocupações. Diga-se que Foco, ao chegar, especificamente no espaço da rua, estabeleceu importantes articulações.

Alguns de seus comportamentos tornam-se evidentes ainda mais neste espaço da rua. O estilo “surfista” de falar, a maneira como olha nos olhos ao conversar e como fala com as mãos, as brincadeiras colocadas em determinadas ocasiões do ato conversacional, no ato da fala, o balançar de cabeça e os toques em momentos específicos, assim como

as mudanças nas tonalidades de voz, que demonstram diferentes velocidades e gradações são aplicadas para todos os sujeitos. Há no entanto, nos sujeitos da rua uma aplicação que aparenta ser tática, que aparenta estabelecer um jogo astuto nas relações.

“Aparenta” pois, se tomarmos como base que o público, é um lugar de ordem pública, tem-se para a Analógica as práticas de apropriação táticas. Se tomarmos como base que aquele lugar público é ocioso e portanto, apropriado por diferentes indivíduos em diferentes atuações e interesses informais, e que estabelecem diferentes ordens ou poderes, qual o lugar da Analógica neste complexo? Pelos diferentes tipos de agentes e atuações, jogos de forças, e pela própria postura de Foco na instauração de objetivos organizacionais, esta análise torna-se complexa.

Foco escolhe dados sujeitos do espaço da rua para contribuir com a Organização. A maneira como Foco fala com estes sujeitos, catadores e outros agentes, aqueles sujeitos locais escolhidos para contribuir em atividades como obras ou transporte de materiais, ganhando em troca, valores, os trabalhadores, sendo eles moradores na e da rua ou do entorno, possui uma forma diferenciada. Estes são outros grupos que imprimem outros jogos de força naquela espacialidade por ali estarem e que limitam a atuação da Analógica na rua de forma plena. São tratamentos de Foco que podem ser chamados de “camaradagem”, regados a bom humor ou mais sérios dependendo do que se trata, mas comportamentos que “conseguem” o que se deseja. Foram presenciados momentos de articulação, quando Foco desejava algo e a outra parte também, em práticas de negociação deliberadas, necessitando um esforço maior de comportamentos por parte do líder da Organização. Além destes comportamentos, que são formas implícitas e explícitas de conquista, aplicada de diferentes maneiras para fins específicos e com diferentes agentes, há trocas materiais, os pagamentos por serviços, as remunerações, e outros que extrapolam o limiar puro da troca de um bem. É o que Mayol (2011, p.51) coloca ao afirmar que o usuário se torna “parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana (...). A contrapartida desse tipo de imposição é ao o usuário a certeza de ser reconhecido, “considerado” por seus pares” e assim, fundar “em benefício próprio uma relação de forças nas diversas trajetórias que percorre”.

Com isto Foco consegue estabelecer um espaço de atuação pela parceria, pelos contratos simbólicos estabelecidos. Ele consegue estabelecer um convívio que o permite usar o espaço a sua maneira. Em vista das ações desempenhadas com e “para” estes agentes, espera receber em troca uma permissão para se utilizar o lugar, para especializá-



lo. São negociações que não cessam, apesar de, com o tempo, ele ir conseguindo instaurar uma postura, um bom convívio, instaura estruturas simbólicas que vão se nutrido pela continuidade de seus comportamentos, trocas físicas e simbólicas que advém de práticas flexíveis, adaptáveis, em vista das situações.

Segundo Mayol (2011), esta convivência entre os agentes não pressupõe necessariamente, aceitação e respeito mútuos, mas pode significar a normatização de comportamentos, já que indivíduos podem estar renunciando interesses particulares em favor do cumprimento do contrato social que viabiliza a vida cotidiana. Há nos comportamentos de Foco e nas feições advindas destes agentes em suas relações, um tom de entretenimento advindo de Foco. A figura do “parceiro”, “camarada”, “conheço sim, o cara dali (Catador, Notas de campo, 2014). Parece haver um reconhecimento, um valor, uma espécie de respeito.

Insistir na palavra “comportamento” significa indicar que o corpo é o suporte primeiro, fundamental, da mensagem social proferida, mesmo sem o saber, pelo usuário: sorri/não sorri é por exemplo uma oposição que reparte empiricamente, no terreno social do bairro, os usuários em parceiros amáveis ou não. Da mesma maneira a roupa é o indicador de uma adesão ou não ao contrato implícito do bairro, pois, a seu modo, “fala” sobre a conformidade do usuário (ou do seu desvio) àquilo que se supõe ser a maneira correta do bairro (MAYOL, 2011, p.48).

Segundo Figueiredo e Cavedon (2012), as normas consensuais podem ser promulgadas conforme os interesses daqueles grupos que detêm o poder de impor, mesmo que relativamente, as disposições relacionadas às suas práticas (FIGUEIREDO, CAVEDON, 2012). Pode-se pensar que Foco, não pela posse de um poder formal, mas por um “poder do saber conviver com estes grupos” impõe suas vontades nas negociações do espaço, conseguindo a aderência destes grupos a seus interesses por suas ações relacionais. No entanto, por fatores descritos a seguir, estes objetivos não são alcançados em sua integralidade na conquista de um espaço organizacional simbólico mais amplo. Isto é evidenciado principalmente pelo comportamento dos alunos e pelas maneiras com que a Organização interfere no “usar” da rua pelos alunos, como descrito a seguir.

Há uma espécie de submissão conferida a Analógica ao seu espaço, uma submissão caracterizada no comportamento dos alunos. Os alunos não espacializam a rua, pois ali não estabelecem relações ou práticas, salvo eventos, eles apenas deslocam-se. Submissão esta transgredida por Foco por sua coragem e maneiras de negociar. Mas

submissão e transgressão a que? Os esforços de Foco são pertinentes para gerar, em um mesmo território a coexistência de diferentes “parceiros não ligados” (MAYOL, 2011), ou seja, o são apenas pelo compartilhar do espaço. As trocas conferidas por Foco, porém parecem nutrir uma parceria estabelecida há cinco anos sem ocasiões graves de interrupção.

Com isto ele especifica um espaço organizacional na rua, já que o pratica, pela “permissão” de agentes vizinhos, agentes que ocupam uma configuração ‘lado a lado’ no jogo de posições do lugar. Com isto ele organiza jogos em relações claramente mutáveis, que precisam ser nutridas para que se estabeleçam de forma contínua. Ele é o indivíduo que espacializa para a Analógica, para a organização.

Como dito, as maneiras de ser de Foco são imbuídas em suas maneiras de fazer nitidamente, principalmente quando deseja convencer. Foco já havia assumido em entrevista que havia feito cursos sobre linguagem corporal, algo que ele valoriza no lidar com seus grupos, os atos conversacionais, são questões valorizadas pelo próprio Foco e que segundo ele, já havia assumido em sua personalidade (Foco, 17 de outubro de 2014). Certeau (2013, p.49) coloca que a conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torna-los “habitáveis”.

É um apropriar, mas não pela imposição de um poder, mesmo um poder de “saber lidar”, mesmo porque muitos dos agentes ali presentes, por suas características, alguns relacionados à criminalidades, possuem condições de se impor, de impor suas vontades em vista de um poder marginal. Estas práticas “produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo” (CERTEAU, 2013, p. 47). São práticas táticas de Foco perante uma ordem, em parte criminal, em parte não. Não são simples contratos de convivência com agentes de condições sociais parecidas. São grupos muito diversificados e com poderes diversos, que podem se impor em quaisquer momentos. São relações assim, mais compreensíveis pelo viés de contrato de troca, não simplesmente por bens materiais, mas por uma consideração simbólica, principalmente pelo sujeito do Foco e pelas relações sociais que ele desempenha na localidade. Parece haver uma apropriação plural e não singular, marcada por diferentes estabelecimentos de forças. É a “coexistência de parceiros “a priori” não ligados” (MAYOL, 2011, p.47), o eu é “*a posteriori*” negado. Há uma ligação simbólica estabelecida. Não é um apropriar que se impõe, é um apropriar que paraleliza. Que divide a rua em lugares diferenciados de uso, que especifica espaços organizacionais, mas mantém os lugares e espaços dos outros sujeitos. Não expulsa, não

segrega, aglutina, preserva o uso diversificado. Transforma o espaço público em público, como assim o deveria ser. Já que a imagem da rua não é, a princípio, atrativa para quaisquer cidadãos. Mesmo assim, há ainda questões a serem consideradas nestas relações.

Pensando no que Mayol (2011, p.40) pontua como prático, que “vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente”, Foco possui comportamentos decisivos, representantes e correspondentes a seu “eu”, a sua identidade que proporcionam ao cotidiano do grupo ou da organização Analógica, um lugar na rede de relações sociais inscritas nos ambientes, que praticados por ele ou este grupo, transformam-nos em espaços para a Organização.

Mayol (2011) fala ainda de uma máscara neste convívio, já que os usuários precisam, a um preço, manter as convivências na experiência do bairro. Não parece existir uma máscara nas relações vistas. Apesar das táticas de Foco serem reconhecidas em suas finalidades, elas são, pelo observado, de conhecimento, aceitação e reciprocidade pelo outro lado da relação, mesmo pela rua, por suas frequentações, em um campo onde as verdades sociais estão explícitas, querendo os agentes ali, apenas desempenharem, ao que me parece, pacificamente suas funções, em troca de benefícios físicos e simbólicos mútuos.

Vale notar que, há a transformação de um espaço para a Organização, mas não da Organização, isto pois 1) o espaço ser público e portanto, apesar da aparência de abandono falada na descrição anterior, desvendar aos poucos ocupantes e relações de apropriação e espacialização específicas e socialmente, à primeira vista, não muito cordiais em vista de usos marginais; 2) ser simbolicamente e parcialmente usado, apropriado pela própria Analógica (como explicado a seguir).

Segundo Mayol (2011, p.43) o ato de controlar o interior de uma moradia (ou aqui da Analógica) é semelhante ao de controlar as trajetórias no espaço urbano do bairro, sendo estes dois atos “fundadores, no mesmo grau, da vida cotidiana em meio urbano: tirar um ou outro é o mesmo que destruir as condições de possibilidade dessa vida”. Foco é quem controla a vida interior dentro da Organização e tenta estabelecer controles na vida exterior, extrapolando os limites organizacionais por suas práticas ao ambiente urbano da rua. Ele quem estabelece as relações com os “outros” no espaço da rua, recorte do bairro, e por isto o faz de forma especial (MAYOL, 2011, p. 43).

Se “existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas” (CERTEAU, 2013, p. 164). Quem mais atualiza é Foco, que tanto faz “ser como aparecer”. Ele também “as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.” É o Charlie Chaplin organizacional, “multiplica as possibilidades de sua brincadeira: faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixaram para o seu uso.” CERTEAU, 2013, p. 164). Ele transforma em outra coisa cada significante espacial. Mais que tornar efetivas as possibilidades fixadas pela ordem social do lugar, ele as amplia dentro da própria ordem e por atalhos e interditos. Tem seus limites fixados mais por interesses próprios atuais que por imposições de lugar, paredes sociais, violência, risco, as quais ele negocia. “Ele seleciona, extrai como usuário da cidade fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo” (CERTEAU, 2013, p. 164).

Foco joga com os limites impostos pelo espaço social, extrapola o caminhar, abre caminhos, apropria lugares, os espacializa para a Organização. E assim o fez com a casa (Análogica) e o tem feito com o Estúdio (fisicamente) e o entorno imediato da rua e sua lateral e por suas relações (o vínculo com o artista-pintor em sua moradia e ateliê), alcança outro quarteirão e expande suas lateralidades (simbolicamente).

Esta apropriação assim, pode ser analisada pelo ponto de vista tático ou estratégico. Se tomarmos como uma ordem a criminalidade imposta pela falta de ordem institucional da segurança, as práticas de Foco são táticas, diria que táticas são as práticas quando ele negocia com esta ordem, uma ordem que se impõe, apesar do teor negocial da relação. Como falado, na espacialidade da rua há sujeitos tidos como perigosos pela efetuação de assaltos, ainda não com sujeitos da Organização, mas com outros passantes no lugar. “Evite aquela rua de trás, venha por esta da frente, aqui está tudo bem, a gente circula, todos nos conhecem, lá atrás é perigoso, tem assaltos.” (Obturador, Notas de campo, Outubro, 2014).

Se tomarmos o espaço da rua como um local que esta mesma ordem criminal deixa de se impor, ou seja, não há esta ordem ou lugar, por determinados motivos, seja pelo jeito de Foco, articulador, negociante que oferece trabalhos e faz benfeitorias, ele estaria impondo ai sua ordem própria, neste caso a apropriação seria estratégica? Cabe lembrar que, como espaço público, não se pode estabelecer uma apropriação física

estratégica, seria apenas simbólica ao se impor forças ou poderes (o preliminar da estratégia), sendo na prática uma apropriação inerentemente tática. Para tanto, porém, analisar as práticas a seguir contribuirão para este tipo de interpretação.

Com relação as práticas de vizinhança cultural e funcional, estes aspectos relacionados a Foco são também observados, porém, há especificidades descritas nas práticas a seguir.

#### 4.3.1.2 Os catadores, moradores e outros do espaço da rua

Os catadores trabalham em atividade de coleta, transporte e deposição de lixo em alguns dos galpões da rua. São em sua maioria homens, em idade adulta geralmente vestidos com bermudas e muito frequentemente estão sem camisa. Usam roupas desgastadas, algumas sujas, chinelos, alguns usam bonés. Suas peles depositam marcas de seu trabalho. Os olhares são diretos. Me pareciam curiosos, mas ao mesmo tempo com certo ar de conformação, como se estivessem olhando para pessoas que já aprenderam a “conviver”, “alunos da Analógica”. Em alguns momentos me olhavam “de cima a baixo”, ocasiões estas que deixavam-me com receio. Mas eram solícitos quando se perguntava sobre a Analógica “aquele curso ali neh, daquele cara, sei, sei... tá, conheço sim, a gente conhece aqui.” (Catador, Notas de campo, 2014). São vistos no transporte de objetos entre caminhões e depósitos, são vistos trabalhando. Em alguns momentos, descansam no banco imediatamente em frente a Analógica, após o almoço. Muitos são vistos passando.

Quanto aos moradores, existem dois tipos na rua e arredores: o artista do ateliê-casa, que fica atrás da Analógica e pessoas que moram na rua, não na rua da Organização, mas na rua paralela pela parte de trás, onde há um canteiro, gramado, espécie de mini praça onde alguns agentes estabelecem ali moradias improvisadas. Trato aqui destes moradores, que moram na rua e são popularmente chamados de “moradores de rua”. Estes moradores, localizados neste lugar, o espacializam pelo seu ato de morar e não apenas por este ato. Logo no início do campo, quando perguntada à Obturador sobre a segurança, este ponto foi caracterizado como perigoso, “ali é um lugar de assaltos, evite passar por lá, tem uns moradores...” Excetuando-se em alguns momentos, quando da ocasião de uma feira naquela localidade ou quando do uso pelo órgão público presente no local. “Evite passar por lá”, foi o que disse Obturador para mim, na condição de praticante da Analógica (aluna ou pesquisadora), evite espacializar, evite este lugar. Não

o caminhe, não o pratique, com relação a isto, retomarei a seguir. Mas o que fica é que parece existir um panóptico (FOUCAULT, 2001) onipresente instaurado pela Analógica e pelo grupo presente na rua com relação ao espaço da rua. Estar na rua é sentir-se observado.

Quando ficava à espera de minha carona, ou mesmo quando conversava com Foco nas passagens entre a Analógica e o Estúdio, éramos observados pelos outros ocupantes do local que ali passavam ou trabalhavam. “As pessoas da rua nos olham quando estamos nela” (Notas de campo, Setembro, 2014). Isso aumentava os alertas da Organização, que, com isto, também me fazia sentir observada, neste caso, por ela. Era geralmente levada para dentro dos espaços internos da Organização e lá continuávamos nossas conversas. Era avisada para tomar cuidado com minhas coisas naquele espaço externo. Com os colegas em nossas interações, sempre se iniciavam e terminavam dentro da Analógica. A porta era uma fronteira também conversacional.

Aos moradores e catadores são oferecidos, para aqueles que desejam, trabalhos. São feitas trocas físicas e simbólicas. Se oferece trabalho, se ganha segurança. O oferecimento de trabalho garante uma ocupação para os sujeitos dali, isto pode ou não consentir um retorno simbólico de respeito entre as partes. Por isto a maneira como é feito, o jeito, o comportamento, o estilo confere ao uso objetivos e finalidades complementares. Estabelece uma convivência pacífica, estabelece maneiras de se portar que significam contratos sociais de uso do lugar, contratos e relações que espacializam para a Organização. As trocas desempenhadas, articuladas por Foco, nestes grupos parecem gerar uma afetividade. Há um elemento sinestésico desenvolvido nesta relação. Parece haver um respeito conquistado por um reconhecimento, por acordos estabelecidos no estilo ganha-ganha que conferem uma dignidade aos tratos realizados.

Foram poucas as vezes que estes agentes foram abordados, sendo reservadas grande parte das análises por momentos de interação com Foco. Eram no entanto, observados a certa distância e em diferentes ocasiões. Precisei mudar as lentes nesta ocasião para tentar conseguir a aproximação das informações sem me aproximar tanto do objeto. Assim, de lente macro (chegam mais perto do objeto), passei a ter que usar as lentes do tipo Tele, aquelas que por sua maior distância focal, me permitiam aproximar do “objeto fotografado” sem estar perto fisicamente do mesmo. Mesmo porque, em algumas tentativas de contato, era alertada para tomar cuidado por agentes organizacionais. O campo me dizia que era preciso ter cautela.

#### 4.3.1.3 Passantes – eles e outros

Apenas um grupo de agentes envolvidos com a Analógica não espacializa a rua, serão analisados a seguir. Os demais agentes, incluindo os descritos acima, são sobretudo, passantes. Todos estes utilizam a rua para o simples deslocamento, desempenham apenas a prática da caminhada em seu dia a dia. Esta prática, segundo Certeau (2013), transforma o lugar em espaço (para eles), por ser praticado pela caminhada, que parte de um lugar e chega a outro, tornando a passagem, necessária. Tem formas de caminhar, de passar e de se apropriar daquele “espaço”. Desempenham os passos em um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica, desempenham jogos pelos passos que moldam espaços tecendo o lugar. São os usuários da rua que, a partir de Certeau (2013), por seu caminhar, fazem efetivamente a cidade, sem nenhum receptáculo físico, porém. Não focalizam, mas especializam.

Os traços hora são mais densos (de pessoas transtornadas, alteradas, com roupas degradadas, pele suja, cujo olhar não cessa em extremadas direções e os gestos, estes, hora iminentemente quietos, hora iminentemente violentos). Hora são passos mais leves (os estudantes de instituições de ensino), cuja leveza é sentida não apenas nos passos, mas em suas feições, feições ainda juvenis, atentas ao chão, suas mãos carregam algo, (cadernos), em seus pés, chinelos, hora estão rindo em pares ou hora concentrados em pontos fixos no chão.

As trajetórias são opostas. Partiam tanto da direção do Centro-Praia de Iracema, do espaço de eventos ao Dragão do Mar (como importante referência – mapa – de direção – de percurso) como vice-versa. Os alunos, talvez pelos meus horários de pesquisa, (frequentemente no início das tardes) horário em que muitos dirigiam-se para suas escolas, faziam mais o sentido Dragão do Mar. Não eram vistos porém no retorno, às noites, ocasião de rua em escura solidão. São seus mapas urbanos. Outros eram os sujeitos envolvidos com o órgão público situado na localidade, estavam mais nas esquinas, nas intermediações. Não foram detectadas relações com este grupo por parte da Organização, fica a pontuação de um estar diferente, de um outro grupo com outras formas de apropriação.

Os movimentos, curvas em cheios ou vazios remetem além a uma ausência, a ausência daquilo que passou, seus passos visíveis tornam invisíveis a operação que a tornaram possíveis. São procedimentos de esquecimento, fica o traço. O vestígio do passante, de quem passou, o vestígio de uma prática, o vestígio de um espaço. O “traço

substitui a prática”. Faz esquecer uma maneira de estar no mundo, o agir em legibilidade. O ato de caminhar destes passantes manifesta uma tríplice função enunciativa (comparada a enunciação ou aos enunciados proferidos) (CERTEAU, 2013, p. 163-164). São processos “de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre”, realizações espaciais do lugar”, implicam “relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (...) O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (CERTEAU, 2013, p. 163-164).

Esses passantes enunciam-se, espacializam, pronunciam-se enquanto passam. Mostram um ser-ai ao espacializar. Assim como o deixam de existir, são esquecidos. Explicitam um lugar (vago) ao deixar de passar. Deixam apenas um traço de que ali estiveram, de que ali existiram, um estar-ai. Um lugar com modos de vida diferenciados, deixam os traços daquilo que representam no espaço urbano.

Há ainda outro grupo de passantes, aqueles inseridos em seus carros. Afinal, pode ser vista aquela rua como um lugar de passagem, ao estilo não-lugar na supermodernidade de Marc-Augé. Estes passam em ônibus, em carros, em motos, taxis ou caminhões. Estes não veem a rua, estes não veem o espaço, estes não o praticam, não interagem, não olham, não veem. Estes não-espço. Estes significam a ordem cultural dominante de segregar em não uso, em não ser, espaços degradados. São indiferentes. Estes pintam de cinza, a mesma cor que usei no início da descrição ao retratar o lugar, até então lugar, que transformei aos poucos em espaço, que adicionei aos poucos, cores. Estes não permitem a entrada de luz para que a foto ocorra. Estes não veem o que eu fotografei ou o que a Organização pratica.

Há ainda os passantes das praças, mercados, museus, centros culturais, são outros ocupantes de espaços. São passantes pelo viés da Organização, pois nela nada desempenham, apenas compartilham o mesmo espaço, apenas, estabelecem-se temporariamente nos locais de uso comum, tem suas maneiras de apropriar, suas privatizações, mas, ao que interessa aqui, são apenas seus olhares para as práticas da Analógica. Estes olham os alunos em seus exercícios fotográficos, estes pedem para serem fotografados, estes perguntam curiosamente “Hey, o que vocês estão fazendo? É curso, é?”, “Pode tirar uma foto da gente?”. Estes principalmente nas praças, onde são mais passantes, “Ah, é o pessoal do curso de fotografia”. Estes principalmente nos mercados, onde são mais constantes. Há outros passantes, estes presentes nos centros culturais. Não perguntam, só praticam a prática do olhar, do contemplar e de vez em



quando, abrem um sorriso, um suspiro, demonstram uma curiosidade, aproximam-se das fotos expostas nas paredes, talvez interajam, mas geralmente, entre eles, entre os outros. Outros desempenham no que virá a ser chamado de vizinhança funcional, as mesmas atividades de Foco, negociam preços, buscam, vasculham, conversam, jogam, vivem uma operação de caça em uma ordem estratégica.

#### 4.3.1.4 Os alunos da Analógica: as Lentes

Não transformam o lugar da rua em espaço. A prática que desenvolvem na rua é a de estacionar e “*desestacionar*” seus carros e só. Não estabelecem relações com os demais sujeitos, e não estabelecem relações entre si no espaço público da rua. Ocupam literalmente um lugar, uma vaga, fazem um estar-ai configurando uma posição a partir de seu carro, colocados frente a frente. É a prática do estacionar, deixam um vazio social, ocupando, preenchendo materialmente uma vaga. É um uso material, físico, mas não do agente, e sim de um bem, seu, “espaçoso”, mas não espacializante. Impõem um lugar ocasional com o sentido de “estacionar”, “parar”, “estar” e “desestar”, sem mais. Ocasional, não permanente, já que não possuem ali uma ordem, um lugar próprio, usam em um tempo. Imprimem um entra e sai. Um movimento, mas um movimento de cá e lá. Seus carros estacionam, mas eles, os alunos, não param. Por quê? Principalmente por questões de segurança. Seus carros, suas fortalezas. São eles escoltados na fraqueza do momento de sair e entrar pelo Suporte (Vigia). Sair e entrar do carro para a Analógica, da Analógica para seus carros. Com isto geram um significado social, simbólico e físico, traduzem um lugar, por suas formas de praticar, não o praticando. Não se comenta sobre isso. Há além, um não dito neste não uso. Ou seja, apesar das ações de alunos não negarem seus sentimentos quanto aquela espacialidade social, suas falas sobre isso não são pronunciadas, assumidas. Senti em algumas vezes, que quando o assunto partia para este tipo de análise, entravam em jogo falas compensatórias, que valorizavam a Organização e o esforço de Foco: “nunca aconteceu nada”, “ele conhece todo mundo”, “não mexem com a gente, não” (Aluno, Notas de campo, 2014). Existia ainda um quase “deixar isto para lá” em vista do grau de sentimentos positivos vividos na internalidade física da Organização.

Quando da ocasião de um “evento” (tanto por ser excepcional quanto por ser mesmo um evento da Organização, uma ocasião festiva de práticas artísticas - exposição de ensaio final de turma do avançado), ocorrido no Estúdio, ato pontual foi observado.

A rua foi utilizada pelos alunos não apenas para estacionamento, mas houve nela uma interação entre eles (e alguns flanelinhas que surgiram oportunamente em vista do festejo). A parte externa foi usada. Os alunos ficaram na porta, conversando, alguns encostados em carros na direção do Estúdio, mas imediatamente em frente a porta de entrada, na calçada. Era um dia de festa e existia um segurança na porta. Ou seja, na presença de segurança, a rua é ocupada pelos alunos que inclusive, interagem com certo conforto (embora nem tanto), visível em suas posturas, não tão tensas, não tão relaxadas. A rua estava escura, clara apenas na entrada do Estúdio. Medo foi sentido por alguns visitantes (outros sujeitos surgidos na ocasião, familiares de alunos, amigos etc) no ato de estacionar e “desestacionar”. O estranhamento dos alunos à rua, mesmo “estacionada” cotidianamente, é refletido por seus familiares em sua primeira “estacionada” no lugar. Figueiredo e Cavedon (2012, p.231) colocam que a “ocupação física produz engajamentos corporais que demarcam a presença e a pertença aos ambientes comuns e criam vínculos identitários para indivíduos e grupos. Os alunos não ocupam fisicamente o espaço da rua, portanto, não criam vínculos com e neste espaço, não espacializam.

Retomando a análise da apropriação plural estabelecida na rua por Foco e os demais ocupantes, torna-se importante neste momento evidenciar que não é a Organização como um todo que se apropria, é parte dela, por uma tentativa, por práticas que asseguram espaços para a Organização, mas que não é efetivamente usado já que nem todos ali o fazem. Garantem o espaço necessário para o exercício das atuais funções e práticas internas. Estas práticas, à medida que a Organização amplia-se fisicamente em vista do espaço do Estúdio e do possível intercâmbio pela própria prática do caminhar entre estes espaços precisará ser aprimorada por Foco, em um exercício de ampliação a segurança do local e mudança da visão dos alunos em um ganho de confiança na vizinhança, que cada vez mais se desvenda.

Os alunos são as lentes que permitem observar até onde vai e como se faz a apropriação do lugar da rua pela Organização, até onde a Analógica consegue espacializar. São lentes porém que, por outro lado, mas que oferecer um outro olhar, sentem-se olhadas, observadas, o que é explícito pela maneira como entram e saem rapidamente de seus carros. Há uma sensação exterior de vigília, o que instaura um medo em praticar o fazer na espacialidade de “outros” da rua e que por isto, talvez “próprios”. Outros que talvez instaurem sua ordem, no vigiar.

Os alunos transformam porém, as vizinhanças culturais em espaços. Estas vizinhanças os alunos espacializam, usam, apropriam, alteram por suas práticas de

aprendizagem, como descrito a seguir. Estes pouco sabem ainda sobre a vizinhança funcional, como prática exclusiva dos ocupantes funcionais da Analógica.

#### 4.3.1.5 Os coletivos: grupos mais autônomos de relações menos diretas

Outro grupo de interessante observação, este assumidamente um grupo, é a união de artistas em atividades fotográficas que surgem de relações com a Organização. São ex alunos, amigos, familiares, conhecidos, em suma, fotógrafos que unem-se para manter práticas artísticas e fotográficas. Os Coletivos são reuniões de pessoas comuns em práticas artísticas. Um destes grupos foi observado em campo, pois, integrantes frequentam, possuem relações artísticas com a Analógica. Este grupo faz intervenções urbanas por meio de fotografias, inserem elementos artísticos em lugares urbanos, na tentativa assumida de espacializá-los. Possuem práticas artísticas consideradas táticas, pois seus modos de ações, *a priori*, subversivos. São assumidamente grupos que buscam alterar a ordem cultural estabelecida por meio de sua arte, tentando arranjar para si um lugar ocupado por técnicas de produção cultural dominantes.

Como se vê diferentes grupos desempenham diferentes apropriações em um mesmo sistema de configurações de posições de lugares, os espacializando ou não. Pelo ponto de vista da Analógica e pensando em seus integrantes, há agentes cujas intenções de estabelecimentos de espacialidades são mais claras que outros.

A espacialização feita por Foco é ainda restrita à instauração de uma vizinhança pacífica, que permita a utilização do local e a circulação de seus alunos sem riscos a suas partes e mesmo à Organização. Isto fica claro ao se observar que mesmo a Organização não realiza muitos esforços no sentido de propiciar o uso externo por alunos. Na realidade, ela não realiza estes esforços e ainda, de certa forma, acaba por coibi-los. Cabe pontuar o “espere do lado de dentro” (Foco, Obturador, Diafragma, Notas de campo, 2014). O uso de um segurança para as ocasiões de deslocamento, reforça à necessidade de segurança, por maiores que sejam os esforços de Foco em seus contratos externos com sujeitos do entorno. Cabe lembrar que, como espaço público, apesar de uns sujeitos inserirem-se na circunferência relacional direta da Organização, física e simbólica, há uma espacialidade maior que insere a rua e que permite, por gesto público a “passagem” ou a prática da cidade por outros grupos ou agentes com diversificadas intenções, lembrando ainda que a área é caracterizada por ser um uma área de conflitos que envolvem a falta de segurança.

Uma área degradada por usos e desusos de variados grupos. Estando alguns grupos como as Ongs e mesmo a Analógica trazendo usos socialmente mais regenerativos.

Há assim um relativismo que deve ser levado em conta no que tange a análise espacial da Organização, constituída também por diferentes agentes, intenções e usos. Há a instauração diferenciada de tentativas espaciais, de apropriações que podem denotar uma apropriação externa simbólica por alguns dos grupos, principalmente pelo líder.

Foi relatado por alguns informantes que há intenções de transformação da rua no esforço de “revitalizar”. Diria que há uma tentativa sutil de transformar em lugar próprio, com uma apropriação mais efetiva. O revitalizar pode advir de forma estratégica, uniformizante e racional, como em aspectos de gentrificação e partir de agentes de querer e poder que constituem uma ordem, ou pode advir de agentes como a Analógica, por meio de práticas específicas de espacializar. Práticas estas que não possuem ainda um caráter estratégico, mas sobremaneira tático, por suas maneiras astutas de fazer, que não chegam a constituir ou a representar um próprio em relação aos demais agentes. Não parece haver imposições de ordens e sim contratos de parceria e boa convivência, contratos de vizinhança, nem íntimos, nem anônimos.

As relações estabelecidas aqui, diferentemente das relações estudadas por Mayol (2011) constituem-se pela ordem funcional e econômica, ou seja, são agentes que estão ali presentes para desempenharem interesses profissionais, ocupações e atividades com ganhos. Não é um simples “morar”, (apesar das considerações sobre os moradores dali) mas é um “ter que conviver” escolhido pelos agentes por diferentes razões. Mesmo no “morar” há uma funcionalidade que integraliza a vida organizacional à pessoal, no caso do artista, quem escolheu aquela localidade também pelos objetivos contextuais, aqueles relacionados as espacialidades sociais dali e suas maneiras de ver o mundo, na tentativa de transformação. O artista se integra ao invés de se segregar e o faz com parcerias organizacionais e pessoais.

#### 4.3.2 O organizar das práticas espaciais cotidianas de vizinhanças

Tendo sido feita a explanação dos agentes que relacionam-se em práticas espaciais com a Organização, o que se fez necessário para esclarecer características que denotam jogos e relações de poder e maneiras ou estilos de uso, parte-se para a descrição e interpretação das práticas propriamente ditas, conforme objetivo geral deste estudo. Vale lembrar que as práticas espaciais são “manipulações sobre elementos de base”, “uma ordem construída”, “desvios relativos” do sentido literal criado pelo sistema urbanístico

(CERTEAU, 2013, p.167). Nas práticas espaciais, o espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas” (CERTEAU, 2013, p. 168). Assim, nem tudo é espaço, ou práticas de espaço.

Nem tudo é fotografia. Como coloca Foco, “esse bombardeio de imagens não é um bombardeio de fotografias. Fotografias são produzidas, pensadas, preparadas, advém de composições. Contam histórias, traduzem e geram muitas palavras” (Notas de campo, 22 de Julho de 2014).

Nem tudo é prática. Pensado as práticas assim, como modos de fazer, operações, ações ou atividades desenvolvidas por sujeitos, (os sujeitos descritos acima) situadas em espaço e tempo específicos (como construídos na contextualização histórica à atualidade em questão) e que dispõem, portanto, de uma regularidade, serão expostas as práticas observadas em campo e que correspondem ao objetivo principal deste estudo. O caráter destas práticas, se táticas ou estratégicas será também relativizado.

Vale pontuar que muitas práticas interessantes foram observadas dentro do espaço organizacional limitado fisicamente da Analógica, mas não servem as análises objetivadas aqui. Serão expostas as práticas da organização que imbricam-se com o espaço urbano ou em outras palavras, as práticas espaciais organizacionais, que, à luz de Certeau (2013), apropriam lugares, transformando-os em espaços, práticas estas de apropriação específica, chamadas aqui de práticas de vizinhança.

A vizinhança é aquilo que, segundo Mayol (2011, p.43) não é “nem íntimo, nem anônimo”, trata-se de uma relação política entre sujeitos que convivem por sua proximidade física, traduz assim uma proximidade relacional. Segundo Certeau (2013) as práticas táticas e estratégicas, estando exteriores à organização, atuam como bricolagens aos processos cotidianos organizacionais (CERTEAU, 2013). Estas práticas exteriores (táticas ou estratégicas) da organização, são chamadas aqui de práticas de vizinhança pois instauram-se como bricolagens aos seus processos por estarem relacionadas diretamente ao espaço organizacional que envolve o bairro.

Neste sentido, considereei apropriada a criação conceitual de três usos diferenciados para o termo vizinhança nesta pesquisa: tem-se o conceito de vizinhança física ou direta, o conceito de vizinhança cultural e o conceito de vizinhança funcional. A vizinhança física ou direta trata-se das práticas diretamente ligadas ao espaço da rua e ao entorno onde está a Organização, a vizinhança cultural insere-se nas práticas culturais instauradas nos bairros, mas possuem relações por aspectos e imbricações culturais, não necessariamente físicas (embora pertinentes ao mesmo bairro) e que dizem respeito a

relações de troca institucionais e motivadas pela arte, já a vizinhança funcional se refere à práticas pertencentes ao espaço dos bairros mas que se estabelecem diretamente pela necessidade de trocas funcionais específicas da lógica racional e instrumental da organização em estudos.

As práticas trabalhadas aqui, são as atividades de sujeitos, os sujeitos da organização, feitas de forma consciente ou inconsciente e que oportunizam a utilização ou apropriação de locais, por meio de certas relações, para o estabelecimento de outras relações organizacionais que se pretende desenvolver. Práticas estas que originaram-se a partir do momento de implantação da organização e mantem-se em vista de condições sócio espaciais específicas pertencentes aos bairros onde a organização se insere e mantem relações mais profundas, práticas estas ainda que, poderiam mudar em vista da mudança destas condições espaciais e temporais específicas, mas que possuem ocorrências ocasionais. Elas começam e terminam em dadas ocasiões e por dadas razões, mas mantem-se como cotidianidade organizacional. Dizem respeito às tentativas da organização de estabelecer formas de proteção para seus ocupantes, contribuindo para a formatação de novas espacialidades, como será discutido e que organizam novos usos e relações a outros espaços já existentes, dando caráter de apropriação. São práticas ainda que instauram-se nas necessidades organizacionais mas que colocam-se no espaço dos bairros. Tais práticas denotam a politização de práticas por operações estratégicas e táticas em meio as relações à medida que fornecem pistas de quem possui ou não um poder ou determinam uma ordem.

#### 4.3.2.1 Vizinhança física: Práticas de segurança e de trabalhos sociais no espaço da rua

Conforme descrito anteriormente, uma primeira localidade observada foi a rua onde se situa a Organização. Nela são desenvolvidas práticas, descritas a seguir, por diferentes grupos de sujeitos que relativizam sua análise enquanto lugar ou espaço. Tendo como ponto de partida, a Organização, seus sujeitos a utilizam de duas maneiras, com uma apropriação direta no desempenho de práticas, transformando a rua em um espaço, outra não apropriação, transformando a rua em um lugar, isto ficará mais claro a seguir.

A rua paralela a rua da Organização, nas imediações traseiras é também esquina de um Órgão Público que estabelece uma espacialidade diferenciada e sazonal, estabelece por sua ocupação certa sensação de segurança durante o dia e semanalmente, e um vazio

durante a noite e nos fins de semana. Uma espacialidade apenas alterada quando da presença de uma feira de roupas, que altera totalmente os usos do lugar e espacialidades ali estabelecidas. São momentos quando se pode e, se deve, em vista do consumo, passar ou estar sem a sensação e insegurança transmitida pelas características do local e relatadas em campo.

A rua da Analógica e intermediações significam algumas informações pela forma como são “moradas”. Elas não são habitadas por uma população, mas o são por dois usos muito específicos e distintos em si, um uso racional e formal e outro marginal – por estar à margem, frisa-se. Há um morador, um artista, em um espaço interno, em sua casa funcional – uma casa-ateliê e, outros moradores, moradores na rua, no espaço externo, o que os caracteriza popularmente como moradores “de rua”. Tanto o artista quanto os moradores de rua transformam o lugar da rua em espaço, em suas práticas de morar e trabalhar, e ainda pelas relações de vizinhança que desempenham, em torno da Analógica. Pensando ainda em ocupação física, a rua é mais a frente, lugar de um espaço de eventos e espacializada em direção oposta por Ongs que trabalham com reciclagem de materiais, motivo este de estar presente naquela rua catadores e caminhões.

Certeau (2013) dedica especial atenção à prática sociológica do caminhar, como uma prática que transforma um lugar em espaço, ou seja, em lugar praticado. Chamou atenção no campo os diferentes usos da rua pelos sujeitos que nela apresentavam-se. Esta centralidade está próxima a um conjunto habitacional considerado perigoso na cidade, como dito na contextualização histórica dos bairros do Centro e Praia de Iracema, a comunidade do Poço da Draga. Há ainda sujeitos tidos como usuários de drogas nas intermediações e arredores da localidade, sendo estes também passantes da rua em questão, além de passantes escolares. Alguns destes fatores, a partir de conhecidos, contribuíam para a sensação de insegurança ao chegar e sair do curso como aluna e pesquisadora. Estas informações fazem parte também de minha etnografia de rua e de conversas com os informantes da pesquisa.

Outros grupos que apresentam-se nesta rua são os sujeitos organizacionais da Analógica, com diferentes tipos de uso deste lugar, com diferentes traduções em espacialidades.

Esta rua, por suas formas de usos e apropriações aparenta assim, em suma, ser um lugar ignorado pelas técnicas de produção sociocultural mais amplas (CERTEAU, 2013), um não-espaço para a ordem racional que seleciona lugares de produção na cidade Fortaleza. Torna-se assim um lugar ocioso (LEITE-DA-SILVA, 2007) e portanto,

permitindo outros diferentes tipos de apropriações. Acaba por permitir a criação de um lugar de estabelecimento de uma outra ordem própria, lugares de transgressão.

Neste espaço há experiências que se desenvolvem entre o espaço privado da organização e o público. Magnani (1991, 1984) chama assim espaços intermediários entre os quais se desenvolve uma “sociabilidade básica”, mais ampla que a fundada nos laços familiares (ou na organização), porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Para Mayol (2011) é o espaço do “nem íntimo nem anônimo”.

Conforme descrito sobre a rua onde se situa a Organização, alguns elementos observados sugeriram à princípio, uma rua aparentemente insegura, como o perfil de frequência já descrito, a própria aparência de abandono público e privado do local, além das informações prévias recebidas por pesquisas. Com o tempo a sensação de insegurança, tornou-se insegurança real pelo cotidiano em campo e pelo observado por falas claras e por práticas da organização na tentativa de estabelecer proteção para seus usuários. Tem-se assim um espaço diretamente exterior a organização com condições de uso específicas e que interferem diretamente na cotidianidade organizacional.

Em relatos sobre o início do negócio, Foco conta que, ainda na estruturação física da Analógica, precisou estabelecer relações específicas com os sujeitos ali presentes, moradores de rua de arredores e outros usuários do espaço da rua, como os catadores. Foco conta que precisou fazer negociações. Estas negociações eram feitas para manter a limpeza da rua, que hora ou outra servia de depósito de lixo, principalmente quando chegou ao local, ou mesmo para manter a segurança dos frequentadores da Analógica, pois a rua possui em seus entornos moradores de rua, e passantes alguns usuários de droga da região. O termo “trabalhos sociais” é citado por Foco ao nomear estas negociações, pode-se dizer que são práticas de trabalhos sociais. Como algumas das ações que compõem esta prática: a construção de um banco na calçada à frente da Analógica (figura 9) para servir de descanso para trabalhadores usuários da rua, um local que servia antes como depósito de lixo; o oferecimento de alimentos ou bebidas em momentos de eventos na Analógica, o pagamento de valores para que os usuários da rua, não pertencentes à Analógica, deixem a rua limpa ou ajudem no transporte de algum objeto, contribuam com alguma obra etc. É o “dar um trocado aqui, outro ali, mas sempre na troca, como pagamento de um trabalho realizado” (Foco, Outubro de 2014). Há a motivação clara no discurso, de deixar o entorno da organização limpo, fazendo além, benfeitorias para os já frequentadores do espaço. Com estas práticas Foco “emprega” informalmente sujeitos



presentes no espaço urbano e que não possuem ocupação fixa ou dispõem de tempo livre para tal, o que é possibilitado pelo “estar-aí” destes sujeitos. Com isto, há a extensão de atividades profissionais da Organização em espaço urbano.

Quanto aos trabalhos sociais, segundo Foco, outras instituições realizam trabalhos sociais naquela localidade, como a Santa Casa que distribui sopas geralmente à noite para os moradores de/na rua, além das Ongs ali presentes. Há assim uma espacialidade em torno da Analógica que denota certo contexto social, relacionado a carência de condições de vida de moradores/usuários, alguns moradores de/na rua bem próximos, outros pertinentes à região, exercendo, algumas instituições ou mesmo a Organização em estudos, práticas de auxílio, seja doando alimentos ou oferecendo ocupações que garantam uma troca financeira. O trabalho social é feito pela Analógica também em outras ocasiões, como no evento de Natal, ocasião esta que solicitou dos alunos e frequentadores da Organização que levassem leite em pó para doação.

Outro caso diz respeito a momentos de eventos no espaço de eventos, ocasião noturna, quando a rua serve de estacionamento. Este fator gera dois problemas para a organização, a ocupação da rua por muitos carros relacionados a frequência destes eventos (reduzindo espaços para carros de frequentadores da organização) e o surgimento de sujeitos, alguns alheios ao cotidiano local, querendo cobrar para vigiar os carros, o que ocorre indiscriminadamente para frequentadores do evento e da organização. Nestas ocasiões, Foco contou que, no início, precisou contar com a ajuda dos moradores do entorno, aqueles sujeitos de estabelecimento de parcerias de convivência prévia, como uma forma de proteção contra estes novos sujeitos ou mesmo negociar com estes sujeitos para que não fossem feitas cobranças para os frequentadores da organização. São formas de resolução de conflitos espaciais, com a vizinhança na ausência de acordos institucionais.

Estas práticas, no que dizem respeito ao espaço da rua, denotaram duplo sentido. Além da intenção dos trabalhos sociais, elas emergiram como produzidas também pela necessidade de manter a segurança de usuários da Organização e da própria Organização em sua cotidianidade, na chegada e saída dos sujeitos ou mesmo em sua permanência na Analógica. De forma a corroborar esta informação, retoma-se que a Analógica dispunha de um segurança, que além de outras atividades organizacionais, durante as tardes e principalmente para as atividades noturnas, acompanhava os alunos no seu trânsito entre seus carros estacionados, à Analógica, o mesmo para o retorno.

Quando perguntado sobre a questão da segurança no local, dúvida que surgiu desde os primeiros momentos em campo, como relatado, Foco dizia que realizava trabalhos sociais mesmo como forma de garantir um bom convívio com os outros grupos já ali existentes em sua chegada. “Tem trabalhadores, a gente ajuda, faz uns trabalhos sociais, chamamos de trabalhos sociais, mas a gente faz também para que eles não mexam com o pessoal da “Analógica”” (Foco, Outubro de 2013 – Notas de campo).

Vale exemplificar como fato interessante e que ocorria comigo em campo diversas vezes. Ao sair, muitas vezes esperava minha carona de carro ou taxis na porta ao lado de fora da organização. Nestas ocasiões era chamada atenção principalmente por Foco e Obturador para aguardar na parte de dentro por causa de questões de insegurança. Isto se repetia algumas vezes, pois, para não deixar a carona ou mesmo os taxistas aguardando e correndo riscos de assalto, ficava na porta para avistar a chegada e sair com maior pressa.

Estas práticas possuem um movimento em sua efetivação de fora para dentro da organização, para trazer retornos à organização no que tange a sua sobrevivência naquele lugar. Observam-se as práticas sociais como práticas que trazem retornos simbólicos para a organização, no “sentir-se bem” por ajudar, mas que trazem retornos diretos para os sujeitos que recebem as doações, havendo um movimento de dentro para fora da organização.

Ao ser questionado sobre a segurança da localidade, um dos professores, o Flash, em entrevista, disse: “Fortaleza é toda insegura”, mas aquela localidade, especificamente oferecia uma resistência pelas apropriações dos artistas em uma tentativa de revitalização da área. Há um engajamento político também na escolha do local (Notas de campo, 2014).

Ambas as práticas, que podem ser chamadas de práticas de segurança e práticas de trabalhos sociais porém, estão relacionadas ao contexto da Organização, ao entorno ou ao lugar onde se situa, que por estas práticas, transformam este lugar em lugar praticado, em espaço. Há nestas práticas estilos de ação, formas de uso ou estilos de uso. Há um jeito presente na figura do Foco que proporciona a efetivação destas negociações, como descrito anteriormente.

Estas práticas denotam a atuação da Organização, em práticas que não seriam, *a priori*, suas responsabilidades funcionais. Manter a segurança da organização por um controle social relativo do entorno, a partir de práticas que instauram uma boa convivência podem ser vistas como táticas da Organização na ausência de instituições de poder e querer na manutenção da segurança pública, posto que estas situações evidenciam a presença de uma força, efetivada pela sensação de insegurança, observada nos

panopticos sentidos, o que parece ser uma ordem no local. Oferecer trabalhos ou outros benefícios constituem estas astucias organizacionais. São metamorfoses da ordem dominante, “faziam-na funcionar em outro registro. (...) Modificavam-no sem deixá-lo. Procedimentos que conservam a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante (CERTEAU, 2013). Estas práticas traduzem “lapsos da visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história (CERTEAU, 2013, p.160) a medida que trazem à tona conflitos sociais.

Estas práticas são consideradas táticas pois precisam ser constantemente reafirmadas no dia a dia, dependem de um tempo, de uma ocasião, elas apenas utilizam, manipulam e alteram o espaço, não chegando a produzi-lo, mapeá-lo ou a impor-se. A Organização não chega a criar ou possuir um poder, ou a instituir um espaço que garanta a segurança de todos constantemente, ela apenas joga de forma astuciosa e depende das ocasiões. Se fossem sujeitos de práticas estratégicas neste caso, poderiam efetivar uma apropriação de diferentes maneiras, com transformações espaciais mais marcadas em vista de posses financeiras, por exemplo. Poderiam articular “obras urbanas”, assegurar a maior ocupação policial, efetivamente segregando e excluindo os sujeitos que ali existissem e fossem indesejados, por meio de políticas e negociações institucionais. A negociação na prática da Analógica, se dá ao nível micro, dentro do jogo, dentro de uma ordem transgressora. São “contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários” (CERTEAU, 2002, p.44).

Fazendo uma analogia com a fotografia, um dos grandes pontos citados em palestras ou nas aulas, principalmente quando o assunto eram os Retratos (ou *Portraits*), é a necessidade do fotógrafo estabelecer relações, ou melhor, a “troca” com o objeto a ser fotografado, caso contrário não há como resultado um retrato e sim uma foto roubada. Esta fala vem inclusive de alguns dos grandes fotógrafos, incluindo os fotógrafos nacionais que estabelecem relações diretas com a Organização. A troca ou a relação com o sujeito a ser retratado é o grande diferencial para se conseguir fotos íntimas, mais fiéis na narrativa visual que se pretende esboçar. A troca se evidencia como grande prática tática da organização e que garante ao mesmo tempo sua segurança e um sentimento de contribuição social.

Apegamo-nos às expressões, e não mais ao que elas exprimem; aos benefícios de uma adesão, mais do que à sua realidade. A defesa dos “valores”, ao privilegiar o serviço que eles prestam a um grupo, já desmente o que proclamam; ela os dá por perdidos a partir do momento em que os justifica na qualidade de um benefício (CERTEAU, 2012, p.27).

Cabe porém uma consideração com relação as práticas de trabalhos sociais. Neste caso, a Analógica é possuidora de bens ou pode conseguir em vista de relações, bens doáveis, se achando na posição de doadora. Neste sentido ela coloca-se como possuidora, sendo o outro, aquele que recebe a doação, o que precisa ser ajudado. Neste sentido, a Analógica instauraria uma ordem estratégica, tem um lugar próprio de atuação. Trataria-se de uma estratégia da Organização, que não negligencia o benefício simbólico por ela sentido na condição de doadora, mas que contribui para interesses espaciais da Organização. Observa-se que a Analógica possui uma postura mais reativa quando se fala em trabalhos sociais e mais defensiva quando se fala em segurança. No entanto, há nesta análise a necessidade de observação do confronto entre duas racionalidades: uma parece estar orientada por ações ou práticas com valores substantivos, inerentes à razão substantiva, independentemente da economia de mercado (trabalhos sociais no sentido de ajudar); e ações orientadas pela racionalidade formal, em que o cálculo utilitário de consequências no estabelecimento de relações meio-fim constitui o princípio norteador (práticas de segurança na tentativa de se proteger). Embora exista um cálculo utilitário ele é feito sob condições de submissão a uma ordem. Ambas porém atuam no sentido de resguardar a Analógica certa segurança e a conquista de um respeito local. São formas de se apropriar, de instaurar um lugar no outro, são formas táticas que tentam e conseguem uma margem de espacialização para a Organização.

Ambas poderiam ser analisadas porém, como práticas estratégicas? Neste sentido, a organização seria o sujeito de querer e poder, teria capacidade de imposição neste lugar. A imposição elimina aqui os esforços praticados por Foco, as astúcias e as criatividade no lidar com os demais sujeitos. Ele não tem propriedade sobre as ações destes indivíduos de forma ampla, nítida, ele negocia, ele usa e mobiliza.

Tem-se assim duas práticas – Segurança e Trabalhos Sociais, que, imbricam-se não apenas pelos sujeitos, mas pelas práticas em si, polissêmicas. Dar trabalho e doar, constituem-se como arranjos da organização em suas práticas espaciais.

#### 4.3.2.2 Vizinhança cultural: Práticas de aprendizagem e de exposição - dos pequenos e individuais passos ao caminhar coletivo pela cidade.

Outras práticas não efetivadas no entorno físico direto, mas com sujeitos diretamente ligados à Organização, foram observadas, iniciando-se internamente, com os

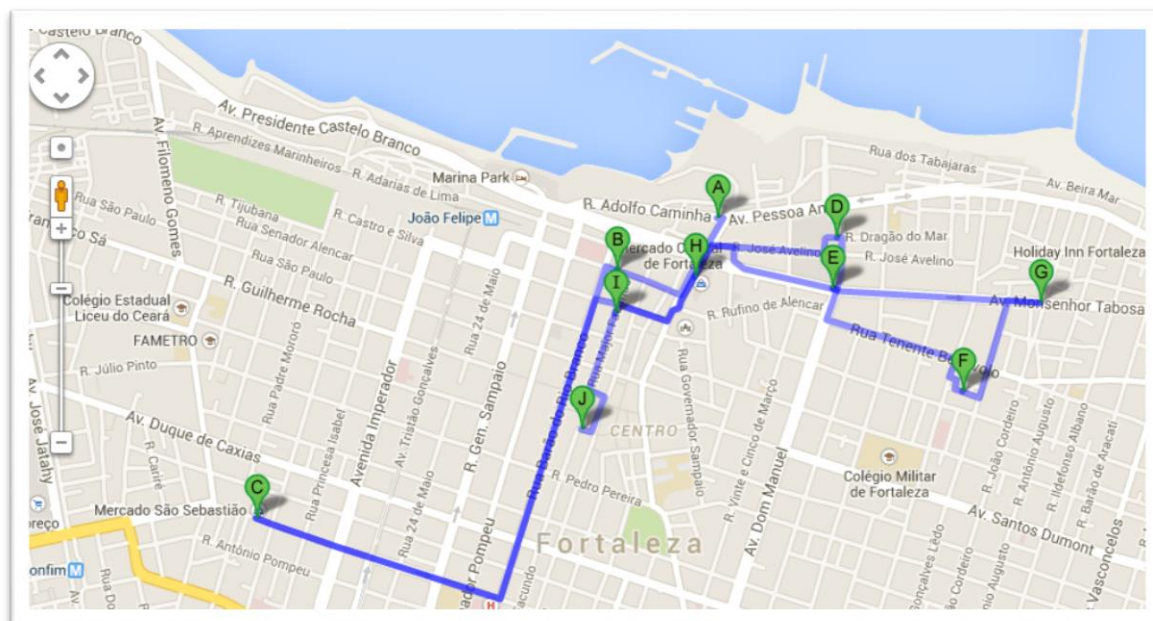
sujeitos organizacionais e contribuem para a ampliação de um espaço organizacional simbólico em outros espaços do ambiente citadino, fortalecendo vínculos e trocas. Elas ampliam a extensão relacional.

Pensando no conceito do “nem íntimo, nem anônimo” (MAYOL, 2011), a Analógica desenvolve relações institucionais por meio de práticas artísticas ou pedagógicas, como pontuadas a seguir, com centros culturais, museus e espaços para eventos. Desenvolve ainda usos de espaços públicos não imediatos a sua localização, mas que encontram-se no Centro ou bairro Praia de Iracema, lugares estes marcados pela vivência histórica e cultural descritas anteriormente.

Dentre as práticas artísticas estão as exposições de sujeitos relacionados a Analógica, como amigos, professores, em suma, sujeitos organizacionais por possuírem atividades com a Analógica relacionadas a aprendizagem ou arte. Sujeitos que, por seu desenvolvimento profissional no que tange a arte fotográfica expõem em espacialidades culturais de forma rotineira e levam consigo alunos praticantes da Analógica, ampliando os espaços de visitas destes sujeitos. Há o deslocamento de indivíduos praticantes organizacionais para outros espaços de arte. São espaços de encontro também de sujeitos da Analógica em momentos diversificados. Cabe uma ressalva neste ponto. Tais exposições poderiam ser encaradas como eventos, ou seja, não práticas. No entanto, estas operações passaram a desempenhar regularidade dentre as práticas artísticas da Organização. São práticas de exposição de seu produto fotográfico por sujeitos da Organização responsáveis pelo deslocamento de um mesmo grupo de indivíduos organizacionais para outros lugares, mas que pelas práticas ali desenvolvidas, espacializam em favor da Organização, ampliando seu espaço de práticas.

Outras práticas aqui tidas como pedagógicas são os fotopasseios, descritos a seguir. Os fotopasseios são realizados em praças ou mercados como a Praça do Ferreira, o Passeio Público, o Mercado Central ou Mercado São Sebastião. Estes lugares são espacializados pela Analógica ao levar, rotineiramente, turmas para treino técnico e artístico fotográfico. Estas práticas serão explicitadas a seguir. Vale porém pontuar o uso de lugares, que são públicos, pela organização em atos espacializantes. Os pontos marcados na figura 11 e explicitados na figura 12 são lugares onde a Analógica estabeleceu relações culturais dentro dos bairros Praia de Iracema e Centro, no decorrer do estudo.

**Figura 11: Percurso etnográfico – Imbricação dos espaços organizacionais – relação organização-bairros (cartografia)**



Fonte: Elaborado pela autora – Google Maps

**Figura 12: Percurso etnográfico – Imbricação dos espaços organizacionais – relação organização-bairros (seqüência de descobertas espaciais)**

- |   |   |
|---|---|
| A | Rua A   |
| B | Passeio Público, Fortaleza - Ceará            |
| C | Mercado São Sebastião, Centro, Fortaleza - C  |
| D | Porto Iracema Das Artes - Rua Dragão do Mar   |
| E | Dragão do Mar, Fortaleza - Ceará              |
| F | Praça Pelotas, Centro, Ceará                  |
| G | Av. Monsenhor Tabosa, 740, Centro, Ceará      |
| H | Mercado Central de Fortaleza, Fortaleza - Cea |
| I | Sobrado Dr. José Lourenço - Rua Major Facur   |
| J | Praça do Ferreira, Fortaleza - Ceará          |

Fonte: Elaborado pela autora – Google Maps

Nota: F – Mercado dos Pinhões

G – Fábrica de Negócios

- Práticas de fotopasseios

Fotografar é o objetivo de quem procura a Analógica na condição de curso de Fotografia. Na primeira aula o aluno não precisa necessariamente levar uma câmera, já que nestas são introduzidos os critérios e a metodologia do curso, conceitos sobre a arte e o mundo da fotografia. Nos demais dias porém, a fotografia como prática começa a fazer parte do cotidiano do aluno, seja, em princípio, aprendendo a lidar com seu equipamento, o que significam e fazem seus componentes e elementos, (iso, obturador, diafragma, sensor, lentes, modos de utilização manual, técnicas de iluminação e técnicas de composição), como retirar boas fotografias e fotografias artísticas, sejam elas jornalísticas, de moda, de natureza morta, retratos etc.

Para a prática da fotografia é inerente a necessidade de objetos, ou seja, elementos a serem fotografados, estes sob dadas condições de luz, natural ou artificial, “Fotografia é luz” (Foco, notas de campo, 2014). Assim, são desenvolvidas as “Aulas Práticas”, os chamados “Fotopasseios”, ou os “Rolés fotográficos”, aulas “de fotografia fora do ambiente ou espaço da escola. São aulas de fotografia ao “ar livre” onde as técnicas iniciais, o uso dos elementos fundamentais da máquina e as técnicas de composição e iluminação são trabalhadas “na prática”.

Os fotopasseios ocorrem geralmente no Mercado Central, No mercado São Sebastião, Na Praça do Ferreira e no Passeio Público. No curso que realizei fui como aluna em dois locais, no Passeio Público e no Mercado São Sebastião. Esta escolha do local, diante das opções, e dada em vista de condições de iluminação e por isso são feitas na parte da manhã (aos sábados) e em vista de condições de segurança já que alunos precisam levar seus equipamentos. Estes ambientes possuem condições específicas de iluminação, o Passeio Público e a Praça do Ferreira são atividades ao ar livre e possuem maior iluminação natural, já o Mercado Central e o Mercado São Sebastião são ambientes de menor iluminação natural, além de ambientes com objetivos ou motivos diversos para facilitar o uso da criatividade dos alunos na criação de seus ensaios ou testes fotográficos. Nestas ocasiões vão geralmente dois professores para uma turma que varia de 8 a 12 pessoas. Os encontros são marcados antecipadamente para que os alunos compareçam diretamente nos locais. Destes encontros podem resultar outras interações, como almoços que fortalecem vínculos entre o grupo, ou não.

Na ocasião de meu primeiro Fotopasseio, no Passeio Público, estava, como todos os demais alunos, ansiosa, tinha uma série de expectativas quanto às fotos e técnicas. Pude perceber a ansiedade dos colegas pois, todos literalmente cercam os professores “coitados! Não param um segundo, devem chegar em casa mortos” pensei (notas de

campo, 2014). São passados pequenos exercícios para treino de técnicas específicas: “Neste primeiro exercício quero que vocês treinem o uso dos três itens básicos, sensibilidade, velocidade e entrada de luz”, o aluno precisa saber que se trata de iso, obturador e diafragma, precisa já ter feito seu dever de casa. Em seguida estas fotos são mostradas e novos exercícios são passados: “Treinem a distância focal” (Notas de Campo, 2014).

Recordo que a Técnica do “*panning*” era a mais perseguida pelos alunos, que trata-se de um efeito ótico onde é possível manter um objeto em movimento em foco. Nesta técnica o fundo fica borrado e o objeto em movimento focado, parado. Para isto é preciso manter a velocidade do obturador baixa e perseguir o objeto movimentando o corpo. Tarefa complexa pois com a velocidade do obturador lenta qualquer movimento deixa a foto tremida, desfocando o objeto. Daí são necessárias técnicas, como manter a máquina em cima de um suporte etc. Boas máquinas também são necessárias, pois, aprende-se que isto também depende da abertura do diafragma e para isto precisa-se de equipamentos com menores limitações. O *panning* é um grande exercício de aprendizagem pois solicita a utilização de várias técnicas em conjunto, para isto, são necessários além, objetos em movimento, como carros, presentes na rua.

A iluminação natural na parte da manhã, com as sombras presentes no ambiente, o movimento do vento e os efeitos que causa nos objetos, todos estes fatores são também necessários. Para o exercício da focalização e dos retratos, como dito, é necessária uma interação com pessoas, desconhecidas ou não, o que envolve diferentes graus de dificuldade interacional.

A prática é compreendida como o lócus do conhecimento, onde toda a aprendizagem acontece (GHERARDI, 2009). Um saber, desenvolvido a partir da observação e do exercício da prática, que não está dissociado do fazer. Um conhecimento a partir do exercício das práticas fotográficas. Quanto ao saber Certeau (2013) pontua que se faz de muitos momentos e heterogeneidades, algo sem um lugar próprio, constituindo-se em uma memória cujos acontecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desafiando as suas singularidades. Ele “introduz uma duração nas relações de forças, capaz de modifica-la”, algo que se revela em momento oportuno, de maneira ainda temporal, de maneira ocasional (CERTEAU, 2013, p.146). Há um caráter tático neste tipo de apropriação.

O que se retira ainda desta prática do fotopasseio é a necessidade de utilização de espaços diferenciados para o treino fotográfico, para as técnicas de aprendizagem, com



elementos não necessariamente contidos dentro do espaço do curso. São momentos muito ricos de aprendizagem e momentos ricos também em interações, pois as dificuldades, os treinos e os exercícios aproximam alunos e professores. Aproximam além, alunos de espaços muitas vezes não utilizados por eles em seu dia a dia. Assim foi comigo e com colegas. Descobrimos ou redescobrimos novos usos para espaços públicos não muito frequentados.

As praças, como espaços de lazer, descanso ou fruição para a correria do dia a dia, muitas e muitas vezes lugares apenas de passagem, ganham a utilidade de grandes espaços para a prática fotográfica. Elas deixam de ser apenas um “estar-ai” para ser um “ser-ai. O Passeio Público ganhou novo sentido para mim, como moradora e usuária do espaço da cidade como um local de práticas, práticas fotográficas, local onde desenvolvi novos sentidos e interações, o que pude perceber também por relatos de colegas. São momentos que ficaram marcados e uma confiança foi também estabelecida, pois pude perceber que ali, não seria assaltada e que o espaço é um espaço de interações que eu, como passante apenas, não conhecia. Foram desenvolvidas afetividades e curiosamente a sensação de um uso tático. Senti que, como uma “ordem” presente na cidade, principalmente naquela centralidade, de insegurança, desenvolver aquelas atividades tratava-se de um ato de resistência.

Afinal de contas Flash tinha sido um a falar especificamente do caso de roubo de máquinas de fotógrafos em suas práticas pela cidade. O fotógrafo e professor Silas de Paula, em palestra, na semana de fotografia na Analógica (semana de várias palestras de profissionais da área), havia já contado uma ocasião quando quase foi assaltado na Beira Mar (ponto turístico tradicional) após ser premiado em um concurso internacional de fotografia com uma Leica (uma das máquinas mais caras). Este mesmo havia dito que procurava a Praça do Ferreira, como o Centro da cidade, pelo fato de existir muita gente, eram locais onde os roubos eram menores (ou quase não existiam). Relatos contraditórios a parte, melhor não arriscar muito, certo? A sensação persiste.

“Estou aqui sim, e estou aqui com uma máquina fotográfica cara em mãos, estou também com meu celular, cartões, dinheiro e etc” (Notas de campo, 2014). Parecia que estava estabelecendo um eu no lugar do outro (da insegurança) ou um outro (eu) no lugar do eu deles (dos sujeitos que roubam ou furtam). Pela prática da fotografia nestes, estava, mais que “estando” em um lugar, o exercendo, o praticando, como assim deveria ser desde sempre, mas não o era em vista da sensação de insegurança.

E assim ocorre com os demais lugares praticados de fotopasseios, com os demais espaços. Estive como aluna em apenas mais um espaço, o Mercado São Sebastião. As demais visitas foram como pesquisadora. Foram novas descobertas e interações. A prática do Retrato resume. Criar identificação pela ocasião com pessoas desconhecidas e que estavam trabalhando foi, além de divertido para mim e para estas pessoas, um exercício pessoal de descobertas e identificações.

Alguns alunos já conheciam melhor estes espaços e não possuíam a sensação de insegurança que rondava à princípio, mesmo assim, temiam por seus equipamentos. O Discurso da Analógica é: “Fiquem tranquilos, estaremos juntos e são locais onde é possível fotografar, são seguros, já estamos lá fazendo isto há muito tempo” (Foco, notas de campo, 2014). O fato de estar há muito tempo praticando os fotopasseios nestes lugares, os espacializa para a organização. “Ah, é o pessoal do curso de fotografia” (Trabalhador, Notas de campo, 2014) diziam os trabalhadores do Mercado ao ver aqueles jovens com máquinas nas mãos tirando fotos todo o tempo. Suas máquinas eram seus rostos. Não eram rostos, na verdade, eram máquinas fotografando. Apontando em diferentes direções, fazendo diferentes poses, agachando, subindo em lugares, chegando perto e longe de pessoas e coisas, de formas e frutas, de cores e sabores, de odores e texturas, de sorrisos ingênuos ou de rostos marcados em suas expressões fixas com marcas do tempo e do trabalho. Eram jovens cercando homens que pareciam saber mais (os alunos cercando os professores), em seus pedidos de exercícios e demonstração de seus feitos fotográficos, em busca de questionamentos e elogios. A crítica e o ego, a sensualidade e o desejo, a ingenuidade e a sabedoria. Era uma atmosfera que espantava a insegurança (talvez por mesmo, não existir) e estava repleta de possibilidades, de criatividade, de usos, de espaços, de práticas. São astúcias em uma prática de confrontar o comum, a normalidade de visões e imposições, jogos de sensibilidade, golpes no cotidiano, operações de caça ao intimismo dos lugares, de encontro de espaços, são práticas de arte fotográficas, presentes nas práticas dos fotopasseios. Operações espacializantes.

São os fotopasseios assim operações, práticas de aprendizagem que acabam por espacializar lugares. Espaços estes que toram-se também de uso frequente da Analógica, a ponto de nestes, ela ser já identificada como frequentadora pelos outros sujeitos que ali usufruem cotidianamente. Os fotopasseios são assim ocasiões de interação dos alunos com a cidade e seus sujeitos ordinários. Os fotopasseios instauram-se como práticas táticas no que tangem ao espaço.

O fotografar na cidade é se apropriar dela, semelhante à prática do caminhar. O traço, deixado, no entanto, pode ser visto por outros sujeitos na permanência da imagem fotográfica. Nesta permanência há novas formas de apropriação da cidade, sugeridas pela Organização em suas práticas e práticas dos demais sujeitos em suas interpretações particulares, são formas de apropriação da Organização de modos de ver e viver a cidade.

### **- Práticas de exposição da arte**

Além das práticas de aprendizagem como os fotopasseios, que são práticas de exercícios fotográficos que acabam, como dito, por espacializar, há práticas de exposição destas técnicas ou artes por aqueles que se desenvolvem-se mais neste ramo.

Estas práticas são desenvolvidas em locais específicos, não apenas dentro da Analógica, mas em Instituições culturais como museus, centros culturais ou ainda em contexto urbano (como no caso das intervenções, como relatado no caso do grupo Coletivo).

Os sujeitos cujas exposições foram analisadas no decorrer da pesquisa em lugares externos à Organização são alunos ou não, mas sujeitos que mantem relações íntimas pelas práticas artísticas profissionais com a Analógica. São momentos, além de exposição, de discussões de ideias e de práticas do pensar a fotografia como arte ou instrumento de transformação social, urbana etc. Nestas ocasiões há trocas, há interações e há venda e consumo, há captação. Há também expansão.

A Analógica tem crescido como escola e produtora de fotografia na cidade, foi inclusive premiada por uma importante revista internacional de fotografia. Esta característica confere a ela maiores possibilidades no cenário da arte fotográfica na cidade. Ela já tem conseguido estabelecer um próprio e por conseguir estabelecer um próprio ela consegue entrar em espaços disputados para exposições. São práticas estratégicas no que tangem a organização.

As práticas de vizinhança cultural são organizadas em grande parte nas redes sociais de espaços virtuais, na internet. Estes espaços serão chamados aqui de Entreespaços, pela característica intermediária de relações. São espaços que motivam relacionamentos que extrapolam os limites físicos da organização consolidando-se virtualmente, por redes sociais e consolidam novas oportunidades de trocas artísticas e profissionais. A internet (ou rede) é largamente utilizada pela organização principalmente para comunicar as práticas de vizinhança cultural. São por sua vez, práticas

comunicacionais e de relacionamentos. Há um site, e-mail próprio e redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram. Estes servem como grandes veículos na prestação e informações para o público, servindo de espaços de interação, prestação de informações pertinentes à organização (aulas, cursos etc) e também de compartilhamento de conhecimentos sobre artes diversas, principalmente a arte fotográfica. Neste sentido, pode haver dúvidas quanto a classificação por espaço ou lugar, no entanto, entendendo a Internet como produto e produtor de relações sociais mediadas pelo computador, e local de estabelecimento de práticas que relacionam-se com práticas de vizinhança cultural, como descrito a seguir, pode ser visto como espaço de práticas. Certeau (2013) afirma que, nos locais de trabalho, difundem-se técnicas culturais que expandem a reprodução econômica também sob a forma de informações e mecanismos de comunicação. Neste sentido, torna-se interessante atentar às condições de produção das comunicações para além de simples veículos, mas também como práticas.

No decorrer da pesquisa foram divulgados eventos de terceiros em relações culturais com a Analógica por suas atividades de arte, ocorrentes em diversos locais, dentro e fora do Estado ou dos bairros em estudos, conforme quadro 6. Visitei alguns destes eventos e pude constatar a presença de sujeitos comuns. Foi por meio destas práticas de comunicação e relacionamentos que me encontrei com diversos outros sujeitos inerentes ao espaço organizacional em estudos para fora do espaço organizacional delimitado fisicamente pela Analógica. Estas práticas, iniciadas no espaço virtual, ocasionaram encontros e espacialidades físicas em outros pontos da cidade, que passam a ser frequentados pelos sujeitos organizacionais. São locais, inclusive, que servem de espaços para exposição de práticas artísticas da Organização. Por este fator a Internet foi visto aqui como “entreespaço” relativizando sua análise pela importância de constituir-se num espaço de práticas intermediário entre outros espaços tidos como organizacionais.

**Quadro 6: Eventos relacionados à arte e divulgados pela Analógica em redes sociais**

<b>Evento (período)</b>	<b>Data da visita</b>	<b>Dia</b>	<b>Local</b>	<b>Chegada</b>	<b>Saída</b>	<b>Duração</b>
Paraty em Foco (24 à 28/09/2014)	-	-	Paraty (RJ)	-	-	-
Sertões Nomades (7/11/2014 à 6/01/2015)	-	-	Museu do Homem do Nordeste - Recife (PE)	-	-	-
Cine Caolho (10/11/2014)	-	-	Dragão do Mar Fortaleza (CE)	-	-	-

OFFF Festival Design e Cultura Digital (11 à 13/11/2014)	-	-	Dragão do Mar Fortaleza (CE)	-	-	-
Fest Filmes – Festival do Audiovisual Luso Afro Brasileiro (8 à 15/11/2014)	-	-	Fortaleza-Baturité- Redenção (CE)	-	--	-
Cine Ceará (15 à 22/11/2014)	-	-	Teatro José de Alencar, Hotel Mareiro, Porto Iracema das Artes, Casa Amarela Eusélio Oliveira e outros – Fortaleza (CE)	-	-	-
	26/11/2014	Quarta	Dragão do Mar – Fortaleza (CE)	19h	22h	2
Feira da Música (26 a 28/11/2014)	27/11/2014	Quinta	Rua dos Tabajaras – Praia de Iracema – Fortaleza (CE)	19h	21:30	1:30
Narrativas Poéticas (28/11/2014 à 11/01/2015)	-	-	Unifor – Fortaleza (CE)	-	-	-
Linguagem da Fotografia documental (24 à 28/11/2014)	-	-	Vila das Artes – Centro – Fortaleza (CE)	-	-	-
Storytelling em Transmidia (2/12/2014)	-	-	Livraria Cultura – Meireles – Fortaleza (CE)	-	-	-
Exposição de Arte (Rian Fontenele – Pintor)	3/12/2014	Quarta	Galeria Mariana Furlani de Arte Contemporânea - Meireles - Fortaleza (CE)	19h	21h	2

**Fonte:** Elaborado pela autora – Instagram e campo - Analógica.

#### 4.3.2.3 Vizinhaça funcional: os fornecedores

A Analógica, como dito, desempenha relações com seus fornecedores, em suas práticas formais e funcionais cotidianas. Ela vai até eles na busca de materiais para obras, consertos de equipamentos, compras de alimentos etc. Estes estão contidos principalmente no espaço do Centro, fragmentados em diversos locais, dos quais alguns, pude visitar em conjunto com Foco. Estes fornecedores podem ser vistos como pertinentes a um espaço de interações funcionais.

O que ficou desta experiência foram as maneiras de se portar de Foco. Aqui, já tradicionais. Seu jeito de negociar, de correr atrás de preços, de jogar com o corpo está presente no lidar com estes sujeitos. “A gente tem que correr atrás de preço, porque entra difícil e sai fácil” (Foco, Entrevista, 2014). O “entrar difícil” é o trabalho e o “sair fácil é

o valor dos produtos e a frequência com que se gasta. Tem-se o principal sujeito organizacional em sua racionalidade jogando com a ordem econômica na negociação tática de valores, na busca por alternativas. São lugares onde são estabelecidas relações comerciais, funcionais, econômicas que traduzem espacialmente uma Analógica negociante.

Uma das entrevistas foi realizada em meio a visitação de lojas de material de construção, foram três os espaços visitados. Tais locais são tidos aqui como espaços, e estas atividades como práticas, pois fazem parte de atividades e locais de visitação prática, em vista de necessidades internas e nelas são desenvolvidas relações negociações por busca de menores preços, fornecimentos de materiais etc. O entorno mais direto da organização concentra algumas atividades que são também visitadas pelos frequentadores pela oferta de serviços, não oferecidos na rua da organização. Neste caso a Analógica vai até estes espaços. Neste caso, a Organização “passa” por estes lugares. Foram práticas menos evidentes em campo, mas que emergiram por situar a Organização espacialmente em um cotidiano comercial no recorte do bairro, do seu espaço de atuação. São espaços também simbolicamente apropriados por práticas espaciais. Cabe ressaltar quanto a estas práticas em relação a sua natureza tática ou estratégica e pelo viés da Organização. A Organização demonstrou, no jogo de forças negociais com outras Organizações, atuações que a colocaram em posição de não possuidora de poder. Ao não conseguir negociar os preços de forma a atender seus interesses, ela se via obrigada a procurar outros lugares. São lugares constantemente praticados, mas com embates negociais permanentes, não há a instauração de um lugar, embora haja tentativas.

Vale pontuar que há outros lugares praticados pela organização, mas que estão fora do limiar dos bairros, em outros bairros, municípios, Estados ou mesmo País (no decorrer da pesquisa um país foi visitado para um *Job* - fotografias para organizações, campanhas publicitárias, vídeos), de locais de uso mais ou menos frequentes.

**Quadro 7: Síntese do organizar das práticas de espaço**

Práticas cotidianas			Lugares
<b>Vizinhança física</b>	Práticas de Segurança	Práticas de Trabalhos Sociais	Espaço imediato da rua e entorno
<b>Vizinhança cultural</b>	Práticas de aprendizagem (Fotopasseios)	Práticas de	Espaços culturais nos bairros

	exposição artística	
<b>Vizinhança funcional</b>	Fornecedores	Espaços comerciais no Centro

**Fonte:** Elaboração própria

Como se vê nem todas as práticas presentes no espaço usado pela Analógica são práticas da Analógica, portanto, estes não são necessariamente, espaços da Analógica. Há práticas desenvolvidas no espaço usado pela Analógica que são práticas de outros sujeitos, sujeitos que transformam lugares comuns a Analógica em espaços para eles, em espaços deles. E nem todas as práticas da Analógica são práticas de espaço, ou seja, transformam lugares em espaços de seu uso. Há na Analógica práticas não espacializantes e práticas de espaço. São estas últimas que interessam a este estudo. Há ainda na Analógica praticantes e não praticantes de espaços. Quem pratica ou não, e o que pratica e onde, define o alcance das práticas espaciais da Analógica bem como suas relações com outros praticantes do mesmo lugar, hora lugar, hora espaço. São as maneiras de apropriar as definidoras dentro deste horizonte de relativizações. Assim as práticas identificadas foram capazes de fornecer características importantes para compreender a organização estudada a partir das maneiras de fazer da organização (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011) e seu espaço urbano delimitado por seus bairros.

A seguir segue-se para a explicitação do último objetivo deste estudo, a saber: c) Indicar as influências das práticas espaciais no espaço urbano.

#### **4.4 O espaço organizacional e sua influência no espaço urbano**

Como visto, o espaço organizacional da Analógica expande-se, não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, mesmo que sob uma expansão relativa. As práticas espaciais têm sido suficientes para manter e garantir alguns dos interesses e necessidades da Organização até o momento.

No que tange ao espaço físico da própria Organização, pela figura do líder, Foco, além da Analógica, há o novo espaço do Estúdio e os vínculos com o ateliê do artista. Há assim atualmente três pontos fixos marcantes na formatação organizacional do espaço da Analógica, houve uma expansão física na própria rua (com dois estabelecimentos que se comunicam pela proximidade, pelas práticas e pelos sujeitos) e na rua de trás (o ateliê-casa do artista professor que desenvolve fortes vínculos com a Organização). Dois são os negócios de Foco, um imbrica-se física, profissional e simbolicamente em suas relações.

Três são as organizações hoje em fase de (ou) em atuação na espacialidade do quarteirão, naquele recorte do bairro. De ponto, vira o quarteirão e retorna à lateralidade seguinte. As relações antes vividas na rua da Analógica passam a se expandir para o quarteirão e estabelecem-se por novas proposições. Há expansões físicas e relacionais que incluem e aprofundam ainda, neste processo, outros grupos.

Pensando na Analógica como um usuário, seus usos no que tange ao espaço direto da rua podem ser observados como dispositivos práticos de apropriações do espaço público por vias simbólicas. Tem-se uma Organização que, por suas práticas aplicadas ao espaço público, podem apropriá-lo, pois aumentam, prolongam um dentro, efetuam a apropriação de um espaço. Frisa-se porém que esta se faz por parte de Foco e não pelos alunos, até o momento.

Apesar de estarem naquele espaço outros sujeitos, como a Ong com os catadores, moradores de rua/na rua, ou outros, a Organização em estudos naquele espaço da rua possui importância diferenciada em termos de apropriação, pois é ela a principal fomentadora e operacionalizadora de mais articulações entre os diferentes grupos. Isto se deve em grande parte pelo trabalho do maior representante da organização, em formatar um ambiente propício para o estabelecimento de relações que vão ampliando sua atuação no espaço urbano e social. Espaço este repleto de conflitos, denunciadores de marginalidades econômicas e sociais desenvolvidas ao longo dos tempos e que contribuem para a formatação da espacialidade neste contexto, físico e simbólico, presente.

O que isto significa para a Organização? Para a Analógica parece haver um caminho progressivo em construção, na formatação de seus interesses organizacionais, profissionais e culturais. Para o espaço urbano imediato, o espaço da rua, não se pode falar ainda em cluster cultural, em vista da fase e das características ali presentes. Como dito, não há circulação de pessoas, outras organizações ou serviços diretos ou complementares, interessados naquela atividade que estabeleçam uma territorialização, nem mesmo os alunos da organização circulam pelos seus arredores estabelecendo ali novos vínculos e interesses, o que confere ainda à Organização (em sua integralidade) a posição de uma apropriação parcial e simbólica do espaço. Mas há sim já a formatação de novas ocupações em uma mesma centralidade, que transformam o espaço organizacional da Analógica. As práticas de vizinhança direta (segurança e trabalhos sociais) tem provocado relações entre diferentes sujeitos com diferentes níveis de força com características de apropriação. Elas acabam por alterar uma dinâmica relacional e



local. Há uma dinâmica relacionada às condições de segurança sendo estabelecidas que permitem certa movimentação a um espaço antes ocioso, e os trabalhos sociais, os trabalhos configuram relações amistosas em espaços aparentemente abandonadas por outras forças sociais. Ações estas que ganham parceiros, como a Santa Casa, como já falado e as Ongs ali presentes. Há assim certa articulação de diferentes sujeitos em meio a estas práticas que podem formatar com o tempo, nova dinâmica social àquela espacialidade direta.

No que tange a vizinhança cultural, há a apropriação de outros locais de uso público e outros com finalidades próprias de uso compartilhado por instituições culturais em outras partes dos bairros. Nas práticas espaciais de vizinhança cultural formatam-se práticas pertinentes ao ramo artístico e que contribuem diretamente para a Organização, mas que, configuram principalmente novas espacialidades dentro do recorte dos bairros e mesmo da cidade. Como dito, ao usar as praças e outros espaços como os mercados, a Organização desloca sujeitos que passam a desenvolver novas formas de ocupação destes espaços, alguns mais, outros menos ociosos. Há com isto possibilidades de estabelecimentos de novas relações, como a possibilidade pretendida pela Organização de “revitalização”, pois há a abertura de novos caminhos. A Organização vai deixando braços e estes interferem nas dinâmicas de usos locais onde se instaura.

As práticas aqui chamadas de práticas de vizinhança cultural otimizam os espaços públicos que já possuem usos diferenciados daquele espaço da rua. São espaços de natureza de apropriações diferentes. Ao se pensar nas praças, são já locais vinculados à história e cultura dos moradores da cidade, possuindo além, importância turística, ou seja, são espaços que servem de lazer e consumo de grupos citadinos e externos. São locais que consolidam melhor o uso do termo “espaço público” concentrando pessoas diferentes, em diferentes apropriações, como o faz a Analógica. São apropriações que, ao mesmo que particularizam, fortalecem os vínculos do “público”. O mesmo ocorre com as práticas constituídas em espaços culturais típicos, museus, galerias e outros. São espaços para a finalidade de exposições, de apelo intrinsecamente cultural e que se alimentam de apropriações externas. Precisam delas assim como elas precisam destes lugares. Compartilham interesses, de um lado, um grupo precisa de artistas e sua arte para ocupar os locais, de outro, os artistas precisam de espaços para exposições. São geralmente lugares cujos usos históricos deixaram vácuos por não “saberem a arte de envelhecer curtindo seus passados” (CERTEAU, 2013, p.157) não por se modernizarem, conforme a Nova York de Certeau (2013), mas por não valorizar os próprios usos históricos

tradicionais, usos estes que não podem mais ser mantidos mesmo pelo progresso, mesmo pelas mudanças de valores da própria população ou cultura, mesmo pelo processo natural do próprio tempo. São espaços que precisam de usos “revitalizados” ou “requalificadores” para continuarem existindo como tal. Precisam utilizar o novo para manter o histórico e assim, na troca temporal entre estes usos, na necessidade de estabelecimento de fronteiras para aliar tempos, o passado e o presente, se aliam. São usos que geram cápsulas de tempo na modernidade. São trocas que, além de agregar valor para a Organização ou artistas (organizados ou não) que nela expõem, trazem o resgate de espaços esquecidos, ou seja, de lugares. São apropriações necessárias, bem vindas. São apropriações institucionalizadas. São as táticas da estratégia cultural da modernidade, ou a estratégia da tática cultural da modernidade (se pensarmos na cultura como uma ordem que precisa ainda jogar um complexo jogo de forças no qual por vezes é ordem, por vezes ela é sujeito ordinário, por vezes precisa instaurar um próprio no outro, por vezes é o próprio, por vezes é lugar, por vezes é espaço).

Neste sentido, Certeau (2012) fala da cultura como uma ordem trazida por dados sujeitos de querer e poder que tentam singularizar. Os espaços culturais usados pela Analógica possuem suas normas de uso, suas restrições havendo disputa na escolha por quem pode ou não fazer ali as apropriações pessoais, as apropriações consentidas. São espaços que impõem, ao mesmo que jogam um jogo. São espaços que precisam seguir dadas imposições mais amplas de uma cultura mais ampla, valores e normas seguidas naquele momento e ao mesmo tempo pensar em como podem transgredi-las, seja porque a transgressão é por vezes uma ordem, seja porque por vezes estes lugares se impõem de formas táticas explicitamente. Organizações como a Analógica podem ou não conseguir usufruir destes espaços. Há um jogo, um jogo de relações, um jogo de sujeitos, um jogo da arte, um jogo que procura incluir, mas que também exclui, são os jogos da cultura que inserem questões como as disputas por editais e tantas outras, que ficarão como sugestões de pesquisas para trabalhos futuros neste recorte analítico. Interessa aqui a apropriação organizacional neste espaço de disputas. A Analógica já tem conseguido um lugar neste jogo de posições, advindas das sucessivas espacializações e com isto, tem levado suas lentes, seus alunos a ampliarem suas visitas pela cidade, especificamente pelos bairros do Centro e Praia de Iracema. Com isto a Analógica tem conseguido trazer pessoas, ocupações, renovar os usos em espacialidades, muitas das quais esquecidas ou degradadas. Tem-se uma Organização privada de teor cultural que ao espacializar para si, expande e espacializa para o outro, atribui ainda novos usos para os espaços da cidade.

Revitaliza à maneira tática-estratégica-estratégica-tática de fazer. A organização, nestes termos não singulariza, ela pluraliza. É o que Foco coloca quando diz:

Apenas 1% da população tem acesso à arte, quero contribuir para ampliar este número. Faço mais por isto e pelo reconhecimento, por paixão, porque por ganhos... Nossa... É muito trabalho, muito perrengue, minha vida pessoal as vezes conturbada... Vários problemas... Não é fácil não, as vezes eu choro... Já chorei várias vezes... Dai tenho que respirar fundo...e voltar... Pra não deixar a peteca cair... Outro dia chegou uma menina... Olha essa menina que ta entrando... Ela chegou pra mim e falou: “Obrigada”, com os olhos cheios de água. É por isso... Ao receber um aluno que me chega falando que mudou sua vida pela fotografia, pelo que aprendeu aqui... Nossa... muda tudo...é por isso que eu trabalho (Foco, entrevista, 2014).

Existem outras naturezas e especificidades investidas nestas relações que, denunciam um eu organizacional no fazer organizacional. Que denunciam valores pessoais que são transmitidos no cotidiano, passam pela organização e chegam à cidade. Na cidade que se deseja “revitalizar”.

Segundo Mayol (2011, p.42) a privatização progressiva do espaço público trata-se “de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo por extensão o resto do mundo)”, constituindo o bairro um termo médio nesta relação, “é na tensão entre esses dois termos, um “dentro” e um “fora”, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. Um bairro, poder-se-ia dizer, é assim uma ampliação do habitáculo, para o usuário, ele se resume a soma das trajetórias inauguradas a partir de seu local de habitação (MAYOL, 2011, p.42). Há a ampliação do habitáculo organizacional, que soma trajetórias pelas práticas espaciais de vizinhança descritas.

Elas passam, por diferentes maneiras, em vista das diferentes relações, por este processo de privatização progressiva, de forma mais ou menos evidente, mais ou menos tática ou estratégica. A Analógica imprime diferentes níveis de força em jogos com seus diferentes vizinhos no estabelecimento de suas espacialidades. Com isto ela contribui para a formatação de um espaço social e cultural no espaço citadino. Não chegam a ser confrontos, há uma característica de sutileza nestes jogos relacionais na efetivação destes objetivos, há um surfar nas ondas de relações. Não foram evidenciados confrontos, mas sim negociações permanentes em vista de ocasiões e necessidades, o que confere à natureza destas relações.

Em adição, o uso de dados espaços contribui para outras espacialidades. Ao usar espaços públicos de forma prática, instaura-se, no caso das praças ou mercados uma

segurança relativa para a Organização, tenta-se instaurar um lugar. São espaços onde se consegue estabelecer certo grau de segurança nas atividades de passagens ou usos diários para os demais usuários. São os casos de praças como o Passeio Público, a Praça do Ferreira, ou mesmo os Mercados.

Figueiredo e Cavedon (2012, p.233) colocam que “a privatização do espaço público tende a expressar uma configuração relativamente homogênea” com grupos sociais semelhantes em termos de práticas com uma convivência que acaba por forçar a segregação espacial dos diferentes. Assim, o espaço urbano comportaria várias dimensões. Os grupos sociais inseridos aqui nas práticas de vizinhança física, aquelas da rua em estudos, não se assemelham, e não parece haver ainda esforços no sentido de segregar. Pelo contrário, as práticas desenvolvidas instauram um cenário de aglutinação, ao menos até agora. A Organização não chega a normatizar o espaço da vizinhança física. Contrariamente, os grupos sociais das práticas de vizinhança cultural, são grupos mais ou menos homogêneos e que compartilham relações e prática fomentadas pelas práticas artísticas.

No que tange ainda a vizinhança direta, a rua podia ser vista para intenções organizacionais (públicas ou privadas) como apenas um lugar, mas um lugar escolhido pela ordem racional para não ocupar, um lugar apenas de passagem, como visto, com aspectos de abandono. Esta não ocupação racional, este não espaço da ordem, ou seja este lugar da ordem em Certeau (2013) era constituída por um vazio de práticas racionais. Ela era um vazio de ordem racional e estratégica, ou ainda, um cheio de ordens paralelas e não formais, um cheio de ordens táticas. Hoje ela constitui-se como um cheio de táticas ainda informais e paralelas, mas em divisão com táticas formais. Ela é um espaço negociado, ocasionado, jogado, praticado taticamente. É um espaço de apropriação tática, seja pela Ong, seja pela Analógica, seja pelos moradores ou trabalhadores, que resistem ao espacializar. Praticar a rua pela Organização depende de uma tática que tem por lugar o lugar do outro, do público, do morador de e na rua, do catador, do passante, da Ong, de todos os demais, principalmente destes (por estarem ali em suas privatizações pessoais à medida de Certeau (2013)).

Outro fator é a própria localização da Organização, que denuncia de imediato sua relação com o espaço onde se situa. Tanto a organização quanto o bairro possuem identidades que se cruzam, pelas individualidades dos praticantes organizacionais, pelo presente (e passado) histórico e cultural, marcado por forte viés cultural e artístico, dos bairros. O perfil da organização Analógica, solicita por suas práticas, do imaginário,

peças e cultura presentes na configuração sócio-espacial do bairro Praia de Iracema e Centro. Este, por sua vez, atrai organizações marcadas pelas práticas culturais e artísticas *stricto sensu*, apesar de fatores territoriais e, portanto, sócio-políticos, que possam inibir tal atração de organizações (independentemente de seu perfil ou ramo de atuação), em primeiro momento.

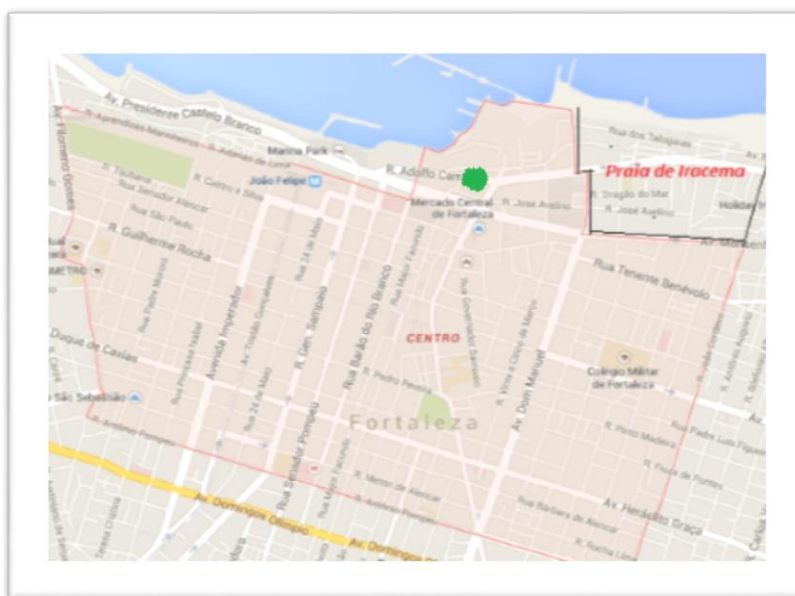
É o espaço presente no público que ela como ente privado precisa lidar, já que “o limite público/privado, que parece ser a estrutura fundadora do bairro, para a prática de um usuário, não é apenas uma separação, mas constitui uma separação que une. O público e o privado” são coexistentes e estão sempre interdependentes um do outro (MAYOL, 2011, p.43).

Estas práticas são as definidoras das formas de estar, são as definidoras das relações da Analógica com o bairro, são as definidoras das relações entre a organização e seu bairro e denunciam as formas de apropriação e além, denunciam uma dependência recíproca de usos e privatizações particulares. Denunciam as vivências de um bairro repleto de heterogeneidade e como ele reflete nas organizações que ali se instauram. Isto reflete assim as relações da organização com o bairro e ainda do bairro com a organização.

A maneira como a organização em estudos acontece a coloca como uma organização de ações reativas e também defensivas quanto a forças intrínsecas ao corpo social e que oferecem certa ameaça para sua estabilidade organizacional como colocam COOPER, BURRELL; 1988). Com estas ações, ela é capaz de alterar esta realidade social à sua maneira, dentro de um jogo.

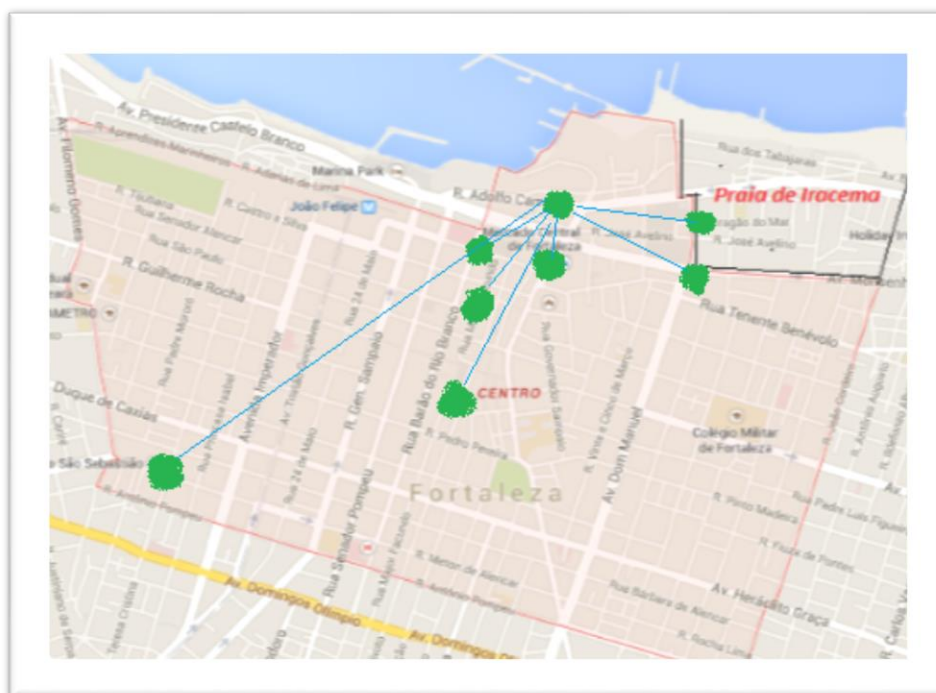
A figura 13 abaixo demonstra um retrato anterior da pesquisa e a figura 14, um retrato final. Há manchas, ou seja, áreas contíguas no espaço da cidade que apresentam equipamentos e propiciam a viabilização das práticas para a Organização, conforme as representações por manchas de Magnani (2002). Há assim, grande uso da Organização pela cidade a partir dos bairros, usos estes que, como dito, refletem ou sugerem especificidades que partem também da cidade para a organização. De apenas um ponto (em verde) na cidade, a organização demonstra espacializações em diversos outros lugares, demonstrando sua interferência no espaço urbano.

**Figura 13: Retrato anterior da pesquisa**



**Fonte:** Elaboração própria a partir de *Google Maps*

**Figura 14: Retrato final da pesquisa**



**Fonte:** Elaboração própria a partir de *Google Maps*

Os bairros Praia de Iracema e Centro são historicamente reconhecidos como lugares “undergrounds” e inserem-se como bolhas ou ilhas culturais dentro da capital cearense. Apesar do sentido imbuído aos termos ilha ou bolha no que tange ao contexto econômico, e em termos culturais, este espaço da cidade possui muitos vínculos, redes ou

relacionamentos, principalmente com o exterior do Estado, principalmente por situar-se em uma zona considerada turística.

A influência externa não se dá apenas por atividades turísticas, mas por moradores e empresários (muitas vezes advindos de outras cidades ou países) que escolheram os locais ou lugares, em vista de sua atratividade e contexto histórico-cultural, para desenvolver suas atividades econômicas, imbuindo um movimento de resistência à lógica de insegurança presente naquele local. Esta resistência advinda de empresários culturais, visitantes e principalmente artistas está intrinsecamente ligada a sua natureza, naturalmente subversiva e livre, nos modos sub-reptícios de instaurar suas privatizações, que transcendem visões de que dados lugares são mais apropriados para o desenvolvimento de atividades (lugares seguros, repletos de serviços e entretenimento). Isto sugere que apesar de espacialidades, grupos, pelo viés da resistência, conseguem reapropriar espaços para seu uso, e utilizando-se de táticas específicas que garantem sua manutenção e desenvolvimento no espaço. Este poderia ser tido como um estágio inicial de preparação de locais tidos como inadequados ou excluídos do que se considera como grandes centros culturais, a partir da força e imposição destes grupos, de forma que suas táticas tornam-se estratégias para um local. Uma estratégia, mais que de sobrevivência artística e econômica, de desenvolvimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Objetivando identificar e descrever as práticas de espaço da organização sob estudos em sua relação com o espaço urbano no qual se situa pelo recorte do bairro, foi

preciso compreender o contexto histórico dos espaços, organização e bairros, sob estudo, identificar os agentes e descrever os espaços da organização pelo recorte do bairro e indicar as influências das práticas espaciais no espaço urbano. As descrições e interpretações foram feitas por meio de um estudo de inspiração etnográfica entre uma Organização e seu espaço urbano, especificamente uma escola e produtora de fotografia na cidade de Fortaleza, inserida nos limiares dos bairros do Centro e Praia de Iracema.

Observei que as práticas espaciais da organização em estudos, aquelas que transformam lugares em espaços organizacionais por praticá-los e que foram aqui chamadas de práticas de vizinhança, relacionam o cotidiano organizacional ao cotidiano urbano e cultural no recorte citadino estudado. Há nesta relação uma extrapolação ocasional da Organização em uma espacialidade mais ampla, na qual estão presentes outros sujeitos e outras problemáticas referentes aos fenômenos sócio, econômico, culturais ou mesmo políticos contidos no espaço da cidade. Há nesta extrapolação, a identificação, pela Organização, de fatores alheios a seu horizonte funcional tradicional e que motivam práticas de forma a manter os interesses organizacionais pretendidos, o que foi evidente por meio das práticas de vizinhança direta ou física, especificamente pelas chamadas práticas de segurança e de trabalhos sociais. São práticas ainda que denunciam uma Organização tanto defensiva quanto reativa com relação às condições de outros espaços nos quais ela precisa interagir. Outras práticas denunciam uma Organização que, em meio ao seu cotidiano prático de ações e interações na esfera cultural e artística, (práticas de aprendizagem - os fotopasseios e as práticas de exposição artísticas) acabam por influenciar novos usos aos usos urbanos tradicionais, contribuindo para a esfera do público em espaços comuns muitas vezes marginalizados ou subutilizados em vista das mesmas problemáticas sociais, contidas na espacialidade urbana, problemáticas que evidenciam condições de insegurança, desigualdades sociais, desvalorização de patrimônios culturais pelos próprios cidadãos e outros. Outras práticas, chamadas aqui de vizinhança funcional, confirmam usos da espacialidade urbana do Centro, motivada mais por lógicas instrumentais e relacionadas à necessidades tipicamente racionais da vivência organizacional, na interação com o comércio e serviços do espaço citadino imediato.

Identifiquei lugares no espaço direto da rua e do quarteirão que significam o confronto organizacional ao mesmo tempo com espacialidades sociais mais amplas. Um confronto porém, como dito, sem confrontar. São lugares que neste não confronto, são espacializados pela Organização. Identifiquei além, apropriações de outros espaços públicos como praças, mercados e centros culturais cujo uso se dá com outros tipos de



negociações, mais pertinentes à lógica de negociação cultural, como no caso de centros culturais, ou sem a necessidade de negociações, como no caso das praças públicas, aqui, vistas como realmente públicas, ou seja, sem a exacerbação ou imposição de uma ordem mesmo que não estatal. Além de espaços típicos do aspecto organizacional como os fornecedores de insumos produtivos presentes na centralidade comercial dos bairros. Vale pontuar ainda o que foi chamado de Entreespaço, o espaço virtual que não pode ser ignorado por sua onipresença nas práticas intermediárias da organização.

Observei que os motivos históricos que constituem os bairros Centro e Praia de Iracema da atualidade formatam condições específicas para a atração de determinados grupos, constituídos aqui por organizações, especificamente o tipo de Organização em estudos, com viés cultural e artístico, reconhecendo-se serem estes motivos mensurados na palavra “*underground*”, suficientes mesmo em vista de condições espaciais menos propícias para formatação de estruturas organizacionais nos moldes racionais de produção, ou seja, que procuram condições de segurança e oferta de serviços mais intrinsecamente favoráveis para a organização de um negócio formal.

Os sujeitos foram também identificados, o sujeito Organizacional da Analógica, principalmente na figura de seu principal ordenador, Foco, além de outros sujeitos organizacionais e os alunos, os sujeitos presentes na vizinhança direta, os moradores, trabalhadores ou catadores e mesmo os passantes e os sujeitos passantes dos outros espaços, estes ainda mais passantes na pesquisa, à medida que ofereceram-se mais distantes e estão presentes nos espaços públicos, nas praças e mercados e centros culturais, além e por fim dos sujeitos reunidos no grupo “coletivo”. Todos estes influenciaram maneiras de observar o campo e as práticas em discussão.

As práticas identificadas foram descritas também na tentativa de se observar as relações que estabelecem dentro de estruturas ou jogos de forças, de forma a identificar lugares e espaços ocupados pela Organização. Neste sentido, deflagrou-se lugares e espaços de outros sujeitos em jogos complexos de posições, são as imbricações táticas-estratégicas.

Observei ainda que o próprio estabelecimento do negócio, por suas práticas espaciais, oferece sugestões que contribuem espacialmente para a transformação dos lugares, em vista das privatizações feitas e maneiras de privatizar, correspondentes por sua vez, a valores pessoais e organizacionais capazes de instaurar ou equilibrar diferentes ordens locais. No jogo transformacional de lugares em espaços e vice-versa pela Organização, os valores de seus sujeitos escolhem os lugares que se deseja transformar

havendo impactos nas estruturas e espacialidades urbanas em diferentes maneiras e por diferentes estilos de ação.

Em Certeau (2013) observar quem tem ou não um próprio, quem possui ou não a força, quem estabelece ou não um lugar, é importante para definir quais são as formas estratégicas ou táticas, ou como se dão estes arranjos em vista de contextos, sujeitos e momentos, em vista de diferentes temporalidades e relações, em vista de diferentes espacialidades, em suma, diante de tantas complexidades.

No campo em estudos, o jogo de forças não instaurou-se de forma muito nítida, o que alerta Certeau (2013) pois, nenhum dos sujeitos envolvidos, principalmente a Organização em estudos, estabeleceu imposições nítidas em suas práticas. Há sim o estabelecimento de maneiras de fazer que conquistam “sub-repticiamente” espaços. Há maneiras de espacializar, de estabelecer apropriações simbólicas, de se tentar tomar para si o lugar que é do outro, mas sem, como se evidencia em alguns estudos desta linha de pesquisas, propriamente instaurar uma ordem normalizadora que venha a estabelecer apenas os interesses de uma das partes, como os da Organização. Se observou que nem ela, em sua integralidade, apesar de pequenas conquistas, usa o lugar que espacializa totalmente, ou o espacializa totalmente. O que indica a divisão na integralidade organizacional, ou seja, a Organização não se constituiu como um corpo único de sujeitos e práticas, mas como um espaço com sujeitos ou grupos diferentes e com práticas que impactam diferentemente o cotidiano organizacional e a urbe onde se instaura. Estas práticas ainda assim ensejam uma Organização inchada espacialmente, que extrapola os limites impostos pelas paredes físicas ou mesmo pelas relações tipicamente organizacionais, à medida ainda que sujeitos, a princípio não característicos das práticas organizacionais internas são inseridos em práticas também organizacionais, mas que estão em uma externalidade, externalidade esta não vivida por alguns dos sujeitos organizacionais típicos, a par de muitas destas táticas vividas para manutenção da organização. O espaço organizacional é visto aqui como aquele em que a Organização tenta estabelecer um limiar de atuação própria. Ao que parece, porém, é que a ordem permanente é sugerida em uma estabilidade instável, que depende de permanentes proposições e ajustes, uma ordem de táticas para que se consigam estratégias. Uma ordem de sensibilidades, no trato e retrato com o outro, do outro e para o outro, o que é perseguido pela fotografia como arte, algo que retorna para um “eu”. Ao que parece a ordem é jogar, (ou fotografar). Fazer arte dentro de cenários ou espaços concorridos. Fazer e acontecer a organização dentre de espacialidades conflituosas.

Neste estudo, foi possível observar, conforme colocam Fieldman e Orlikowski (2011), as práticas espaciais de Certeau, chamadas aqui de práticas de vizinhança, como ações situadas, maneiras de fazer cotidianas da organização como produtoras de sua vida social, havendo um cotidiano de trabalho com relações diretas com outras práticas de sustentação da sociedade, como as práticas envolvidas no universo e espacialidade social (questões relacionadas à insegurança e condições de desigualdades sociais), cultural (interstícios com questões de promoção da arte e da cultura), urbano (formas de uso e apropriação de lugares públicos e diferentes constituições de relações sociais nestes espaços). Observou-se ainda as práticas de uma Organização como extrapoladas à visão tradicional binária de um “dentro” ou fora” posto que há um movimento de ações ou práticas que intercalam-se entre a Organização e o espaço urbano sendo mais apropriado pensar na figura de braços permeáveis de ação da organização na espacialidade urbana; há ainda relações mutuamente constitutivas, já que os fenômenos ou as práticas constituem-se dependentemente de outros fenômenos sociais. Não é possível desconectar às análises organizacionais destas articulações sociais, já que há fortes imbricações entre as diferentes espacialidades.

Observei práticas motivadas fortemente pelo teor relacional e que colocam-se como flexíveis aos acontecimentos sociais. São os efeitos das espacialidades sociais onde se situa a Organização que moldam muitas de suas práticas organizacionais, com efeitos que alteram um cotidiano organizacional e são capazes ainda de alterar em movimento contrário, o cotidiano destas espacialidades onde a organização se insere. São práticas com razões culturais e caráter provisório e adaptativo, que estão em constante transformação de acordo com o contexto ou espacialidade local. São o que colocam Rache e Chia (2007), ao pontuar Certeau como teórico que analisa as práticas como relacionais e flexíveis. Isto vem a fortalecer a escolha deste autor para as análises feitas no campo escolhido. Isto pois, como “maneiras de fazer”, Certeau (2013) considera o cotidiano ou aqui o cotidiano do trabalho no próprio espaço organizacional, como sendo produzido socialmente e constituído processualmente como colocam Fieldman e Orlikowski (2011).

As práticas são o elo que atua nos lugares e espaços. Já o bairro traduziu-se em campo na própria soma das trajetórias inauguradas a partir do local da organização. Ele mostrou marcas dos sujeitos, fluxo de interações descontínuas e diferentes sociabilidades. Foi um lugar ou um espaço, recorte significativo da cidade que expressou práticas sociais de forma particularizada, que contribuíram para a compreensão de situações mais densas

vivenciadas no cotidiano da própria cidade por suas articulações, isto por meio das práticas espaciais da organização.

A organização por suas práticas mostrou-se motivada por sua identidade cultural, posto que a cultura, nas diferentes definições propostas por Certeau (2012), ainda em especial aquela que vincula-se diretamente a pluralização da arte, é pelo discurso e práticas da Organização, promotora de muitas de suas práticas. A disseminação da cultura é feita por práticas espaciais que espelham as maneiras de lidar com o espaço social onde se insere. Há certo despojamento nos estilos de fazer organizacional motivados pelas maneiras de fazer arte, uma natureza estética, ética e prática no saber-fazer cotidiano, que refletem-se nas práticas com sujeitos externos a organização, a ponto de alguns serem tomados esporadicamente como sujeitos organizacionais.

Há assim ainda a confirmação da relação exposta por Florida (2012) e Landry (2000), entre cidade e organização. Exposta aqui por meio de práticas que mensuram a imbricação entre as relações organizacionais e urbanas. A especificidade nesta relação está justamente no estilo de fazer. Em vista das condições expostas na espacialidade urbana e das características organizacionais, a prática artística e criativa motiva diferentes criatividades no cenário urbano imediato, mensurados pelas práticas táticas da organização. São relações específicas motivadas pelo estilo criativo, tático advindo de sujeitos envolvidos com a arte. Parece haver um fomento na prática artística que influencia outros tipos de relações espaciais.

Ao estudar as práticas em Administração, busca-se revelar uma articulação na qual elas se envolvem com as estruturas sociais em uma dinâmica em contínua construção (SHATZKI, 2006). No contexto histórico-social ou espacialidade onde se instaura a organização, há a prática como resultante da ação do sujeito social. Observei neste estudo uma Organização que se constituiu como um espaço de arranjos práticos mais táticos em suas interações espaciais. Em meio aos mecanismos de estabilização do cotidiano, mesmo que as práticas não provoquem deslocamentos estruturais, elas acarretam transgressões sutis que nem por isso deixam de incidir nas relações dos sujeitos sociais. Os arranjos das práticas constituem os processos organizacionais, de forma a posicionar a organização e sujeitos na sociedade, e possibilitam os movimentos dos mesmos em suas espacialidades.

Assim, a partir do percurso da pesquisa foi possível responder à questão inicialmente estabelecida, compreendendo que as práticas imbricadas entre a Organização e seus bairros partem de uma Organização que tenta estabelecer sociabilidades que não podem excluir as relações com o ambiente urbano, pois estão intrinsecamente a ele

vinculados, pois dele dependem e com ele precisam se relacionar e, nestas relações parece predominar o tipo tático, mas podem possuir características estratégicas, dependendo do que denunciam, das relações de forças envolvidas e em diferentes graus e momentos de atuação.

Isto implica dizer que dadas organizações, por suas práticas, mesmo táticas e não estratégicas, podem dispor de um papel transformador em sua urbe, alterando conflitos relacionados à questões sociais, como a insegurança ou a desvalorização cultural, por exemplo. Utilizam-se de práticas criativas e transformadoras de não-confronto para garantir seus interesses e com isto, contribuem para novos arranjos relacionais com o espaço. Organizações mesmo pequenas que, por suas limitações e condições, precisam inovar em maneiras de lidar com questões constantemente retratadas como problemas permanentes em contexto citadino, sugerindo possíveis maneiras estratégicas de lidar com assuntos sociais há muito discutidos.

Há aqui interfaces com questões relacionadas às discussões sobre a Responsabilidade Social, Empreendedorismo e Inovação em Administração, interfaces com discussões relacionadas à Cultura, em aspectos de resgate e valorização de bens e patrimônios, e aspectos relacionados ao Planejamento urbano e Meio Ambiente em sentido lato.

A partir dessas reflexões, este estudo contribui com a pesquisa sobre práticas organizacionais, analisando de modo particular a cotidianidade de uma organização do setor cultural e suas dificuldades em lidar com imposições espaciais, exigindo-lhe a proposição de práticas táticas. São as práticas espaciais, ou seja, aquelas que apropriam lugares para usos diversos, aqui organizacionais, aquelas que expandem a Organização provocando certa apropriação simbólica de lugares, mas não de forma isolada. Por seu caráter tático, estas práticas concorrem com as práticas de outros sujeitos, igualando espacialmente usos aparentemente competitivos, mesmo por lugares aparentemente ociosos. Isso amplia o que vem sendo estudado atualmente no âmbito nacional a respeito das práticas espaciais.

Este estudo vem a contribuir ainda por mostrar como organizações informais, interferem nas formalidades das organizações, discussões estas pertinentes ao limiar de discussões das passagens do modernismo para o pós-modernismo. Observou-se aqui que, como colocam estudos pós-modernistas tem-se formas organizacionais cuja operacionalização tem modos de racionalidade diferentes. Apontam traços de formas

organizacionais ainda mais flexíveis, muito por constituir-se em uma pequena organização.

Outra contribuição deixada por este estudo é em termos metodológicos, a partir do uso de técnicas como a etnografia de rua como forma de compreender melhor as relações que se estabelecem nos diferentes espaços, já que o tipo de ação exemplificado neste trabalho começou no espaço da Organização, passou pelo espaço da rua, cruzou-se no espaço da Internet e culminou em outros espaços urbanos.

Uma série de questões interessantes emergiram do campo, mas nem todas elas se enquadraram no escopo de pesquisa inicialmente proposto, como outras práticas internas inerentes ao negócio que articulam um movimento cultural mais amplo. Como limitações deste estudo tem-se: não se fez a análise de elementos como crível, o memorável e o primitivo, tratados por Certeau (2013) em termos de práticas espaciais. O maior aprofundamento das relações estabelecidas no ambiente virtual e aprofundamentos das articulações entre autores como Foucault e outros autores em descrições e interpretações que tangenciam aspectos de poder e mesmo Shatzki, nos modos de fazer tradicionais aos aspectos operacionais da organização. Em adição, limitações em vista do tempo em campo que impediram maior aprofundamento das relações espaciais, e as dificuldades relacionadas ao próprio recorte do bairro, cujo esforço mais amplo de pesquisa mostrou-se pertinente.

Como sugestões para trabalhos futuros indico o aprofundamento das discussões descritas acima e o estudo de práticas relacionais que circunscrevem horizontes de discussões artístico-culturais, como o uso de editais, ou mesmo o aprofundamento em organizações tidas como culturais e suas peculiaridades, as articulações institucionais e com outras organizações culturais nas práticas artísticas propriamente ditas, os conflitos espaciais que engendram, a disputa por lugares e espacialidades, as relações ali competitivas e que formam segregações nas práticas artísticas, bem como o aprofundamento de aspectos subjetivos constitutivos das práticas. Observo que se faz necessário compreender as questões de classes sociais que emergiram na pesquisa. Compreender como uma organização cultural é suscetível a ordem cultural vigente e como ela faz em termos de práticas táticas e estratégicas. Outros estudos pertinentes à discussão das práticas como as práticas Estéticas e a Teoria Ator-Rede também se fariam apropriadas em vista do valor dado, neste tipo de organização, às sensibilidades e objetos.

**REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, A.M.M.; CARLEIAL, A.N. **Opulência e Miséria nos Bairros de Fortaleza**. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais. Universidade de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2003.

ALCADIPANI, R. ROSA, A.R. **O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do “Borat” Brasileiro**. RAE - Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 50, n. 4, out./dez. 2010.

ALCADIPANI, R.; SANTOS, L.L.S. **Por uma Epistemologia das Práticas Administrativas: a Contribuição de Theodore Schatzki**. XXXIV ENANPD, RJ, p.1-17, 2010. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2010/EPQ/EPQ1092.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2010/EPQ/EPQ1092.pdf). Acesso em 24 Abr. 2013.

ALVESSON, M.; SKÖLDBERG, K. **Reflexive methodology: new vistas for qualitative research**. London: Sage, 2000.

ARNHEIN, R. **Arte e percepção visual**. São Paulo, EDUSP, 1980.

ATKINSON, P.; HAMMERSLEY, M. **Ethnography and Participant Observation**. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (eds.). The Sage Handbook of Qualitative Research. 1 ed. California: Sage Publications, p. 249-261, 1994.

BARBOSA, L.N.H. **Cultura Administrativa: Uma nova Perspectiva das Relações entre antropologia e Administração**. RAE - Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 36, n. 4, p. 6-19 Out./Nov./Dez. 1996.

BARBOSA, L N. H. **Marketing Etnográfico: colocando a etnografia no seu devido lugar**. RAE, n.3, v.43, p.100-105, jul-set. 2003.

BATE, S. P. **Whatever happened to Organizational Anthropology? A Review of the Field of Organizational Ethnography and Anthropological Studies.** Human Relations, v. 50, n. 9, p. 1147-1175, 1997.

BARREIRA, I. A. F. **Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro.** Análise Social, vol. XLII (182), 163-180. 2007. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218649065R1zUP1bi5Sz77BV7.pdf>

Acessado em: 24/08/2014.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAZTÁN, A. A. **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** Barcelona: Marcombo, 1995.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism: perspective and method.** USA: University of California Press, 1986.

BOTELHO, T.R. **Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís.** Revista eure (Vol. XXXI, Nº 93), pp. 53-71, Santiago de Chile, agosto 2005.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice.** Cambridge: Cambridge Press, 1977.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. **Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning and innovating.** Organization Science, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991.

CAVALCANTE, A. P. H. **Metodologia de Previsão de Viagens a Pólo Gerador de Tráfego de Uso Misto: Estudo de Caso para a Cidade de Fortaleza.** Dissertação (Mestrado). COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002.



CAVEDON, N.R. **O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas**. In: Encontro nacional dos programas de pós-graduação em administração, 23, 1999, Foz do Iguaçu, PR. Anais... [S.I.]: 1999. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os saberes sociais produzidos no cotidiano**. In: CAVEDON, N. R. (Org.). Representações sociais na área de gestão em saúde: teoria e prática. Porto Alegre: Dacasa, 2005.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sergio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Campos Vieira; Revisão: Mary Amazonas Leite de Barros. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. 361 p. (Coleção Estudos).

CAVEDON, N.R.; FERRAZ, D.L.S. **Representações Sociais e Estratégia em Pequenos Negócios**. RAE – Revista da Administração de Empresas – eletrônica. v. 4, n. 1, Art. 14, jan./jul. 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Morar; Cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.322, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papirus, p.253, 2012.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.322, 2013.

CHIA, R. **Strategy-in-action: towards a phenomenology of practical coping**. European Group for Organizational Studies Colloquium, 2004.

CHIESA, C.D., CAVEDON, N.R. **Entre lugares e não-lugares: etnografia da Casa de Cultura Digital no espaço público e no ciberespaço**. 37º Enanpad, RJ: 2013.

COOPER, R. **Modernism, postmodernism and organizational analysis: the contribution of Jacques Derrida**. Organization Studies, v. 10, n. 4, p. 479-50, 1989.

COOPER, R. BURRELL, G. **Modernism, PostModernis and Organitonal Analysis: An introduction**. Organization Studies. 1988, p.91-112.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? *Management Learning*, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.

DALE, K., BURRELL, G. **The Spaces of Organisation & The Organization of Space: Power, Identity & Materiality at Work**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2008.

DELLAGNELO, E. L.; MACHADO-DA-SILVA, C.L. **Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações?** o & s - v.7 - n.19 - Setembro/Dezembro – 2000. p.19-33.

DREYFUS, H. L. **How Heidegger defends the possibility of a correspondence theory of truth with respect to the entities of natural science**. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). *The practice turn in contemporary*. London: Routledge, 2001.

DREYFUS, H. L., *Ser-en-el-mundo*. Santiago de Chile: Ed. Cuatro Vientos, 2002.

ECCEL, C.S., CAVEDON, N.R., CRAIDE, A. **A empresa familiar cachorro quente do rosário: entre a Antropologia e a Administração**. o&s - v.14 - n.42 - Julho/Setembro – 2007.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. RUA: revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, Campinas, n. 9, p. 101-127, mar. 2003.

ENGESTRÖM, Y.; BLACKLER, F. **On the life of the object**. *Organization*, v.12, n.3, 2005.

FANTINEL, L. **Cultura organizacional, lugar e memória – representações de espaço e tempo em dois restaurantes em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2008.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. **Theorizing Practice and Practicing Theory.** *Organization Science*, v. 22, n. 5, p. 1240–1253, 2011.

FIGUEIREDO, M.D., CAVEDON, N.R. **O espaço organizacional e o espaço da cidade: as diversas formas de apropriação física e simbólica de um centro comercial em Porto Alegre.** *GESTÃO E SOCIEDADE*, Belo Horizonte, v.6, n.15, p. 227-253, 2012.

FIGUEIREDO, M.D., CAVEDON, N.R. LEITE-DA-SILVA, A.R. **A desvalorização de grupos sociais no espaço comum de pequenas organizações: um estudo sobre representações sociais em um centro comercial.** *o & s - Salvador*, v.20 - n.64, p. 55-73 - Janeiro/Março – 2013 p.55-73.

FORTUNA, C. **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais.** Oeiras, Celta Editora, 1999.

FLORES-PEREIRA, M.T., CAVEDON, N.R. **Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center.** *CADERNOS EBAPE. BR*, v. 7, nº 1, artigo 10, Rio de Janeiro, Mar. 2009.

FLORES-PEREIRA, M.T., CAVEDON, N.R. **Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center.** *CADERNOS EBAPE. BR*, v. 7, nº 1, artigo 10, Rio de Janeiro, Mar. 2009

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class – Revisited.** New York: Basic Books, 2012.

FONTENELE, S.S. **Transformações na área centro-portuária de Fortaleza.** X Encontro Nacional da Anpur. *Novas socialibilidades: cultura, diversidade e diversidade na produção do espaço.* Disponível em: <  
<http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/2479/2449>  
> Acessado em: 27/09/2014.

FOUCAULT, M., *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, p.432, 2006.

GARCIA, A. C. et al. **Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication**. *Journal of Contemporary Ethnography*. v. 38; n. 52, p. 52-84, fev. 2009.

GARFINKEL, H. **Studios en Etnometodología**. Barcelona: Anthropos, 2006.

GAY, P. du. **Consumption and identity at work**. Londres: Sage, 1996.

GAY, P. du. **Organizing identity: making up people at work**. In: P. du Gay (Ed.), *Production of culture / cultures of production*. Londres: Sage, 1997, pp. 285-344.

GEERTZ, C. (1926) **A interpretação das culturas**/- 1. ed. 13. reimpr. – 323p. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **The Constitution of Society**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GHERARDI, S. **Practice-Based Theorizing on Learning and Knowing in Organizations**. *Organization*, v. 7, n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, S. **From organizational learning to practice-based knowing**. *Human Relations*, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

\_\_\_\_\_. **Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

\_\_\_\_\_. **Practice? It's a Matter of Taste!**. *Management Learning*, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

GHERARDI, S; NICOLINI, D. **The Sociological Foundations of Organizational Learning**. In: DIERKES, M. et al. (Org.) *Organizational learning and knowledge*, Oxford: Oxford University Press, 2001. p.35-60.

\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Transfer is to Transform: The Circulation of Safety Knowledge.** In: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. *Knowing in organizations: a practice-based approach.* New York: M.E. Sharpe, 2003.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D. ODELLA, F. **Toward a Social Understanding of How People Learn in Organizations: the notion of situated curriculum.** *Management Learning*, v. 29, n. 3, p. 273-297, 1998.

GOODE, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

LANDRY, C. **The Creative City.** Londres: Earthscan Publications Ltd, 2000.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LAPONTE, L.G. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino.** *Estudos Feministas. UFRGS. ANO 10. 2º Semestre*, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo Martins Fontes, 1994.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. **Knowing in organizations: a practice-based approach.** New York: M. E. Sharpe, 2003.

REIS, A. C. F., KAGEYAMA, P. (Orgs.). **Cidades criativas: perspectivas.** São Paulo: Garimpo de soluções, 2011.

ROBERTS, J. **Limits to Communities of Practice.** *Journal of Management Studies*, v. 43, n. 3, p. 623-639, 2006.

GHERARDI, S. **Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations.** *Organization*, v.7, n.2, p.211-223, 2000.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D. ODELLA, F. **Toward a Social Understanding of How People Learn in Organizations: the notion of situated curriculum.** *Management Learning*, v. 29, n. 3, p. 273-297, 1998.

GIL, A. C. (1946) **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIM, L. **Desenho Urbano e Imaginário Socio-espacial da cidade: a produção de imagens da moderna Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.** (Relatório de pesquisa submetido Fundação Cearense de Amparo Pesquisa). Fortaleza, 2000, mimeo.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural.** SP: Ed. Loyola, 1989.

IPIRANGA, A.S.R. **A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes.** RAM – REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO MACKENZIE, V. 11, N. 1, SÃO PAULO, SP, p. 65-91, JAN./FEV. 2010.

JAMESON, F. **A virada cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JAIME JÚNIOR, P. **Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional.** In: LENGLER, J. F. B; CAVEDON, N. R. (Orgs.). Pós-modernidade e etnografia nas organizações. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

JARZABKOWSKI, P. **Strategy as practice: recursiveness, adaptation and practices-in-use.** *Organization Studies*, v.25, n.4, p.529-560, 2004.

JUNQUILHO, G. S., ALMEIDA, R. A., LEITE DA SILVA, A. R. **As “artes do fazer” gestão na escola pública: uma proposta de estudo.** *Cad. EBAPE.BR*, v. 10, nº 2, artigo 5, Rio de Janeiro, p.329–356. Jun. 2012.

KNORR-CETINA, K. **Objectual practice.** In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). *The practice turn in contemporary*

LASH, S.; URR, J. **Economies of sign and space**. London: Sage, 1994.

LAPONTE, L.G. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino**. Estudos Feministas. UFGRS. ANO 10. 2º Semestre, 2002.

LANDRY, C. **Lineages of the Creative City**. In: **Netherlands Architecture Institute**, 2005. Disponível em: <[http://www.comedia.org.uk/pages/pdf/downloads/Lineages\\_of\\_the\\_Creative\\_City.pdf](http://www.comedia.org.uk/pages/pdf/downloads/Lineages_of_the_Creative_City.pdf) >. Acesso em: 20 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. **The Creative city, a toolkit for urban innovators**. London: Earthscan Publications Ltd, 2004.

\_\_\_\_\_. **The Creative City**. Londres: Earthscan Publications Ltd, 2000.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEADBEATER, C. **Living on Thin Air: The New Economy**. London: Penguin, 2000.

LEITÃO, A.B. **Economia Criativa na Pauta das Políticas Culturais: O papel de identidades produtivas na valorização da cultura local e ressignificações do Interior**. XI Conlab – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade federal da Bahia. Salvador, 2011.

LEITÃO, C. S., GUILHERME, L. L., OLIVEIRA, L. A. G., GONDIM, R. V. **Indústrias criativas: alternativa de desenvolvimento regional**. Liinc em Revista, v.7, n.2, Rio de Janeiro, p. 538 – 555, setembro, 2011. – Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>.

LEITE-DA-SILVA, A.R. **As práticas sociais e o “fazer estratégia” um estudo dos comerciantes de hortifrutícolas no Mercado da Vila Rubim**. Tese de doutorado. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG): 2007.

LEVY, S. F.: **Does marketing need anthropology?** In: SHERRY, J.F., JR. **Contemporary Marketing and Consumer Behavior: An Anthropological Sourcebook**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995, p. 9-14.1995.

LIMA, C. L. C. **Redes sociais e aglomeração produtivas culturais: proposição de método de pesquisa e aplicação ao caso da produção de filmes em Salvador.** Tese de doutorado em Cultura e Sociedade – Universidade Federal da Bahia, 2009.

LIMA, B. C. C., CABRAL, A. C. A., PESSOA, M. N. M. P., SANTOS, S. M. **ECONOMIA CRIATIVA NO CEARÁ: Um estudo da institucionalização do campo do humor.** XXXVI Enanpad: Rio de Janeiro, 2012.

LINSTEAD, Stephen. **The Social Anthropology of Management.** British Journal of Management, v. 8, 85-98, 1997.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista brasileira de ciências sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>> Acesso em: 09/03/2015.

\_\_\_\_\_. **A rua e a evolução da sociabilidade.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANNING, P. K. **Semiotics, Semantics and Ethnography.** In: Atkinson, P.; Coffey, A. J.; Delamont, S.; Lofland, J.; Lofland, L. H (eds.). *The Sage Handbook of Ethnography.* California: Sage Publications, p. 145-159, 2001.

MASCARENHAS, A. O. **Etnografia e Cultura Organizacional: Uma contribuição da Antropologia à Administração de Empresas.** RAE - Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 42, n. 2, p. 88-94, Abr./Jun. 2002.

MASO, I. **Phenomenology and Ethnography.** In: Atkinson, P.; Coffey, A. J.; Delamont, S.; Lofland, J.; Lofland, L. H (eds.). *The Sage Handbook of Ethnography.* California: Sage Publications, p. 136-144, 2001.



MAYOL, P. Primeira Parte: Morar. In CERTEAU, M., GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. p.37-207. 10ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NEGRI, A.; LAZZARATO, A. **O trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DPA, 2001.

OLIVEIRA, J.S., CAVEDON, N. R. **Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense**. RAE – Revista da Administração Contemporânea - eletrônica São Paulo , v. 53 , n. 2 , 156-168, mar/abr. 2013.

ORLIKOWSKI, W. J. **Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing**. Organization Science, v.13, n.3, p.249-273, 2002.

ORLIKOWSKI, W.J. “**Engaging Practice in Research: Phenomenon, Perspective, and Philosophy**.” in Damon Golsorkhi, Linda Rouleau, David Seidl, and Eero Vaara (eds.) The Cambridge Handbook on Strategy as Practice. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 23-33. 2010.

ORR, J. E. **Talking about machines: an ethnography of a modern job**. Ithaca, NY: ILR Press, 1996.

O'TOOLE, P.; WERE, P. **Observing places: using space and material culture in qualitative research**. Qualitative Research. V. 8, p.616-636, 2008.

PAÇO-CUNHA, E., TURETA, C. BICALHO, R.A. KNOP, M.F.T. **Repensando a Prática nas Pequenas Empresas: Tradição, Emergência e Inquietações**. Encontro Nacional de Estudo Organizacionais – Eneo. 2006. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod\\_edicao\\_subsecao=57&cod\\_evento\\_edicao=18&cod\\_edicao\\_trabalho=4391](http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=57&cod_evento_edicao=18&cod_edicao_trabalho=4391) Acessado: 24/05/2014.

RASCHE, A.; CHIA, R. **Strategy practices – what they are (not)**. In: EUROPEAN GROUP OF ORGANIZATION STUDIES, 23. 2007.

RECKWITZ, A. **Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing**. European Journal of Social Theory. v. 2, n. 5, p. 243-263, London: Sage, 2002.

REIS, A. C. F., KAGEYAMA, P. (Orgs.). **Cidades criativas: perspectivas**. São Paulo: Garimpo de soluções, 2011.

ROBERTS, J. Limits to Communities of Practice. Journal of Management Studies, v. 43, n. 3, p. 623-639, 2006.

ROCHA, E.; BARROS, C.; PEREIRA, C. **Fronteiras e limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica**. In: LENGLER, J. F. B.; CAVEDON, N. R. Pós-modernidade e etnografia nas organizações. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANDAY, P. R. **The ethnographic paradigm(s)**. In: VAN MAANEN, John (Ed.). Qualitative methodology. Newbury Park: SAGE, 1983.

SANTOS, L. L. S; ALCADIPANI, R. **Por uma Epistemologia das Práticas Administrativas: a Contribuição de Theodore Schatzki**. 34º Enanpad. RJ. 2010.

SCHARF, E.R.; SORIANO-SIERRA, E.J. A Gestão do conhecimento e o valor percebido: estratégia competitiva sustentável para a era do conhecimento. In: **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v.5, p. 87-108, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1807-17752008000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1807-17752008000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 23 Abr. 2013.

SEGERS K; HUIJGH, E. **Clarifying the complexity and ambivalence of the cultural industries**. Working paper; n. 2, p. 17, 2006.

SILVA, J. B. **Nas Trilhas da cidade**. Coleção Outras Histórias 3. Museu do Ceará - Secretaria de Desporto e de Cultura do Estado, Fortaleza, C.E., 1999.

SIMMEL, G. **Sociología, 2, Estudios sobre las Formas de Socializacion**, Madrid, Alianza Editorial. 1986.

SCHRAMM, S. M. O. **Território livre de Iracema: so nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema**. Fortaleza, Dissertação de Mestrado em Sociologia da UFC, 2001.

SCHATZKI, T.R., KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. **The Practice turn in conteprany theory**. London: Routledge, 2001.

SCHATZKI, T.R. **Practice mind-ed orders**. In: \_\_\_\_\_; KNORR-CETINA, K; VON SAVIGNY, E (Ed.). *The practice turn in contemporary Theory*. London: Routledge, 2001.

SCHATZKI, T. R **The sites of organizations**. *Organization Studies*, v. 26, n. 3, p. 465-484, mar. 2005.

SCHATZKI, T. R. **On organizations as they happen**. *Organization Studies*, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

STRATI, A. **Sensible Knowledge and Practice-based Learning**. *Management Learning*, v. 38, n. 1, p.61-77, 2007.

TEDLOCK, B. **Ethnography and Ethnography Representation**. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (eds.). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. 2<sup>rd</sup> ed. California: Sage Publications, p. 455-486, 2000.

TURETA, C., ALCADIPANI, R. **Entre o Observador e o Integrante da Escola de Samba: os Não-Humanos e as Transformações Durante uma Pesquisa de Campo**. *RAC – Revista da Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 2, art. 3,p. 209-227, Mar./Abr. 2011.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O objeto objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo.** CADERNOS EBAPE. BR, v. 7, nº 1, artigo 4, Rio de Janeiro, Mar. 2009.

TURETA, C., LIMA, J.B. **Estratégia como prática social: o estrategizar em uma rede interorganizacional.** RAM, Rev. Adm. Mackenzie, v. 12, n. 6, ed. Especial, São Paulo, SP, nov./dez. 2011. p.77-108.

WARDE, A. **Consumption, identity-formation and uncertainty.** Sociology – the Journal of the British Sociological Association, v.28, n.4, p.877-898, 1994.

YANOW, D. **Seeing Organizational Learning: A “Cultural” View.** In: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. Knowing in organizations: a practice-based approach. New York: M.E. Sharpe, 2003. p. 32-52.

YANOW, D. **Talking about practices: on Julian Orr's talking about machines.** Organization Studies, v.27, n.12, p.1743- 1756, 2006.

Sites:

Cine Ceara. Disponível em: <http://www.cineceara.com/2014/>. Acessado em: [11/11/2014](http://www.cineceara.com/2014/).

Feira da Música. Disponível em <http://www.feiradamusica2014.com/2014/landing/index.html>. Acessado em: [14/10/2014](http://www.feiradamusica2014.com/2014/landing/index.html).

Fortaleza Nobre. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/>. Acessado em 10/09/2014.

Narrativas poéticas Unifor. Disponível em: [http://www.unifor.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6090:narrativas-poeticas&catid=227:em-cartaz&Itemid=1175](http://www.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6090:narrativas-poeticas&catid=227:em-cartaz&Itemid=1175). Acessado em: 13/11/2014.

OFF Fortaleza. Disponível em: <http://offfortaleza.com/>. Acessado em: 13/12/2014.

Festival Fest Filmes. Disponível em: <https://www.facebook.com/FestivalFestFilmes>.  
[Acessado em 12/12/2014.](#)

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

**ESTE ROTEIRO FOI ELABORADO COM O OBJETIVO DE COLETAR DADOS PARA A CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado cujo título é “PRÁTICAS ESPACIAIS COTIDIANAS: ESTUDO ETNOGRÁFICO ENTRE UMA ESCOLA E PRODUTORA DE FOTOGRAFIA E SEU LUGAR PRATICADO.” ESTE INSTRUMENTO SERÁ UTILIZADO EXCLUSIVAMENTE PARA FINS ACADÊMICOS E AS RESPOSTAS OBTIDAS SERÃO REUNIDAS EM GRUPO, COM ISSO, ELAS NÃO SERÃO INDIVIDUALIZADAS E NEM OS RESPONDENTES SERÃO IDENTIFICADOS. DESDE JÁ AGRADEÇO A COLABORAÇÃO E SINCERIDADE EMPREGADAS PARA RESPONDER ESTAS PERGUNTAS.**

- 1 Conte-me sobre a história da Analógica (Por que começou, quando, por que está localizada, quando, quem fez parte deste início...).
- 2 Fale-me sobre a Analógica, as atividades, rotinas, como funciona.
- 3 Por que a Fotografia? O que ela significa para você?
- 4 Conte-me sobre sua história de vida, o relacionamento entre você, a Analógica e sua família.
- 5 Fale-me sobre seu relacionamento e a Analógica com a localização, a rua, o bairro, ou mesmo a cidade. Como é o relacionamento com a vizinhança? O dia a dia?
- 6 Quais são os momentos mais difíceis e o que o motiva?

Obs: Este roteiro sofreu alterações em vista de diferentes informantes. Este foi pensado para o principal gestor. Vale pontuar além que são perguntas norteadoras, sendo muitas outras surgidas no decorrer das entrevistas e conversas em campo.

